



REVISTA

da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

APOIO CULTURAL



**Estado de
Mato Grosso do Sul**



**FUNDAÇÃO
DE CULTURA
DE MATO GROSSO DO SUL**

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E DIRIGIDA



REVISTA

da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

N. 17

Setembro de 2010

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

Copyright © 2010
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

17ª Edição - Setembro de 2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras/
- Campo Grande, MS: Life Editora, 2010.

160p

ISSN 2178-5511

1. Literatura Sul-Mato-Grossense

CDD - 869

Projeto Gráfico: Endrigo Valadão e Valter Jeronymo

Capa (Criação e Finalização): Mota Junior

Coordenação: Rubenio Marcelo e Reginaldo Alves de Araújo

Diagramação: Mota Junior

Revisão Final: Valter Jeronymo e Rubenio Marcelo

Foto da capa: Postal cedido por Maria Nair Ottoni Prado

Impressão e Acabamento: Gráfica Viena



Diretoria (2008/2011)

Presidente: **Reginaldo Alves de Araújo**

Vice-Presidente: **Abrão Razuk**

Secretário-Geral: **Rubenio Marcelo**

Secretário: **Valmir Batista Corrêa**

Tesoureiro: **Guimarães Rocha**

Segundo Tesoureiro: **Augusto César Proença**



Life Editora

Rua Américo Vespúcio, 255 - Santo Antônio

CEP: 79.100-470 - Campo Grande - MS

Fones: (67) **3362 5545** - Cel. (67) **9263 5115**

A reprodução de qualquer texto desta Revista é permitida,
desde que citada a fonte, bem como o nome do respectivo autor.



APRESENTAÇÃO

Neste ano, a nossa diretoria aproxima-se dos seis anos de intensa atividade literária e cultural. Temos satisfação de haver publicado oito dos dezessete números da nossa Revista.

Necessário se faz agradecer a Deus, em primeiro lugar, pela vontade incontida dos nossos confrades, vibrando de entusiasmo, prontos para realizar um trabalho profícuo, em prol da Casa Ulisses Serra, instituição que abriu suas portas aos amantes das letras e das artes, acolhendo-os nos mais diferentes eventos e solenidades.

A experiência adquirida nesses luminosos anos nos permite identificar potencialidades dessa aplaudida produção e as várias tarefas a serem cumpridas, sempre no intuito de elevar a níveis intelectuais desejáveis a nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Num comentário oral de um evento da Casa, disse ao público que estávamos vivendo um momento de glória no atual avanço literário de Mato Grosso do Sul com dezenas de livros publicados, palestras culturais proferidas em instituições educacionais pelos nossos confrades e, ainda, três novas Revistas que o nosso sodalício oferta, neste ano, ao público leitor do estado (uma lançada em janeiro, outra é esta e a terceira será lançada no mês de dezembro).

Nesta edição, além de vultuosos textos (crônicas e poesias) dos nossos confrades, na oportunidade, homenageamos o festejado confrade José Fontanillas Fragelli, que tanto honrou a Academia como deputado federal, governador do Estado de Mato Grosso, senador da República, presidente do Senado Federal e Presidente da República.

É com o coração transbordante de entusiasmo que rendemos homenagens ao meritório convênio firmado com o Governo do Estado,

através de uma formidável parceria, tendo participação decisiva da Fundação de Cultura de MS, no arrojado projeto da edição de mais esta revista, e bem como da prefeitura de Campo Grande, respaldando, com brilho, o avanço literário de Mato Grosso do Sul.

Aos nossos acadêmicos, à diretoria na pessoa do confrade Rubenio Marcelo (coordenador desta edição), nossos agradecimentos.

Reginaldo Alves de Araújo

Presidente



SUMÁRIO

Homenagem a José Manuel Fontanillas Fragelli . 09

Antologia . 15

Abílio Leite de Barros . 17

Abrão Razuk . 25

Adair José de Aguiar . 31

Américo Calheiros . 35

Augusto César Proença . 45

Eduardo Machado Metello . 55

Enilda Mougnot Pires . 59

Flora Egídio Thomé . 67

Francisco Palhano . 69

Geraldo Ramon Pereira . 75

Guimarães Rocha . 83

Hélio Serejo . 93

Heliophar de Almeida Serra . 97

Jorge Antônio Siúfi . 103

José Couto Vieira Pontes . 107

José Pedro Frazão . 115

Maria da Glória Sá Rosa . 121

Raquel Naveira . 129

Reginaldo Alves de Araújo . 133

Rubenio Marcelo . 143

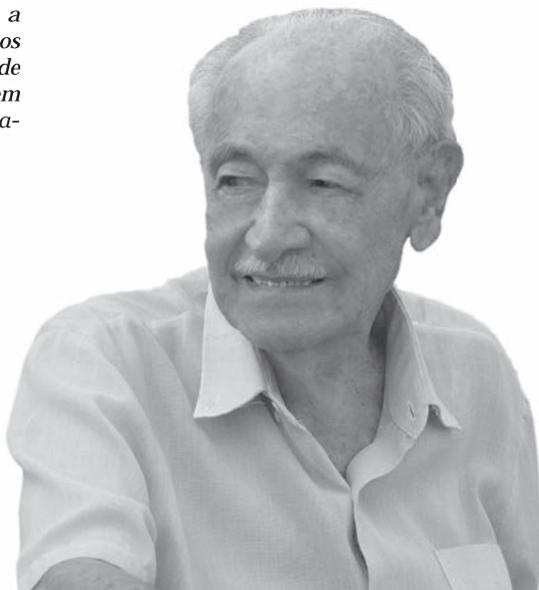
Relação dos Acadêmicos . 155

HOMENAGEM



José Manuel Fontanillas Fragelli

Nascido em Corumbá (MS), Fragelli foi Promotor de Justiça em Campo Grande (1939 - 1943); Secretário de Justiça e Finanças (1953 - 1954); Diretor e professor do Colégio Osvaldo Cruz em Campo Grande; Constituinte em 1947; Deputado Estadual (1947 a 1954); Deputado Federal (1955-1959); Governador (1970 a 1974); Senador (01/11/80 a 31/01/87); Presidente do Senado Federal (1985-1987); Presidente do Congresso Nacional (1985-1987) e Presidente da República Interino (28 a 30/09/1986 e 9 a 14/09/1986). Faleceu aos 94 anos de idade em Aquidauana (MS) em 30 de abril de 2010. Era casado com Lurdes Fragelli com quem tinha dois filhos Nei e Nelson Fragelli. Ocupou a cadeira nº 10 da ASL.





José Manuel Fontanillas Fragelli, um exemplo a seguir.

Compulsando a história, ou melhor, a trajetória do pensamento humano, desde a Antiguidade Clássica, podemos verificar que os maiores governantes e líderes políticos, de um modo geral, foram aqueles que prestigiaram as letras e as artes.

Na verdade, vamos encontrar, na gloriosa Grécia de Platão e Aristóteles, o majestoso Século de Péricles; na Roma, que de antiga só tem a incorreta qualificação, pois está presente até hoje, em nossas ações, eterno modelo de opulenta maravilha da Lógica, nos defrontamos com a figura de Augusto; na Idade Média, Frederico II, e, em nosso Brasil, a imortal figura do Imperador D. Pedro II, que, ao ser deposto, com a Proclamação da República, quis levar consigo, não vultosas quantias para paraísos fiscais, mas um travesseiro com um punhado de terras do Brasil, que ele tanto amou e desenvolveu.

Assim, não há negar sejam duas as qualidades fundamentais do homem público: a dignidade e o saber. Quanto à primeira, é tão óbvia, que dispensa comentários. Quanto ao segundo predicado, não podemos esquecer as palavras de um dos maiores vultos da Humanidade, Platão, ao dizer: “A República deve ser governada pelos sábios”.

Resta lembrar que, na Roma, então capital do mundo, um senador (do latim, *senus*, velho), ao tomar posse de tão importante cargo, jurava cumprir as leis da nação, e, a par de suas atividades regulares, prometia não residir além de um quilômetro da Casa de Leis, a fim de ser convocado, numa emergência, para defender a pátria, tendo instru-

ção militar para comando de dez centúrias (mil homens). Na verdade, muitos senadores se tornaram célebres em ações bélicas.

As orgulhosas legiões romanas marchavam, tendo à frente o estandarte triunfante, com a inscrição: “SENATUS POPULUSQUE ROMANUS”, isto é, “O Senado e o Povo Romano”. “O latim é belo: esse que substitui a preposição et(e)”.

Todas essas considerações assomam à minha mente, diante da notícia do falecimento de um dos maiores homens da nossa História: o Dr. José Fontanillas Fragelli, cuja atuação como advogado, Promotor de Justiça, professor emérito, Secretário de Estado, Deputado Estadual por duas vezes, deputado federal, governador, senador, Presidente do Senado, Presidente do Congresso Nacional e Presidente da república interino, em duas ocasiões, foi brilhante.

Perlustrou, com sabedoria e honradez, todos esses cargos e atividades, sendo aplaudido unanimemente.

Em reconhecimento aos seus méritos culturais, foi escolhido para integrar a nascente Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, onde ocupou a cadeira n.º 10, tendo como patrono o grande jurista e vibrante tribuno, Dr. Argemiro de Arruda Fialho.

Quando governador de Mato Grosso, em maio de 1973, realizou, em Cuiabá, o I Encontro Mato-Grossense de Escritores, com grande sucesso, havendo noite de autógrafos de livros de autores da região sul-mato-grossense, com apoio da Academia Mato-Grossense de Letras, então sob a presidência do escritor Gervásio Leite.

José Manoel Fontanillas, embora nascido em Corumbá, terra de poetas de primeira grandeza, como Pedro de Medeiros e Lobivar de Matos, viveu sempre em Aquidauana. Casou-se com D. Lourdes, filha do grande líder aquidauanense, Cel. Zelito, que, ao lado do não menos ilustre cel. Jeje, teceram a história de uma época, na política e no desenvolvimento daquela simpática urbe, tendo como cenário a histórica Fazenda “Taboco 150 anos”, editada em 1984. A respeito dela, disse o inesquecível Demóstenes Martins: “Há nele esperança, vigor descritivo, orgulho legítimo de tradições familiares, saudades do passado”.

José Manoel Fontanillas Fragelli e D. Lourdes exibem as virtudes do casal nos filhos Nei e Nelson.

O pai de José Fragelli, competente e estimado médico, Dr. Nicolau Fragelli, que estudou Medicina na França, como era costume, na época, conhecia a fundo a língua e a Literatura da pátria de Victor Hugo. Fui seu aluno, no Ginásio Estadual campo-grandense. Todos nós, seus alunos, muito aprendemos com ele a respeito da matéria. Muitas vezes, começava a aula, dizendo: “Vamos hoje falar e conversar tão somente na língua francesa. Está bem?”.

O Dr. José Fragelli militou, com admirável distinção, na profissão de advogado, tecendo petições bem fundadas, com argumentos sólidos, enriquecidas com brocardos latinos, indispensáveis ao perfeito conhecimento da Ciência de Justiniano.

No relicário de todas as virtudes de Dr. José Manoel Fontanillas Fragelli, como amoroso pai de família, político, administrador, advogado, não podemos deixar de destacar seu amor à Literatura, incentivando e prestigiando todas as iniciativas culturais, valorizando o homem de letras, acolhendo-o em suas atividades de homem público, de que é prova ter na figura majestosa do grande historiador e escritor, Dr. Paulo Coelho Machado, um dos mais destacados colaboradores.

Ao terminar, Dr. José Fragelli, quero dizer, com a simplicidade das palavras sem ornamentos, que o senhor foi grande, muito grande. Lembro, nesta hora de emoção profunda, as palavras de Aristóteles: “A GRANDEZA NÃO CONSISTE EM RECEBER AS HONRAS, MAS EM MERECE-LAS”.

José Couto Vieira Pontes

Da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

ANTOLOGIA



**Antologia em prosa
e versos**

(Textos de Acadêmicos)



ABÍLIO LEITE DE BARROS



Nasceu em Corumbá (MS), em 1929. Advogado, professor universitário e pecuarista. Obras: Gente Pantaneira, Uma Vila Centenária, Opinião e Histórias de muito antes, Gente Pantaneira - Crônicas de sua história. Ocupa a cadeira nº 32 da ASL.

A poesia do ponto de vista da razão

Do ponto de vista da razão a poesia é um distúrbio de caráter lírico-afetivo, vizinho da loucura.

Mas, a poesia não é conclusa apenas com a criação, ela precisa da junção do leitor que se une na percepção da beleza, ou seja, na loucura. Assim, o poema que não comunica nenhuma beleza ao leitor não é poesia, ainda que rimado e metrificado. Isso nos leva ao caminho difícil e pedregoso da definição do ato poético que só pode ser feito em comparação com a prosa, buscando a sua diferença específica, ou seja, a identificação do citado distúrbio.

A razão nos auxiliará nessa tarefa. A percepção racional tem por objetivo a definição, isto é, a busca da verdade seja ela concreta ou abstrata. Essa percepção, ou definição, é uma ideia ou um conceito que deve conter as características próprias do objeto e em particular as suas diferenças específicas.

A percepção estética ou poética, ao contrário, não é um conceito ou uma definição, é uma emoção e não busca a verdade, mas sim, afetivamente, a percepção da beleza. Isso, do ponto de vista da razão não é nada – e pode ser loucura.

Do poeta Manoel de Barros, discordando das minhas colocações, ouvi a afirmação de que a parte doentia é a razão, pois ela não percebe que a verdade é a beleza. Isso é poesia, ou seja, loucura.

Exemplos, vamos buscá-los em bons poetas a começar pelo mestre parnasiano Olavo Bilac em seu mais célebre soneto:

“Ora (dizeis) ouvir estrelas”! Certo
Perdeste o senso!”E eu vos direi, no entanto”,
Que para ouvi-las muita vez desperto
“E abro as janelas, pálido de espanto...”.

Onde está a poesia nesses versos? É muito claro que está em “ouvir estrelas”, o que faz o poeta, nas noites, abrir as janelas, “pálido de espanto...” Ora, do ponto de vista da razão, acordar à noite para falar com estrelas é loucura. Mas é poesia.

Em delírio semelhante diz-nos o grande Fernando Pessoa:

“Ó mar salgado, quanto do teu sal”.
São lágrimas de Portugal!”

Onde está a poesia desses versos? Está, por certo, na suprema insensatez de atribuir a salinidade do oceano Atlântico às lágrimas portuguesas. E o poeta fala como se dialogasse com o mar. Isso é poesia, mas é loucura.

De outro poeta, o espanhol Garcia Lorca:

“De Cadiz a Gibraltar ai que buen caminito”.
El mar conoce mis passos por los suspiros.”

No caso, a poesia está na capacidade do mar em ouvir os suspiros do poeta. Quem não se emociona com esses versos tão simples e tão loucos?

Escolhi esses três poetas pela unidade temática dos versos, isto é, a comunicação com o inanimado – suprema loucura. Bilac, conversando com estrelas. Pessoa e Lorca dialogando com o mar – suprema poesia.

Propomos, para reflexão, um exercício comparativo entre uma prosaica definição lógico-racional e uma descrição poética. Tomemos como objeto a imagem ao vivo de uma mulher que deve ter sido o objeto mais definido em literatura:

Racionalmente ela poderá ser descrita como uma senhora de 30 anos, 1.70 de altura, 65 quilos, cor branca, olhos azuis, loura, bonita (o último qualificativo sairia sem convicção, pois é subjetivo e, portanto, de duvidosa verdade).

O poeta, ao contrário, diria da mulher que ela é uma flor, um lírio, seus olhos falam de amor, seus lábios exalam luxúria, ela não existe – é uma invenção, uma deusa.

As diferenças entre as duas formas são flagrantes: a descrição racional é uma submissão total ao objeto. A poética é criação, invenção, fantasia e sua linguagem é ilógica e sempre em sentido figurado de metáforas. A percepção racional alimenta o entendimento, o conhecimento. A percepção poética alimenta a sensibilidade. Por aí, na natureza da percepção, podemos ter identificada a diferença específica, fundamental, entre poesia e prosa.

O poeta é um malabarista de palavras, joga com elas como uma criança com seus brinquedos e nesse jogo o sentido real do termo perde toda importância em favor da fantasia. O sonho é mais importante que a realidade, a descrição conceitual é menos importante que o ilogismo metafórico. Daí resulta a dificuldade de se escrever poesia e, maior ainda, a dificuldade de entender poesia, principalmente quando a lemos com as categorias da razão, buscando o sentido lógico das palavras. Dizem os poetas que poesia não é para entender, mas sentir. Nessa linha conceitual a poesia pura poderia ser uma sucessão de palavras, sem sentido lógico, que apenas sugerem ou despertam a sensibilidade estética.

Exemplos de poemas de escasso sentido lógico:

De Cecília Meireles:

“Toca essa música de seda frouxa e trêmula
Que apenas embala a noite e balança
as estrelas noutro mar”

(do ponto de vista da razão, a música de seda frouxa e trêmula que balança estrelas no mar é algo absolutamente indefinível)

De Manoel de Barros:

Sei que a voz das águas tem sotaque azul
Sei botar cílio nos silêncios
Para encontrar o azul eu uso pássaros
Só não desejo cair em sensatez

(águas com sotaque, cílios nos silêncios e, o uso de pássaros para encontrar o azul, só faz sentido pelo último verso, onde o poeta manifesta o desejo de não cair em sensatez)

A linguagem poética não é, entretanto, apenas a loucura do ilogismo metafórico, deve ter também ritmo e forma. A forma tradicional era dada pela métrica e rima, que todos conhecemos. Na história da literatura encontramos, ora a dominância do conteúdo, ora a maior preocupação com a forma. Mas, sempre, a poesia em si, com as suas fantasias e loucuras fazem parte do conteúdo, que o faz mais importante que a forma.

Na literatura grego-romana a preocupação com a forma era menor, os versos não tinham rima. Esta passou a ser usual e obrigatória a partir do século XIII, quando a poesia passou a ser cantada com os jograis, trovadores e menestrelis. Ainda hoje quando um poeta faz versos para serem musicados, a rima faz-se indispensável. Ela marca a musicalidade. Na literatura clássica e romântica, particularmente a poesia épica ou laudatória, foi sempre contida em rigorosas exigências formais. Nos Lusíadas, por exemplo, Camões parece-nos em verdadeiro

contorcionismo para não fugir às regras. Daí que a sua poesia lírica, mais espontânea, nos parece hoje superior ao canto épico que tanta fama lhe deu na história da literatura.

O formalismo clássico teve a sua fase áurea, entre nós, no período parnasiano onde a métrica e a rima, em alguns momentos, pareciam ser mais importantes que a poesia em si. Surgiram então, ao lado dos grandes, muitos poetas menores bem treinados no ofício, mas que de fato faziam apenas prosa metrificada e rimada. Faltavam-lhes a fantasia, o sonho, a loucura, a poesia.

Trago o exemplo de prosa metrificada e rimada tirado do mais célebre soneto de Raimundo Correia – “As Pombas”

Vai-se a primeira pomba despertada..
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia, sanguínea e fresca a madrugada.

Onde está a poesia nesses versos? Talvez apenas na métrica e rimas perfeitas.

O Movimento Modernista de 1922, em São Paulo, rompeu, no Brasil, com o formalismo parnasiano, buscando a poesia pura, liberada da métrica e rima que seriam cerceadoras da criação. Não se tratava de um movimento brasileiro mas sim reflexos de ideias surgidas na Europa, particularmente na Itália com Marinetti e na França com alguns poetas da vanguarda. O genial Rimbaud em 1872 escreveu um livro de poemas em prosa (*Une Saison en Enfer*) que haveria de marcar o novo caminho.

Pode parecer mais fácil fazer poesia sem o cerceamento da métrica e rima, mas do ponto de vista da razão ela se torna mais difícil, pois a forma é um visível marcador e, sem ele a poesia só se definirá pela linguagem, fantasia e a desejada loucura. Hoje podemos dizer que há boa e má poesia com rima e métrica e boa e má poesia em versos livres. Estes, apesar da liberdade, têm sempre um ritmo próprio que o poeta deve imprimir.

Outra dificuldade para definição racional de poesia é que o termo é equívoco, isto é, tem mais de um sentido. Assim, por exemplo, podemos ouvir falar de um romance cheio de poesia ou das esculturas poéticas de Degas, ou da poesia suprema dos noturnos de Chopin. Até paisagens há que são poéticas e, com maior razão, a beleza feminina poderá ser dita de inebriante poesia. É claro que se trata de uma conceituação por analogia; isto é, a percepção da beleza, em geral, sempre aflora à consciência carregada do lirismo próprio da emoção poética. Mas, do ponto de vista da razão, isso não é poesia, é simples analogia.

A respeito da emoção poética dissemos que ela é um distúrbio lírico-afetivo, isto é, uma doença. Precisamos dar mais explicações, principalmente, porque é uma doença da qual ninguém busca curar-se. Ao contrário, todos a desejam e a cultuam – o que é bom. Mas, como nos colocamos a serviço da razão, devemos tentar algum aprofundamento. Tratando-se de uma doença da alma achamos de bom senso consultar o Dr. Freud.

O pai da psicanálise, em várias partes de sua obra, fala no fenômeno estético, definindo-o como uma sublimação ou catarse, o que nem sempre é aceito. Mas, em relação à linguagem poética, ele está cheio de razão quando estabelece um relacionamento íntimo entre a fantasia poética e o espírito lúdico infantil. Em um ensaio de 1908 intitulado “O Poeta e a Fantasia”, ele aprofunda essa percepção. Diz-nos que a criança que fantasia acredita na realidade do brinquedo, assim como o poeta. Por exemplo, um tronco de madeira no fundo do quintal pode ser uma bruxa, se assim a criança o vê, o que justifica temê-la e falar com ela da mesma forma que poetas ouvem estrelas e dialogam com o mar.

Outro fenômeno que pode nos mostrar o íntimo relacionamento da poesia com o pensamento fantasioso infantil é o desespero poético da adolescência. Ninguém que conheceu a literatura na adolescência escapou do cometimento de algum poema. A razão é simples: o adolescente ainda está muito próximo do enorme depósito inconsciente da fantasia infantil, muito próximo, portanto, da poesia. Ao amadurecer, pouco a pouco, vamos nos entregando à algoz e fria tirania da razão.

Nisso precisamos cuidados, pois alguém já disse que, se matarmos a criança que existe em nós, mataremos a poesia. E a poesia é uma necessidade vital.

Voltemos ao doutor. Hoje se costuma separar o método psicanalítico, tido como científico, da doutrina de Freud sujeita a críticas. Pelo método psicanalítico de pesquisa e tratamento, tem-se como exaustivamente provado a existência do inconsciente e sua influência em nossa vida. Ele é o depósito de tudo que vemos, pensamos, vivemos, sofremos e amamos. A inteligência, através da memória, separa ou seleciona uma parte para suporte de nossas necessidades intelectuais, o resto torna-se o lixo inconsciente. A matéria desse lixo é de natureza sensorial, intelectual, mas também, com maior força, ela é de natureza emocional, afetiva. Este, o inconsciente emocional, tem uma dinâmica pela qual tende a aflorar à consciência, muitas vezes, perturbando o nosso equilíbrio afetivo. Daí a formação de uma vigilância impeditiva criada por mecanismos, também inconscientes, de censura e repressão. Emoções traumáticas e conflitos não resolvidos costumam romper a repressão pelo seu conteúdo afetivo, causando angústias e depressões incômodas.

Junto a este turbilhão emocional encontra-se o grande repositório infantil de fantasias e sonhos, alimento da poesia. Alguns de nós, bem dotados e mais sensíveis – poetas e artistas – conseguem transitar por esse mundo mágico. Trânsito sem controle e ocasional, apenas um sentimento estranho que os poetas chamam inspiração. Esse sentimento tem semelhanças com tristezas ou alegrias inesperadas, sem causa aparente que, às vezes, chegam ao nosso psiquismo. Seriam manifestações do inconsciente que, por associação de ideias e imagens, afloram à nossa consciência afetiva. O mundo inconsciente infantil, repositório mágico de fantasias, alimento da poesia, poderia ter idêntica comunicação no momento da criação poética.

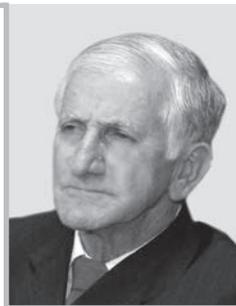
Os antigos entendiam que esse impulso inconsciente na composição artística fosse obra dos deuses através de musas inspiradoras. Próximo de nós, Goethe disse que escreveu o seu Werther em estado de semi-

-consciência. Em depoimentos, alguns artistas e poetas, no ato criador, se dizem tomados por uma força inspiradora pela qual se deixam levar na composição artística. Isso, por se tratar de fenômenos claramente subjetivos e sem nenhuma conotação lógica de conhecimento, devemos admitir que a razão não sabe explicar. Freud talvez.



ABRÃO RAZUK

Nasceu em Campo Grande (MS) em 1940. Advogado. Escreve para jornais do Estado. Publicou as seguintes obras: Enfoques do Direito Processual Civil, e Da Penhora. Ocupa a cadeira nº 18 da Academia, da qual é Vice-Presidente.



“Orca mata treinadora em frente ao público em parque nos EUA”

Em 26/02/2010, li na internet sob o título acima de que a orca de nome Tilikum, que significa “amigo” na língua dos índios Chinook, matou a treinadora Dawn Brancheau.

Segundo Vitória, que testemunhou o fato, a baleia surgiu de repente, atingiu Brancheau em torno da cintura e a sacudiu violentamente ao ponto de seus calçados caírem.

Após o acidente, o público foi retirado e o parque foi fechado. O local onde se situa o Parque Aquático Seaworld é em Orlando, na Flórida – USA.

Tivemos o prazer de assistir em espetáculo de exibição. O show é magnífico. A equipe que dava o show demonstrava muita competência. Não poderia ser diferente com a treinadora Brancheau.

Só posso presumir que o fato noticiado, provavelmente, foi obra de fatalidade. A treinadora morta pela baleia, por certo era competente, senão não estaria trabalhando no Seaworld. A cada apresentação, comparecem mais de quinhentas pessoas. Nesse local há aquários com peixes muito lindos, inclusive tubarão.

Examinaremos o fato sobre o enfoque desses cetáceos viverem em cativeiro.

Raciocinemos em termos dos humanos e dos animais.

Tanto os homens, como os bichos, são animais e a diferença basilar entre ambos é que o homem é dotado de razão e o bicho não. Único ser que é dotado de razão é o homem. Ambos possuem instintos.

Trata-se de obra da natureza-mãe.

Por que esses dois entes possuem instintos?

Ele é presente e sua função primordial é a preservação. Ambos instintivamente defendem, com unhas e dentes, sua sobrevivência. Na selva verificamos o jogo e a luta entre os animais irracionais e os predadores.

O gênero é animal e há as espécies, e dentre as espécies há leão, tigre, hiena, raposa, leopardo, onça pintada, elefante, zebra, gnu, jacaré etc. Há verdadeira guerra entre os predadores e, assim, os mais fortes, por instinto de sobrevivência, matam o mais fraco para sobreviverem. Matar para comer. Há diferenças fundamentais entre os bichos viverem em seu habitat por cativeiro. O bicho em cativeiro sente-se violado em sua natureza e como efeito, gera atos instintivos inusitados. Quando menos se espera, “afloresce o instinto” e aquele dócil animal, transforma-se em fera. Jamais o adestrador pode sublimar esse instinto tanto do homem como dos bichos.

Aquela dócil orca que durante muito tempo comportava-se como ente dócil e de repente, aflorou seu instinto e por alguma razão agiu violentamente, matando sua treinadora Brancheau. Quem poderia explicar essa reação dessa orca seria o biólogo.

Todavia, filosoficamente falando de que ninguém pode encobrir o instinto dos animais, pois a natureza assim o fez em nome da lei da sobrevivência. Agora, o que regula a doseimetria do instinto deve ser proporcional a vários fatores, inclusive em estar fora de seu habitat e viver vida artificial em violação de sua própria natureza.

Será que o homem gostaria de viver em cativeiro?

Certamente, não.

As autoridades devem rever as leis de proteção aos animais e respeitar a lei da natureza.

Esse respeito deve ser amplo inclusive da ecologia.

A prisão de pássaros em gaiola é o maior absurdo e constitui crime contra a natureza, e essa brutalidade deveria ser questionada e a elaboração de lei supranacional, punindo severamente os infratores. A liberdade do pássaro perante a natureza é do mesmo valor que a do homem.

A liberdade é inerente aos seres e é criação de Deus.

Por que a orca Tilikum matou Brancheau?

Foi fatalidade. Que sirva de exemplo. A liberdade é inerente a todos os seres e ela deve ser respeitada. Tilikum matou por instinto. O show continua. A vida é assim mesmo.

Não houve dolo. Não houve culpa. O caso deve servir de exemplo. Respeito à lei da natureza.

Destarte, a liberdade deve ser respeitada a qualquer custo.

Campo Grande/MS, 01 de março de 2010.



Interesse Político

Para o dicionário Houais (f.1096), interesse é a importância dada a algo.

Entendo que esse vocábulo é bem amplo. Em Lógica Formal seria uma premissa cujo conteúdo seria universal, porque ele é comum para os seres humanos como para os bichos.

O vocábulo interesse é de caráter universal e seria inviável exauri-lo tão só com algumas palavras.

Ele é muito presente no ser humano.

No jogo da vida, indubitavelmente o interesse está presente praticamente em tudo.

O interesse político é a busca do poder e no Brasil, atualmente, os políticos tem pouco interesse pelo povo, porém sobreleva o interesse por si mesmo.

No campo forense, quando um advogado aproxima do juiz ou do promotor, duas hipóteses ocorrem, o interesse é pelo cargo ou por vínculo de amizade. Todavia, fórum não é clube e nem shopping e sim, o templo da justiça. Logo, sua aproximação é regida pelo interesse de busca de algo. O advogado necessita de resolver seu problema. Ele busca uma sentença favorável.

O interesse do advogado é que os autos tramitem com duração razoável.

O ser humano quando se aproxima ou procura o médico no hospital ou em sua clínica, obviamente seu interesse é resolver seu problema e buscar remédio e cura para sua doença. Logo, é movido pelo interesse.

O varão ou varoa quando procura uma instituição financeira, logicamente é compelido por algum interesse, ou seja, empréstimo de dinheiro, ou pagar alguma conta ou fazer alguma aplicação ou financiamento da casa própria etc, mas, no fundo, impera o interesse. De outro lado, também o Banco tem interesse de negociar com o cliente, pois seu interesse em última análise é o lucro. Logo, essa relação sinagmática é movida pelo interesse.

Quando um homem se aproxima duma mulher, provavelmente algum interesse tem por ela, pode denotar-se várias situações mais abrangentes possíveis e de variantes infinitas. Se a mulher for bonita e rica pode ser o interesse no possível casamento e, como corolário, ficar com a metade de seus bens assim tornar-se seu meeiro e com ela reunir o útil com o agradável. Mas a constante presente sempre é o interesse.

Pode ocorrer do varão pobre no sentido financeiro, pois a pior pobreza é a espiritual, ou seja, o ser pobre de espírito, chato e burro, grosso e ignorante e ao aproximar-se da mulher e com ela também, pobre materialmente e serem felizes. Aqui há nivelamento de armas.

Qual é o interesse que o aluno tem pelo professor?

Em regra, é o interesse pelo aprendizado. Desejo de crescer culturalmente e ficar preparado para a vida. O interesse do aluno é aprender, mas só permanece numa sala de aula do colégio motivado por nobre interesse.

Na carreira do magistrado qual é seu interesse na carreira? Nem sempre é o de realização de justiça e o sentimento de justificar as partes senão seu interesse maior em crescer e ser desembargador ou, quiçá, compor alguma Corte de Justiça como Tribunal Superior ou juízo ad quem na semântica processual. Todavia, a carreira do magistrado, na maioria das vezes, é motivada por esse interesse e compreensível e normal que assim o seja.

Embora Dante Alighieri, em sua obra universal “A DIVINA COMÉDIA”, tenha colocado o político no patamar inferno, com certa dose de acerto. Essa posição do vate tem certa utilidade para explicar o fenômeno “Lula” com seu perfil de estadista, mas que lembra o personagem “Carlitos”, pelo gênio de Charles Chaplin. Contudo, como “na natureza tudo se transforma e nada se cria” segundo Lavoisier, também Lula passará bem como todos nós passaremos.

Qual é o interesse que existe da parte num processo?

É patente em ter uma sentença favorável.

Quando é a favor do autor, o réu fica furioso e blasfema contra o magistrado que começa sua carreira com vários percalços e sofrimentos que só sabe quem sente na pele e quem está de fora acha que é um “mar de rosa”. O autor que teve seu interesse atendido passa a elogiar o magistrado e a justiça e, algum dia, se sofrer alguma derrota judiciária, na hora muda seu conceito e passa a blasfemar contra a deusa Têmis. Ela, a deusa mencionada, na majestade de sua grandeza, silente e serena e que sofre calada e petrificada em forma de estátua, burilada pelo cinzel dum talentoso Miguel Ângelo com mármore de Carrara, eternizada como símbolo da Justiça que irradia suas luzes santas que curam e redimem.

Que gênio esse Miguel Ângelo que se utiliza do mármore frio e insensível e sem forma e inspirado pela luz divina e filosoficamente, de valor franciscano e transforma essa pedra sem vida e surge brilhantemente Pietà ou quem sabe Têmis, Deusa da Justiça, filha de Urano e de Géia.

No alto de meus cabelos brancos, que não se confundem com a beleza da neve que espargiu no mês de fevereiro de 2010 em Paris, e

sim, humildemente e em posição genuflexa, afirmo com propriedade e com a pureza de coração que o único “interesse puro” é o da mãe.

Seu interesse pelo filho, na maioria da vezes, é governado pelo amor.

O amor esse vocábulo milagroso que justifica nosso viver nesse mundo.

O interesse da mãe pelo filho, esse poder miraculoso outorgado por Deus... Foi outorgado não em Cartório e, sim, no abençoado útero, que cria e opera milagres onde germina a criatura.

Aí é que nasce esse poder de mãe.

Essas elucubrações sobre o interesse que agora falo também, no fundo, é o interesse que eu tenho e nesse quartel da vida no alto de meus setenta anos somente pelos meus filhos e meus netos, enfim minha família e alguns amigos.

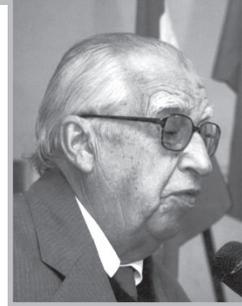
Que pena que minha imaginação não me permite outras considerações mais profundas e alcançar os voos do condor ou das gaivotas.

Diante disso, o meu interesse agora é encerrar essa crônica.

O interesse em comoriência com o amor.



ADAIR JOSÉ DE AGUIAR



Nasceu em Cruz Alta (RS) em 1924. Professor e Advogado. Morou durante vários anos em Campo Grande, quando foi secretário de educação do município e também diretor-proprietário do Colégio Osvaldo Cruz. Publicou, dentre outros títulos: Sarabico e Tico-Tico (infantil), Crônicas de Ontem e de Hoje, Rimas e Ritmo. Ocupa a cadeira 26 da Academia.

Aposentadoria

Parecia envergonhado. Dizia que, talvez, fosse melhor não falar nesse assunto com ninguém.

Sempre trabalhei, repetia, a vida inteira nunca tive folga, de dia e de noite era batente.

E, agora, aqui, sentado nesta cadeirinha, olhando a rua, os passantes. Ora, bolas, não sou aleijado, estou lúcido; é verdade que, de vez em quando, afirma minha mulher, que ao estar deitado, em vez de dormir, fico contando nos dedos as sílabas de alguma poesia.

Nada de estranho, tem mais essa, sou poeta; e de poeta e louco, cada um tem um pouco, preleciona a sabedoria popular. Por aí, já podem perceber o que é andar no mundo da lua.

Mas vejamos. Diariamente, remedinho daqui, remedinho dali, na hora certa. De manhã, cereais matinais com vitaminas nem sei do quê, quem sabe se de algum farelo. No almoço, sopa ou comidinha leve, quase sem sal, sem gordura. Carne gorda já era. Pouco doce, pouco açúcar.

Tanto minha mulher como os filhos não querem mais que eu dirija o carro. Para atravessar uma rua, até minha netinha pega a minha mão: “ligeiro, vô, vamos, olha a moto, olha o carro, não vai tropeçar”.

Também os médicos pedem exames e mais exames e lá se vai o meu sangue. Imaginem que todos, até os padres, deram para rezar por gente como eu, dizendo: é a melhor idade. Que piada!

Não nego que, em certos momentos, fico a recordar a minha infância (sinal de velhice, eu sei). Descobri uma coisa interessante: os guris, meus companheiros, daquela época, muitos tinham nomes esquisitos - Lavagem, Porco, Sapo, Bagre, Tigrinho, Caruncho, e coisas assim. Acho que quase todos (ou todos) já morreram.

Eu não gostava de estudar, detestava ir à escola, matava (gazeava) as aulas, aí, perguntava a qualquer transeunte: por favor, que horas são? Então retornava para casa, na horinha certa. Pobrezinha da minha mãe, acreditava em mim.

Meus filhos, praticamente, me proibiram de trabalhar: - qualquer dia, em plena sala do júri, o senhor vai ter uma coisa. Parei. Seguidamente me levam para tomar café, almoçar ou jantar em alguma lanchonete ou restaurante. Na hora de pagar, chego também no caixa, puxo meu dinheirinho, que eles ou recusam ou devolvem, clandestinamente, lá em casa. Faço que não sei.

Minha mulher, muito mais moça, coitadinha, às vezes me olha e não diz palavra. Vocês sabem... O silêncio também fala. Imagino que esteja dizendo em pensamento: está virando puro osso! Querido, vou lá na costureira, mandar apertar umas calças tuas, estão muito folgadas. Viram?

Um amigo meu, muito gentil, me disse: quando você completar cem anos, vou carnear uma novilha gorda para comemorarmos. Falei na hora: baixa isso para noventa, talvez, a gente possa churrasquear.

Não devo esquecer o espelho. Esse safado é franco pra cachorro. Cada vez que me defronto com ele, fico com raiva. Santo Deus, que cara escaveirada é essa, meu chapa. É ele que está falando!

Ora, eu fui moço, tive lá os meus amores, nunca deram certo, porque eu era feio demais, pobre demais, tímido demais, bobo demais. Sempre o malfadado demais. Aí, elas casavam e partiam e eu ficava a ver navios. Algumas delas já estão na eternidade, outras estão por aí,

sem notícia; e muitas, ou melhor, algumas nunca souberam que eu as queria “paquerar”, conforme a linguagem moderna.

Mas que azar, todos vão morrendo e eu não, será que Deus está brincando comigo, mas Deus não brinca em serviço!

Pois é, estou aqui sentado na cadeirinha. Passou um automóvel e o chofer me acenou e gritou: olá, doutor! Opa, sou eu. Ontem saí, fui até o supermercado, outra pessoa me saudou: como vai, doutor. Uma senhora me encontra: que Deus o conserve, doutor. Outras mandam lá para a minha casa, banana, goiaba, abóbora, aipim. É a bondade das pessoas simples, que me comove. Com certeza é gente que foi cliente, quando eu ainda advogava.

O sogro do meu filho me encontrou na rua: como tem passado o senhor? Respondi, tudo às mil maravilhas. Quanta mentira, parece que, no fim da vida, dei para ficar mentiroso. Perdoem, mas não vou mais a cemitério, nem mesmo quando falece um amigo, um colega. Para quê? Iremos vizinhar para sempre.

Há dias em que quero me lembrar de uma palavra ou do nome de uma pessoa e não consigo. Minha mulher me consola: é falta de uso, meu caro, não é perda da memória. Quando, no café, virei uma xícara, ela correu logo: isso acontece com qualquer um. Eu que era bom fisionomista, tenho ultimamente, dificuldade para identificar um ou outro que encontro. Nem lhes digo, foi uma vergonha, quando há pouco tempo, fui, com minha esposa e filhos, tomar um lanche num bar, e um sujeito, já velhusco, se levantou e me abraçou firmemente. É o teu irmão, meu bem, não o conheces mais? Meus filhos se espantaram. Puxa, é o fim! Em meu favor, digo que esse irmão há muitos anos não o via.

É, mas não digam para ninguém, me sinto constrangido. Céus, fui bom em tanta coisa e agora estou ficando imprestável. Melhor idade! Pai do céu, perdoai-os porque não sabem o que dizem.

Minha mulher é uma mulher corajosa. Especializou-se em vitaminas. Olha, isto contém vitamina C. Toma, meu amor, é vitamina B, e assim o abecedário por inteiro. Não faz muito tempo, ela me veio com

um tal de Ômega - 3 e 6. Nossa, aí, não me contive. O quê? até nave interplanetária, agora! Não falta mais nada. Isso é remédio, meu velho. Remédio, vitamina, fortificante.

Um outro amigo meu, ilustre escritor, tem um jornal, cujo lema é: “Aparece quando sai e sai quando pode”. É isso. Fiz desse o meu lema. Outro dia, alguém me perguntou: o senhor é um homem triste? Que nada, retruquei, sou mais silencioso, mais meditativo, penso mais em Deus, rezo mais, “pero” no falar castelhano, não há tristeza aqui em casa. Aposentadoria, velhice não são tristeza. São realidades. A primeira poderia ser mudada para melhor e a segunda, adiada ou encompridada um pouco mais. Adão, Matusalém, Abrão viveram velhos até morrerem e parece que não se queixaram.

Repito, não somos um casal triste. Pode parecer, mas não sou ocioso inveterado. Inventei de escrever, a minha heróica companheira, organiza, digita e resolve a publicação. Aqui ninguém é triste. Nunca vamos dormir sem antes um beijo. Se não sabem, ouçam, beijo de velhos não tem aquele fogo, a paixão dos beijos jovens. Não tem. Quando chegarem lá, na tão celebrada “melhor idade”, irão me dar razão. Beijo de idosos é calmo, em paz, como uma serenada do amanhecer, mas que é saboroso, isso é, tem o gosto da bondade e do companheirismo.

Indaial, 25/02/2010



AMÉRICO CALHEIROS

Nasceu em Goiana (PE), em 1952. Professor e teatrólogo, criou o Grupo Teatral Amador Campo-Grandense (GUTAC). Atual diretor-presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Dentre suas obras literárias, destacam-se: “Memória de Jornal”, “Da Cor da sua Pele”, “A Nuvem que Choveu”, “Poesia pra que te quero” e “Na Virada da Esquina”. Ocupa a cadeira nº 7 da Academia.



A tal da alma gêmea

Francamente, se a tal da alma gêmea existe, rogo-me o direito de achar que há, no mínimo, alguma má fé, ou trambique mesmo, na distribuição dessas almas pelo mundo afora. Tenho visto, sim, muitas almas ingênuas coisa nem outra; porém gêmeas, não! Tenho visto, sim, bastantes gêmeos, principalmente depois do advento da fertilização in vitro. Alma gêmea pressupõe o complemento perfeito para o lado incompleto, o par para outro vaso, a mão e a luva, o sapato certo para o outro pé, o príncipe para princesa, ou seja, a repetição do ideal romântico que teimam em preservar, apesar do século XXI e dos cenários que nada correspondem a esse ideal (conflitos mundiais, injusta distribuição de renda, pobreza mesmo e muita falta de vergonha na cara) por quem gosta de manipular a massa e... consegue.

Mas vamos ao que interessa! Se de fato a utopia espiritual criou seres à nossa “imagem e complemento” e os jogou feito agulhas nos palheiros para que nos encontrássemos, a sacanagem já começou por aí, porque isso pressupõe que dificilmente nos encontraremos, e, portanto, isso nada mais é que mais uma das formas de sadismo com as quais nos deparamos pela vida afora. Ter e não ter tão ruim quanto ser e não

ser. Tem gente que passa a vida inteira procurando a tal alma gêmea e acaba, sim, perdendo a própria alma em devaneios, desesperanças e decepções. A novela “Alma Gêmea” colocou em pauta esse tema antigo e cheio de controvérsias, mostrando que sofrimento é o que não falta na caminhada das pessoas em busca da outra metade. Sinceramente, se para encontrar o outro lado da moeda é preciso passar por tanta “sadicção” (neologismo proveniente da palavra sadismo), é melhor deixar esse assunto. Claro que é tudo ficção, mas não será também a vida uma grande ficção com cara de realidade? Nessa ficcional realidade o que é visível é um número ínfimo de casais, dentre milhares você tira um, que aparentemente (pelo menos!) demonstra ser o resultado de um encontro tão positivo, que até parece algo como o encontro de duas almas semelhantes em si. Há isso que também se dá o nome de amor recíproco, objeto de consumo, de raro encontro nos dias de hoje; o mercado sentimental vem oferecendo, a quem procura, pouquíssimos exemplares.

Decididamente o Brasil não é o país das almas gêmeas. Para se ter uma ideia, o número de separações judiciais e divórcios vem crescendo gradativamente. De 1993 a 2003, segundo o IBGE, o volume de separações aumentou em 17,8% e, o de divórcios, em 44, numa prova inequívoca de que o compromisso de serem felizes para sempre, estabelecido nos cartórios e igrejas, não vem sendo levado a sério.

Esses percentuais que, inquestionavelmente, revelam os encontros e desencontros de tantas almas que um dia pensaram estar se completando, representam um jato de água gelada na expectativa de todos aqueles que ainda acreditam na utopia das almas gêmeas.

Por onde andam os Romeu e Julieta, os Marco Antonio e Cleópatra, os Dirceu e Marília, símbolos imorredouros do casal de amantes que se completa em ideal amoroso, numa dimensão que extrapola os limites do espaço e do tempo? Simplesmente passaram, ou existiriam em tão pequena escala, que ainda hoje é possível citar alguns que viveram e sofreram a saga de encontrar seu outro lado e pagaram um preço tão grande por isso, que se coloca em xeque esta vantagem.

Desde a fatídica mordida da maçã pelo homem no paraíso, e de lá para cá, talvez inconscientemente, tenha começado essa interminável busca pelo outro pedaço da fruta, pela outra metade, pelo outro lado, pela outra pessoa, para que ambos, juntos, possam reconstruir e usufruir do paraíso perdido. Nas páginas da atualidade, não importa muito se isso tudo é uma lenda, um triste blefe ou uma romântica possibilidade. Se tanta gente ainda corre atrás desse sonho, é porque no fundo o homem, a mulher e, por que não dizer, essa humanidade incompleta, quer porque quer saciar seu desejo de se sentir plena, quase deus. E se essa possibilidade existe, parece que ainda está reservada a poucos, a bem poucos, o que não elimina jamais a busca do ser humano, senão por uma alma literalmente gêmea, mas, pelo menos, por uma alma literalmente companheira que possa oferecer a todos os aventureiros dessa viagem planetária na terra, o doce encanto de sonhar nos ombros de alguém.



Espaço para a delicadeza

Está cada vez mais faltando espaço para a delicadeza. Os maus modos, como se dizia antigamente, a brutalidade e a casca grossa estão imperando. Pior ainda, a indiferença corre a pleno vapor. As pequenas medidas, as benéficas gentilezas do dia a dia, a boa educação social estão sendo varridas da agenda das pessoas para debaixo do tapete.

Mudaram-se os tempos, é verdade, mas a essência do bem viver, o respeito aos limites das pessoas, o agrado a quem merece e o agradecimento aos benefícios e carinhos recebidos ainda continuam fazendo parte da história da humanidade.

E de uma história pautada pela verdade, pelas ações feitas de coração aberto, sem salamaleques e hipocrisias, é que pode brotar sempre a interação saudável e bonita. Como é bom receber! Como pode e deve ser

bem melhor saber receber e saber agradecer. Reconhecer nos pequenos atos a grandeza de quem faz é sabedoria. Enviar telegramas, cartões, pequenos mimos e flores, para ambos os sexos, expondo a alegria por alguma manifestação de apreço, não caiu em desuso. Assim como não caiu em desuso o cumprimento amistoso, as desculpas de praxe, os acenos cordiais no cotidiano e nas datas que classicamente são importantes para as pessoas, como aniversário, casamento, falecimento, formatura...

O rótulo de ultrapassado que muitos querem imprimir a esse comportamento talvez faça parte de um silencioso complô de pessoas de mal com a vida contra aquelas que destilam o prazer de viver por todos os poros.

Mais que tudo isso, entretanto, a delicadeza vem perdendo espaço, e como, em outros sentidos.

Não raramente as pessoas vêm sendo invadidas em seus espaços mais íntimos. De repente a sua privacidade está indo para o espaço. Telefones, e-mails, endereços e outras formas de contato estão sendo manipulados ao bel-prazer de empresas de marketing e similares que enviam mensagens de toda ordem: comercial, política e outras diversificadas, sem perguntar se as pessoas querem recebê-las. A mídia, em todas as suas formas, não tem pedido licença ao bom senso, às vezes, e invade a casa das pessoas com o pior do momento. Que falta de delicadeza!

A indelicadeza tem gerado também múltiplos desastinos que, somados gradativamente, desembocam em contínuas desavenças familiares, chegando até a provocar mortes. Violência em todos os níveis: trânsito, nos aumentos abusivos a que consumidores são submetidos, na falta de oportunidades relacionadas a melhores empregos, na ausência de condições para obter maior qualificação educacional, nas mentiras políticas que são propaladas e até na ausência de amor para com os semelhantes também são, sem dúvida, resultantes da falta de uma profunda delicadeza para com a cidadania das pessoas.

E indelicadeza suprema o país tem presenciado com desastrosas ações de corrupções que derriçam os cofres públicos e que, vergonhosamente, têm deixado muitos vilões na doce impunidade.

Enfim, o espaço humano para a delicadeza, a reverência espontânea e a boa convivência vêm sendo tragados por tantos desencontros, crises de toda ordem e por que não dizer tudo e com todas as letras: pela imperiosa ignorância que vem dominando todos os espaços ultimamente.

Recompôr esta situação não é só entender, nas mínimas atitudes, como devolver o que se empresta, pagar o que se deve, não mentir, não trair, não sucumbir à luxúria, respeitar os mais idosos, coisas que eram o bê-a-bá das crianças e que parecem estar perdidas já em outro planeta, mas, acima de tudo, olhar-se no espelho da própria alma e perceber que o diabo quem faz somos nós mesmos.

Exercitar a humanidade, a retidão e o carinho, não paga imposto, não caiu de moda e pode, quem sabe com muita boa vontade, ajudar a recuperar um importante espaço em nossas vidas: o da delicadeza que não está de todo perdido, posto que brilha intensamente ainda nos olhos daqueles que, com decência, acreditam no poder do afeto.



Uma fada da poesia

Sua voz miúda, entrecortada de emoção, produto de uma gravação de um depoimento seu, ainda ecoa serena na alma do Brasil. Pequena no porte físico, magnífica em sua observação e relato do mundo, Ana Lins dos Guimarães Peixoto ou Cora Coralina, fez de Goiás Velho, cidade onde nasceu e viveu a maior parte de sua vida, um nicho de mágicas vivências que ela compartilhou com o país, e com todos os estrangeiros que a leram, com a delicadeza de quem faz doces. Aliás, um ofício do qual sobreviveu durante anos e que exerceu com o mesmo afeto dedicado à escrita. Iniciada apenas nas primeiras letras, Cora Coralina, embora escrevesse desde os 14 anos de idade, só publicou seu primeiro livro aos 75 anos (Poemas dos Becos de Goiás e outras Estórias Mais), sendo reconhecida e aclamada pela crítica e pelo povo

brasileiro como uma escritora de fina lavra. Cora usou da pena como uma fada usa sua varinha de condão, criando, num repente, sensíveis imagens de um cotidiano tão igual, que só quem tem olhos abertos ao belo decifra-o em multiplicidade, riqueza e pungente beleza.

Goiás, minha cidade...

Eu sou aquela amorosa

de tuas ruas estreitas,

curtas,

entrando, saindo

uma das outras

Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa

Eu sou Aninha

(do poema Minha Cidade).

Do livro “Poemas dos Becos de Goiás...”

Cora Coralina (1885-1985) sintetiza sua vida em uma obra profundamente autobiográfica. Sem sair do seu pequeno mundo, fez um voo universal em suas criações literárias. Em seus 96 anos, intensamente vividos, Cora carregou, viúva, a tarefa de criar seus filhos e o fez com a alegria de quem cria poesias. Renitente quando perguntada sobre sua idade, Cora cultivou a juventude ao enxergar o mundo sempre com olhos da surpresa de quem está descobrindo a cada momento algo novo, e isso fez uma profunda diferença em seu trabalho. Essa diferença, o grande poeta Carlos Drummond de Andrade, um dos responsáveis pela sua revelação ao país, percebeu e escreveu-lhe “Admiro e amo você como a alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais”.

Cora Coralina, aquela eterna frágil menina, como que paira no ar, feito uma fada. É possível sentir isso lendo sua poesia, pois dá uma saudade de um Brasil escrito por mãos calejadas pelo labor, honestas e cheias de esperança.

Ainda bem que Cora foi agraciada, em vida, com vários prêmios e toda sorte de homenagem, pois é essa mulher brasileira, forte e delicada, tão bem representada em sua figura, que merece honras.

Estórias da Casa Velha da Ponte, Meninos Verdes, Meu Livro de Cordel, O Tesouro da Casa Velha, Vintém de Cobre e outros livros mais são preciosos tesouros que a varinha de condão criativa e prolífica de Cora deixou àqueles que queiram deliciar-se com poemas com gosto de velhas conversas, borralho, xícaras sujas de café, ruas estreitas, lendas, tradições e doce caseiro, tudo num passado gostoso em contínua integração com o presente.

Cora retratou seu passado, seu presente, mas não sobreviveu da saudade e sim da crença no mundo e nas pessoas, o que lhe fez perene em sua literatura.

Dá vontade de não parar de falar mais nela. Uma mulher inteira, uma lição de vida, um exemplo para quem sucumbe fácil diante dos mais simples obstáculos. Cora a guerreira, a doce poeta não morreu.



A arte da amizade

A palavra amizade nos remete de imediato à ideia básica e gostosa de conforto. Conforto mental, espiritual e até físico, de tão bom que é. O aconchego fraterno, desprendido, inteiro e caloroso só pode vir de quem nos ama por amar simplesmente, amigavelmente, sem interesse e com plenitude, apesar das nossas pequenas qualidades e dos nossos múltiplos defeitos. Quando o mundo desaba, o chão se abre por inteiro e nos pega no fundo do poço, aquela mão salvadora é sempre aquela mão amiga a quem recorreremos de primeira hora. E a ela recorreremos, porque sabemos que está lá, pronta, sem cobranças, uma âncora firme, um soberano conforto, um apoio sem limites.

A estética da amizade não envolve nenhuma outra que não seja a do sentimento do bem. Ela renuncia voluntariamente a quaisquer outras exigências e atende apenas ao apelo do coração. Nem sempre um grande amor sobrevive às intempéries próprias dos sentimentos; uma grande amizade sobrevive.

A literatura mundial pouco se debruçou com propriedade na temática da amizade. Uma honrosa exceção fica por conta do livro “As Grandes Amizades”, obra primorosa de Jacques Maritain. Porém, mais do que está escrito, registrado ou cantando a respeito do valor de uma amizade, o que importa é saber que este sentimento, hoje tão raro, quase em extinção, ainda existe na face da terra e precisa ser cultivado porque é a principal ponta de uma ideia chamada solidariedade. Só quem tem familiaridade com o sentimento da amizade pode praticá-la. Estendê-la a muita gente, solidariamente, é um ato nobre.

Mais do que a força do pieguismo divulgado em tantos folhetins baratos, almanaques e cartões de felicitações, o sentido da amizade está na grandeza da alma daqueles que a vivenciam. Saber ouvir, quando a vontade é falar, saber consolar, mesmo curvado pela dor, saber doar, quando se está precisando receber, saber esquecer mesmo aquilo que não quer se calar, são alguns pequenos ingredientes que compõem esta obra chamada amizade. E quando tudo isso acontece naturalmente, sem esforço e traumas, é porque realmente ela existe.

É comum ouvir as pessoas dizerem que os amigos que têm de verdade, mal cabem nos dedos de uma mão, numa prova incontestável da valorização da autêntica amizade. Prova também que as pessoas têm um discernimento claríssimo do patamar em que se pode colocar, de fato, aqueles que desfrutam dessa distinção de ser amigo. E, se a amizade é algo tão digno e tão especial, por que será que tão pouca atenção se dá a esse assunto na esfera familiar, atualmente, no mundo da educação, na vida como um todo? Será talvez pela desconfiança generalizada que domina todas as pessoas, pelo medo de compartilhar, ou mesmo pela decisão consciente de querer ser só e bastar-se?

Cumprir a liturgia da amizade requer das partes envolvidas deliciosa cumplicidade, grandioso carinho, entendimento pleno até, e só, pelo olhar.

A amizade abriga, sem preconceitos, todas as dúvidas, preenche os corações, é capaz de vencer o limiar do tempo em infindáveis trocas de ideias, impressões e toda espécie de contraponto mental, sempre com tolerância e afeto. Uma conversa entre amigos de fato não tem barreiras, não exige segredos, não termina nunca, enriquece sempre, eleva. Uma vida entre amigos ultrapassa o simples tempo físico, aprimora o espírito, vence as trevas.

Ora, “amigo é coisa pra se guardar, para sempre, do lado esquerdo do peito, dentro do coração”, como diz a canção, e não esquecer nunca que, estando perto ou longe de quem se estima de fato, a amizade proporciona um sentido maior à existência daqueles que nela acreditam e exercitam esse sábio sentimento.



O amor é uno

Amor desanda o velocímetro do tempo,
debocha dos desamados e outros comuns.
Corpo do objeto amado: verbo é poesia.
Cada palavra transpira o prazer da chuva.
Rolar dos vocábulos entre pingos de misterios:
o tempo pára de roer o futuro.

Corpo e alma pedem desculpas à dualidade,
afinal no amor tudo é um só.

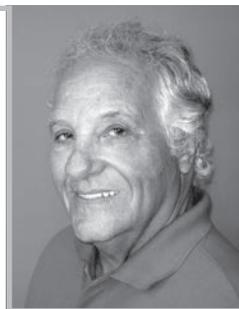
O anjo vagabundo

Mais manso do que gato de madame
tá lá o bicho esticaclo na sucata de sofá,
cai a casa na cabeça e a preguiça idem.
O tempo misturado com álcool tem outro estilo,
no sono de Gabriel, inveterado amante,
tem mulher de todo jeito, tipo e bunda
e dinheiro, saindo pelo ladrão.
Dono do carteado e da maliciosa sinuca,
esse anjo vagabundo não pensa, respira
e faz do cheiro do seu corpo e da palavra boba
a cilada perfeita pra seus parques intentos.

Todo dia é domingo na folhinha de Gabriel,
a noite é apenas uma cúmplice, detalhe do dia,
pra quem sabe nos telhados andar felino
arranjar sustento, alegria e arte no amor
O anjo economiza problemas e esbanja humor
depois de um banho, perfume barato e cabelos no lugar,
as ruas da vila são pequenas diante de seu gingado.
Tudo seria muito lindo pra sempre,
se uma bala raivosa, de um marido chifrado,
não mandasse de volta para o céu de neon
o desafortunado anjo Gabriel.



AUGUSTO CÉSAR PROENÇA



Nasceu em Corumbá (MS), em 1940, filho de família tradicional do Pantanal da Nhecolândia, universo que explora em seus livros. Dentre suas obras, destacam-se: “Pantanal - Gente, Tradição e História”, “Memória Pantaneira”, “Corumbá de todas as Graças” e “Rodeio a Céu Aberto”. Ocupa a cadeira n° 28 da Academia.

Corumbá: de um povoado esquecido a uma esperançosa vila

Fundada a 21 de setembro de 1778, a mando do Capitão-General Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, o 4º Governador da Capitania de Mato Grosso, para defender e consolidar a posse da fronteira sul-mato-grossense à Coroa portuguesa, Corumbá, antes da abertura da navegação fluvial, não passava de um distante e empobrecido povoado com o nome de Albuquerque.

Durante muitos anos amargou um triste isolamento até que por um aviso de 16 de junho de 1857, o então Ministro da Fazenda Marquês de Olinda, determinou ao Presidente da Província, Raimundo Delamare, que providenciasse a construção de uma quartel-general e elaborasse um plano urbanístico para que o povoado não crescesse desordenadamente.

Alguns anos depois (1º de maio de 1861) instalava-se a Alfândega. E, pelo decreto Lei nº 8, de 10 de julho de 1862, o povoado de Albuquerque era elevado à categoria de vila, passando a denominar-se Vila de Santa Cruz de Corumbá.

A partir de então a vila começou a progredir como um pequeno, porém promissor, centro comercial, vendo seu porto desenvolver-se a

cada dia com a chegada de vapores, trazendo mercadorias e imigrantes atraídos por melhores condições de vida.

O primeiro imigrante a chegar de Buenos Aires, na época um importante centro comercial da América Latina, foi o português naturalizado italiano Manoel Cavassa que, com a sua família, estabeleceu-se em Corumbá e teve a iniciativa de construir o primeiro prédio de alvenaria no porto da então esperançosa vila.

No entanto, o favorável período para Corumbá estava com os dias contados. A 3 de janeiro de 1865, a vila foi invadida e ocupada pelas tropas paraguaias, comandadas pelo Coronel Vicente Barrios.

A guerra do Paraguai: Um retrocesso na economia da região

A Guerra do Paraguai trouxe as piores consequências para a região. A Província de Mato Grosso viveu uma de suas maiores crises e se desorganizou política e administrativamente, entregando-se a toda sorte de provações, sobretudo Corumbá.

As tropas paraguaias, não encontrando resistência por parte dos brasileiros, tomaram conta da vila e a saquearam.

A favorável conjuntura que havia se formado ao comércio regional em pouco foi interrompida, e o alicerce do progresso que vinha sendo erguido se viu destruído e que sobrou foi o abandono e a desolação.

A navegação fluvial internacional foi suspensa, o que ocasionou um retrocesso na vida social da vila e um forte abalo em sua economia.

A Província de Mato Grosso, isolada do contato com os países platinos, uma vez que a navegação fluvial mantinha-se fechada, voltou a ligar-se com São Paulo por estrada de terra, que atravessava os estados de Minas Gerais e Goiás.

Por mais de dois anos Corumbá permaneceu sob a ocupação paraguaia. Porém, no dia 13 de junho de 1867, um contingente militar comandado pelo tenente-coronel Antônio Maria Coelho, tomou de surpresa a vila e a retomou das mãos paraguaias, possibilitando, a partir

de então, a volta dos vapores da Companhia de Navegação a Vapor do Alto Paraguai, logo substituída pela Companhia de Navegação a Vapor.



O antigo porto de corumbá

Dar um passeio no porto de Corumbá é fazer um roteiro pela história da ocupação da cidade, que começou quando os colonizadores chegaram para fundar o povoado de Albuquerque, no dia 21 de Setembro de 1778.

A história da cidade revela-se nesse conjunto arquitetônico de real valor histórico-cultural ao qual damos o nome de “Casario do Porto”, hoje tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com a possível inclusão ao Programa Monumenta, para sua restauração.

Quem chega ao porto de Corumbá e vê seu porto apinhado de iates sofisticados, lanchas para passeios turísticos, voadeiras e jet-skis coloridos fazendo acrobacias, não consegue imaginar como ele era no início deste século, quando a cidade ocupava um lugar de destaque como entreposto comercial importante do antigo e vasto Estado de Mato Grosso.

O dia inteiro havia barulho de catracas, de motores, assobios e gritos de changadores que carregavam as mercadorias das chalanas para as carroças. O dia inteiro sentia-se o cheiro de couro seco, de fumo, de borracha, e via-se penas de garças pantaneiras penduradas em fios de arame, couros de capivaras e onças expostos ao sol diante das largas portas de armazéns, em cima das quais estavam escritos os nomes das firmas internacionais de representações, consignações e transações bancárias: Wanderley, Bais & Cia., Pereira, Sobrinho & Cia., Vasques, Filhos & Cia., Manoel Cavassa, Filhos & Cia., Schnack Muller & Cia., Mônaco, Piñon & Cia. O dia inteiro ouvia-se apitos de vapores que chegavam para desembarcar as mercadorias importadas

e embarcar os produtos nativos da região, tais como: a ipecacuanha, a borracha, as penas de aves aquáticas, os couros de animais pantaneiros... e também passageiros.

A cidade era o ponto para o qual convergia tudo que entrava e saía do Estado. A Rua do Porto (depois do comércio, hoje Manoel Cavassa) vivia congestionada. Das pedras lisas, azuladas e roliças que calçavam a rua vinham os ruídos das carroças, o bater compassado e escorregadio das ferraduras das mulas carregando passageiros e mercadorias, subindo e descendo as ladeiras que ligavam a cidade alta à cidade baixa. Havia, nessa época, duas ladeiras: a da Alfândega (hoje José Bonifácio) e da Candelária (hoje Cunha e Cruz).

Hasteadas nos mastros dos navios atracados no porto, ainda sem cais, bandeiras de vários países evidenciavam que o comércio era de importação e exportação, e que naquela rua estreita casarões serviam de filiais para firmas comerciais, cujas matrizes se encontravam estabelecidas em muitos países do mundo. Casarões que hoje são ocupados por agências de turismo e simbolizam o grande passado fluvial da cidades.

Se você olhasse para esses casarões, testemunharia, sem dúvida, que atrás das janelas escancaradas para o rio havia um rebuliço de gente apressada. Eram os escriturários, os secretários, empregados de comerciantes que, nos seus escritórios, soprando a fumaça dos charutos, roçavam os punhos das camisas sobre as escrivatinhas de jacarandá, a escrever cartas, a rascunhar manuscritos, a somar faturas, cada qual com um “pincenez” caído no nariz e uma gravata borboleta enlaçando a gola engomada do colarinho branco.

Diga-se de passagem, os comerciantes do porto eram ponteados da época. Os que ditavam as regras do poder político, social e econômico da cidade e do Estado de Mato Grosso. Senhores bigodudos, vindos de outras terras, todos eles acalentando uma esperança e um inquietante sonho de prosperar cada vez mais na nova terra que os acolhia: terra distante, isolada, é verdade, porém promissora, pitoresca e progressista, como era a Corumbá daqueles velhos tempos.

Mulher Pantaneira

Se há alguém que mereça destaque nestas páginas, esse alguém é, sem dúvida, a mulher pantaneira.

Pensar nessa companheira que participou da fundação das primeiras fazendas, seguindo o marido pelos caminhos isolados do Pantanal, é se encher de admiração e de profunda emoção. Doses de resignação, paciência e coragem foram necessárias para que a mulher vencesse todas as dificuldades da época.

Viagens longas e cansativas em carro-de-bois, batelões e canoas; o terrível isolamento a que se sujeitou numa região distante dos centros civilizados; a precariedade de comunicação; a falta de recursos médicos; a saudade que batia dos filhos que cresciam e iam estudar nas escolas da cidade; tudo isso foi moldando na mulher pantaneira certas regras de viver, apenas compreensíveis pelo amor ao companheiro, a fé em Deus e o enorme afeto pela região que a fez soberana e a consagrou heroína.

A mulher inspirou a coragem, proporcionou o estímulo, deu a continuidade ao processo de desbravamento e desenvolvimento econômico e social do Pantanal, unindo a família, transmitindo a esperança de dias melhores.

Quantas e quantas histórias nos são contadas ao pé do fogo, enaltecendo a lembrança dessas personagens que fizeram a história da terra pantaneira. Figuras que se mesclavam num mesmo destino e trilhavam os mesmos caminhos, fossem patroas ou empregadas, iguais até no sacrifício, até no choro por um filho que morria mordido de cobra ou acometido por alguma febre delirante, cujo tratamento era impossível naquelas lonjuras e a medicina cabocla não dava jeito. Como esquecer do mal que atacava o juízo de muitas delas?... dos tremores das comadres?... das noites povoadas de incertezas, noites tempestuosas, de raios e trovões, de momentos de solidão à espera de maridos que demoravam naqueles campos embrutecidos?... Como esquecer das jaracuçus que, de repente, sinistramente, entravam pelas frestas dos carandás e atravessavam os quartos, onde elas se encontravam, amamentando um filho?...

Gerações e gerações de mulheres inesquecíveis desfilaram pela história e simbolizam, até hoje, a resistência e a tenacidade. Mais do que aprendizagem, a vida dessas mulheres foi um moto-contínuo de experiências e conhecimentos adquiridos de uma região ainda praticamente desconhecida para elas, mas que, a todo custo, tentavam conquistá-la com perseverança e paciência. Era um desafio à luta que enfrentavam, sem submissão, apenas alimentando o sentimento de autoproteção contra a agressividade da natureza que as cercava, contra o inimigo que viesse ameaçar a sobrevivência da família.

Entretanto, havia momentos de lazer e descontração; afinal, ali estava o horizonte amplo a convidá-las ao sonho, aliviando-lhes o imaginário, abrindo-lhes as manhãs com aquela musicalidade pantaneira; as araquãs, as araras, os pássaros que desfilavam no infinito do céu. Das mãos da mulher pantaneira vieram as jacubas, os caribéus, as paçocas, os furrundus, o tilintar da colherzinha de prata temperando o pó do guaraná – o melhor da nossa cultura.

E o que falar das festas de São Sebastião, São Pedro, Santa Rita, nas quais a mulher, ao som de um rasqueado e sob a luz bruxuleante das lamparinas, transformava-se numa formosa dama: o vestido de chita bem estampado, o lencinho vermelho, perfumado com perfume comprado nas carretas dos mascates. O que falar das brugrinhas, das saias rodadas, dos cabelos lisos, dos olhos acesos acendendo paixões no calor dos ranchos?

Para as nhecolandeses, rio-negrans, morcegnans, paiaguaenses, poconeanas, cacerenses e demais pantaneiras que nos legaram gestos expressivos, que embalaram o nosso sono e os nossos sonhos, que nos fizeram nascer com as suas mãos divinas de parteiras e souberam compreender a rusticidade da vida pantaneira, todos os maus momentos, todas as desilusões e desânimos que tantas vezes foram obrigadas a vencer, aqui, neste modesto trabalho de recomposição de memória, registramos a mais profunda gratidão e o mais eterno reconhecimento.



São João em Corumbá

Todavia, a festa mais tradicional da cidade é a de São João, que acontece todo ano no porto geral, bastante descaracterizada pelo aparato tecnológico da modernidade, mas ainda tentando preservar a tradição.

Há muitos anos o São João passou a figurar como a festa mais típica da cidade, cuja originalidade está no banho que se dá na imagem do Santo nas águas do rio Paraguai e nas crendices e superstições a ele ligadas.

Diz a lenda, que São João adormece no seu dia, pois se estivesse acordado, vendo o clarão das fogueiras acesas em sua honra, não resistiria ao desejo de descer do céu para acompanhar a oferenda e o mundo acabaria pelo fogo.

Se São João soubesse

Quando era seu dia

Descia do céu à terra

Com prazer e alegria.

- Minha mãe quando é meu dia?

- Meu filho, já passou!

- Minha mãe não me acordou?

- Acorda João!

- Acorda João!

João está dormindo,

Não acorda, não!

Mas se o santo tem o costume de dormir no seu dia, isso não acontece com o povo corumbaense, que guarda como uma de suas graças a festa de São João.

Antigamente a festa estava mais ligada à tradição. Pilhas de lenhas eram acesas em frente às residências e a noite se enchia de luz e labaredas amarelas que chicoteavam o ar frio, subindo para o céu.

Na Praça da Matriz, Dom Cirilo de Paula Freitas comandava a festança. Beatas faziam pés-de-moleque, chipas, doces... armavam barraquinhas, espichavam fios de arame com bandeirolas coloridas, fincavam o pau-de-

-sebo bem no centro da praça e, em cima dele, ao lado do retrato do santo, amarravam uma cédula de mil réis, que era para a gurizada apanhar.

Soltavam balões, foguetes, fogos de artifício, dançavam o cururu, o siriri, a quadrilha, faziam casamentos, jogos de prendas e adivinhações.

Depois das rezas, às 23 horas, as procissões começavam a descer a Ladeira Cunha e Cruz, para dar o banho no santo. Era aquela algazarra! Vários ranchos saindo das casas dos festeiros ao som de bandas, de sanfonas, de vilões, encontravam-se num dado momento e davam vivas: VIVA SÃO JOÃO! E gritavam, pulavam, dançavam; tal como hoje, todos os ranchos desciam a ladeira cantando o hino consagrado ao santo:

Deus te salve, João
Batista sagrado
O teu nascimento
Nos tem alegrado.

João batiza Cristo,
Cristo batiza João
E foram batizados
Nas águas do Jordão.

O refrão reforçava a animação dos ranchos, que seguiam as bandas com o povo cantando e pulando atrás do andor enfeitado.

As credices eram muitas. Até hoje existe a crença que o rio Paraguai começa a baixar na noite de São João, e que se uma moça passar sete vezes debaixo do andor do Santo ela se casará no próximo ano.

O São João corumbaense, além de se revestir de curiosidades e peculiaridades, foi adotado como casamenteiro, recebe mais pedidos que o próprio Santo Antonio.

Naquela época, antes da chegada de 1920, os saraus em casas de família ou nos clubes recreativos já estavam na moda. Tertúlias literárias aconteciam freqüentemente movidas a bailes nas sociedades italiana e portuguesa.

O carnaval era a festa popular mais animada na cidade e dele falaremos mais adiante.

Cavalcadas e touradas preenchiam os momentos de diversão da população corumbaense.

Dizem que lá por volta de 1905, célebres ficaram as cavalcadas e as touradas que aconteciam na rua Frei Mariano, no antigo Cinema Odeon e no Theatro Bijou, na Delamare. Exímios toureiros se exibiam tentando domar ou dominar os touros, aramados de lanças e usando a tradicional capa, eram ovacionados pelo povo, na melhor forma espanhola.

Em meio às cavalcadas existia uma série de gincanas, de passatempos, de brincadeiras, que sempre fizeram parte do espírito alegre do corumbaense.



EDUARDO MACHADO METELLO



Nasceu em Campo Grande (em 1930), cidade onde também faleceu (em 2000). Advogado, professor, escritor, pecuarista. Publicou as obras intituladas: “3 Casos” e “Meu Amigo Autonomista”. Ocupou a cadeira nº 32 da ASL.

3 Casos de desavenças

Posso dizer que tenho sorte. Durante tantos anos de atividade econômica, fazendo muitos negócios, graças a Deus não tive atritos ou desavenças mais sérias.

Todavia, algumas, logicamente, aconteceram. Uma delas foi justamente no primeiro negócio de terras que fiz, a compra de uma furna de quatrocentos hectares, em Sidrolândia.

O ex-proprietário estava de corpo mole para desocupar a casa da sede.

Embora fosse uma construção tosca, de tábuas, era a única existente, e servia bem para começar.

Finalmente, depois de muita insistência, a boa notícia apareceu: - O japonês foi embora ontem – me disse o capataz, que estava morando por perto, no vizinho, esperando, ansioso, a desocupação da sede, para se mudar.

- Que bom, até que enfim!

Só que carregou a casa com ele!

Realmente, o japonês tinha se mudado, arrancado as janelas, as portas e o mais que coube no caminhão e partido com destino ignorado.

A única coisa que pude fazer foi ficar prevenido para o caso de o maroto querer voltar para levar o resto da casa...



De outra feita, comprei uma bela fazenda em Amambaí.

Recebida a escritura, fui surpreendido com a notícia: - O senhor vendeu as madeiras da reserva? – me perguntou, por telefone, o rapaz que deixei, provisoriamente, tomando conta da propriedade (de certo estava, gato escaldado, com medo que carregassem a casa...)

- Não vendi nada, não!

- Então convém tomar providências urgentes, pois tem uma turma com motosserras derrubando as árvores da mata.

Imediatamente parti para o local, para ver o que estava ocorrendo.

Em resumo, aconteceu o seguinte: o ex-proprietário, depois que passou a escritura da fazenda, vendeu para uma serraria local a madeira da reserva florestal, fazendo um contrato, fraudulento, com a data atrasada.

O comprador das toras, conivente com a fraude, estava tirando toda a madeira que pudesse.

Como o contrato, evidentemente, não fora registrado, consegui provar a nulidade e assim embargar a tempo o corte das árvores, que estão até hoje na reserva da fazenda, atestando a qualidade das matas primitivas.



Na compra de outra fazenda, novo enguiço apareceu.

Ao me vender a propriedade, Fulano me disse que havia um contrato particular de arrendamento de pastos, com prazo de cento e vinte dias, cujo término eu deveria aguardar.

Embora tomando conta da sede, pacientemente esperei que o referido prazo se esgotasse, respeitando as invernadas cheias de bois alheios.

Findo o prazo, fui procurar o arrendatário, que eu soube andara falando “ter direito à prorrogação”, “que ninguém iria lhe tirar rapidamente do local” e coisas do gênero.

Levei o Sylvio Amado comigo, para servir de testemunha. O homem, fazendeiro de fora do Estado, estava realmente disposto a criar caso para desocupar o imóvel.

Calmamente falei: - Olha, Sr. Beltrano, apesar de ser advogado, não vou usar a justiça para forçá-lo a tirar os bois da minha fazenda...

E antes que pensasse que o estava ameaçando com “a lei de Mato Grosso”, esclareci: - Dentro de três dias, vou simplesmente fechar as torneiras que abastecem de água as pilhetas das invernadas. É bom o senhor providenciar a retirada da sua boiada, para não passar sede!

Acontece que a propriedade referida, apesar de ser ótima, bem formada e bem situada, não tem água corrente. Toda ela é abastecida por dois poços semi-artesianos, de cujo controle eu já estava senhor, naquela ocasião.

Foi fácil fazer o acordo na hora: trinta dias depois as invernadas estavam desocupadas.



ENILDA MOUGENOT PIRES



Nasceu em Aquidauana (MS) em 1949. Professora universitária (UFMS). Autora de Fronteiras da Crítica, A Geometria do Espaço Temporal do Romance e Avalovara de Osman Lins. Atualmente é professora do Curso de Redação e Estilo. Ocupa a cadeira nº 05 da Academia.

A poesia de Reginaldo Alves de Araújo

**Aos advogados de Mato Grosso de Mato Grosso do Sul –
com especial admiração à Dr^a Tatiana Zalla.**

Abismo tem significado extenso. Precipício, profundez, tudo que é insondável, misterioso; tem inserida a expressão “profunda separação”, mas também o fundo do mar e o ponto central do escudo. E abismos românticos? É aquilo que é imenso, insondável, misterioso, situação difícil, problemática. E se tudo isso for o amor? Não há proteção, defesa, abrigo possível.

Vindo de muito longe, existem os textos de amor, em que os poetas, os escritores exaltavam ou se queixavam das suas amadas. O fato é que a tradição dos sentimentos amorosos, líricos – meio insondáveis, meio misteriosos – é tema sempre escarpado – um despenhadeiro para os amantes da poesia. É por isso que o pequeno livro *Abismos Românticos* (1991), de Reginaldo Alves de Araújo, atual presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, itabaianense (PB), compositor de pelo menos cinco hinos – Hino Oficial da cidade de Itabaiana, Hino Oficial do Colégio Estadual de Itabaiana, Hino Oficial da EMG Alcídio Pimentel (MS), Hino Oficial da Colônia de Férias de Campo Grande, Hino Oficial do Pré-escolar da REME (Campo Grande/MS) e de outras obras -, tem seu valor.

O estilo romântico sustenta as duas partes do volume: 1ª Parte – muito romântico; 2ª Parte – cívicas e sociais. Parece que tem a ver com sussurro, melodia, canção – coisas que embalam sua vida e fazem bem ao leitor. Imagine se o que escreve for por amor? De uma chuva que batuca no telhado acordando a noite (Perfume do Infinito)? Pois poesia de amor também é “voragem do vento [que] chicoteia, vira açoite/Encachoeira-se no rio, esmaece na pampulha.”//

Um poema, uma canção são fenômenos dos mais bonitos de Jeová, porque abraçam, com doçura, o firmamento: ”Despenca do firmamento com doçura celeste,/Vista pelo poeta como o Perfume do Infinito,/ Bem vinda serás no oeste, norte, sul e leste,/dos fenômenos de Jeová, tu és o mais bonito.”//

O fato é que a tradição dos versos é veículo dos sentimentos. Servem como mediadores do diálogo entre o escritor e o leitor. Continuamos ávidos por trovadores que embalem nossos sonhos. E que alimentem nossa imaginação. Que nosso imaginário seja salvo para que haja compaixão, simpatia pela humanidade, ternura – emoção.

É por isso que o pequeno livro *Abismos Românticos* está entre nós – após 19 anos da data de sua publicação -, ora como uma “volta ao recôndito”, ora como passos na via do destino do poeta. Em *As Pétales de Tua Nudez*, as imagens fortalecem o nosso olhar. Mas não são imagens comuns. E sim olhares delicados surgindo de um pensamento inovador. Observe a prevalência do instinto e do desejo nestes versos: “Como uma viçosa flor, vejo-te no desabrochar,/ Invadindo os cristais de tua imensa ternura,/ As pétalas de tua nudez, afaguei-as no rimar,/ No mimo de teu pólen, aplaudi minha bravura.”//

São 82 poemas e inúmeras ilustrações sobre temas diversos: a meiguice, Dia dos Namorados, o verão do sonho, a vileza, a amargura, a paixão, o vencedor, veneno. De outras páginas chovem composições das brechas de seu coração, ou belas imagens medram férteis de sua alma, como por exemplo: *Nas Alcovas de tua Manhas, O Fantasma do meu Eu, Tropecei em teus Caprichos.*

E *No Alcantil de teus Sonhos?* A bonança é prisioneira, capturada, presa. Como? Pecados e orgia jorram como fonte de pura alegria.

Janeiro. A fantasia poética chega até nós como um suave beija-flor, como musa dos sonhos que recebe do poeta o Parabéns, Linda Morena: “Salve o dia 28 de janeiro/Todos festejam um mundo de amor,/’Parabéns linda morena.’/No jardim da amizade, és a flor”./

Uns poemas são para dizer o quanto se gosta de alguém – Nas Ramas de teu Olhar, Nas espumas de teus Afagos, No Sorriso da Lua, Nas Crinas do Sol -, outros para secar lágrimas: O Prosa dos meus Amores, Um Cálice de Fel, Um Cão Burlesco. Mas as andanças do amor e os suspiros estão em quase todos. O enxergar, o encontrar e o sonhar são os principais personagens da esfera romântica dos seus versos: “Sou um oásis que te ama, linda flor/Como um dilúvio universal de sonhos/ Semelhante ao vôo certo do condor./ Afaste de mim, logo, teu olhar tristonho.”//

O livro tem como grande tema o amor. Há uma infinidade de emoções atravessando cada uma das suas 98 páginas. E tem ainda a singularidade da 2ª Parte – Cívicas e Sociais. Nesse seu estilo de desenhar um trajeto temático na superfície de seus versos, Reginaldo Alves de Araújo vai auferindo seus conflitos, seus temores, suas dores, seus medos, alisando arestas, para que, enfim sua poesia nos alcance.

Tem rima? Alguns tem. Um tom de modernidade também fica invadindo cada poema do livro. Segundo verso rimando com quarto. Uns poemas com quatro estrofes, a maioria com três.

Mais que mais, surge, no final, pelas mãos de uma ninfa grega, a melodiosa Itabaiana em tintas acrílicas. Nesse clima de sonho, desenha-se a busca do cântico, do ficar espelhado em cada uma das suas nove letras ou, quem sabe, de um Estado inteiro caber no peito do talentoso poeta paraibano. Sua terra natal, Itabaiana, é proclamada com vigorosos versos:“(…) brados retumbantes/ Semelhantes clarins a soar (...)”. Seus raios luminosos, ardentes surgem no horizonte encantando a Igreja, seus santos, seus anjos. O poeta acrescenta: “Tua matriz, portal de salvação/ Teus morros de belezas mil/ Encantam teu povo gentil/ Ó meu lindo canto de mansidão.”// Por fim o seu grito de amor: “Eu te amo Itabaia/ Com ardor no coração/ Elevar teu nome sempre/ É meu lema e devoção.”//

Lobivar Matos – O Poeta Corumbaense

*Corumbá deslumbrante. Dorme na harmonia
O teu sono infinito, nas rochas de granito,
Sob a luz sombria,
Do calor.*
Lobivar Matos

Aos policiais da Delegacia de Polícia
Civil de Corumbá (MS) – com especial
carinho ao Delegado Zalla.

Traços biográficos - Filho de Manoel Augusto de Matos e Brasília Nunes de Matos, nasceu em Corumbá, Mato Grosso, a 12 de janeiro de 1915 (1947). Fez o curso secundário no Ginásio Municipal de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. Bacharel em Direito pela Faculdade Nacional da Universidade do Brasil, em 1941. Residia no Rio de Janeiro. Livros publicados: Areotorare - poemas bororos, 1935, Sarobá, 1936 – ambos publicados no Rio de Janeiro. E Renda de Interrogações – obra inédita que reúne 45 composições preservadas por membros da família Matos.

Alguns documentos sobre a vida do autor revelam que sua infância, pela região pantaneira, fora digna de uma infância comum. Assim nos contam algumas linhas do artigo intitulado Lobivar de Matos - a ilusão e o destino do poeta desconhecido, escrito por José Octávio Guizzo (1979).

(...) ele fora um menino de mais ver e ouvir do que falar. Garoto mirrado, ele seguia a turma, sempre meio arredio, pelas barrancas do Paraguai, em cismares sem fim. Pervagava por todos os bairros pobres da zona portuária, soltando papagaio, rodando pião e jogando bolita. Começou os estudos primários no colégio santa

Tereza, na sua cidade natal, e em 1928, aos 13 anos de idade, viera com a mãe para Campo Grande.

No entanto, o mesmo não pode ser confirmado em sua juventude, repleta de atitudes fortes e marcantes, principalmente, pelo que pode ser visto em sua composição poética.

Dentre os inúmeros poemas, destacamos alguns versos de sua poética regional em Lavadeiras.

Lavadeiras

A manhã – lavadeira velha -
esfregou o sol
e o estendeu na terra para secar...

As casinhas de madeira
tortas
beijudas
remendadas de lata

circulando o morro,
abrem os olhos, que são janelas
quebradas
e ficam olhando o rio
que, sinuoso,
passa, correndo, embaixo.

Um as mulheres gordas
carregando bacias de roupas na cabeça
descem o morro e vão à beira do rio.
São lavadeiras
As mulheres heróicas,
que trabalham para sustentar os filhos,
aqueles meninos amarelos e barrigudos

que ficaram em casa
choramingando uma choraminga de fome.

São as lavadeiras.

As mulheres conformadas, que apanham dos maridos,
dos maridos vagabundos,
dos maridos jogadores,
que bebem cachaça nos boliches
e depois, em casa, espancam o filhos,
descompõem as mulheres,
em vez de trabalhar também.

O texto poético, acima transcrito, tem seis estrofes e trinta versos, formando com estes, unidades rítmicas e melódicas. O número de versos agrupados em cada estrofe é variável, por exemplo:

- a) primeira estrofe – três versos (terceto);
- b) segunda estrofe – quatro versos (quadra);
- c) terceira estrofe – cinco versos (quintilha);
- d) quarta estrofe – três versos (terceto);
- e) sexta estrofe – nove versos (nona).

Os versos não rimam entre si – são, portanto, versos brancos.

Lobivar Matos, a voz que fala no poema, cria o seu ritmo livremente, como a natureza cria o vento, o sol e o rio. Por se tratar de arte realista, este poema obedece ao próprio espírito que pregava - vem inserido num contexto sócio-político, o qual é preciso ter em mente, ao menos em linhas gerais. Assim, partir da descrição de cenas, apresenta as características realistas de seus personagens: "Umas mulheres gordas", "Aqueles meninos amarelos e barrigudos" e "Dos maridos vagabundos/ Dos maridos jogadores".

A personagem central do poema é a Lavadeira que lava a roupa encardida no pequeno ribeirão: "Umas mulheres gordas com seu filho/ Carregando bacias de roupas na cabeça/ Descem o morro e vão à beira do rio".

Lobivar é um anti-romântico confesso, o que significa ser adepto da estética realista. Por isso há uma espécie de destruição de sentimentalidade. Vejamos os versos em que o poeta descreve os filhos das lavadeiras, observados como um documento social e analisado sob o olhar científico:

São lavadeiras
As mulheres heróicas,
Que trabalham para sustentar os filhos,
Aqueles meninos amarelos e barrigudos
Que ficaram em casa
Choramingando uma choraminga de fome.

E os maridos dessas mulheres heróicas estão condicionados ao ambiente, à herança e às circunstâncias, entendidos como leis universais. Mais ainda: eles podem ser colocados em pé de igualdade à natureza bruta da qual são peças de engrenagem. Enfim, uma característica naturalista.

As mulheres conformadas, que apanham dos maridos,
Dos maridos vagabundos,
Dos maridos jogadores,
Que bebem cachaça nos boliches
E depois, em casa, espancam o filhos,
Descompõem as mulheres,
Em vez de trabalhar também.

Concluindo, este desencanto lírico, nascido no meio de “casinhas de madeira/ tortas beíquidas/ remendadas de lata”, apresenta-se como uma arma de combate, de reforma e ação social.



FLORA EGÍDIO THOMÉ

Nasceu em Três Lagoas (MS). Professora universitária aposentada (UFMS). Dentre suas obras destacam-se: Cirros, Antologia Dimensional de Poetas Três Lagoenses, Cantos e Recantos, Retratos, Haicais e Nas Águas do Tempo. Colaborou com a revista MS Cultura e, atualmente, nos jornais de Três Lagoas e região. Ocupa a cadeira nº 33 da Academia.



Pó-De-Mico x Patos, Gansos e Garças

Outrora parece um tempo distante... mas nem sempre esquecido. Tempo que não volta... Tempo tão devorador que mal percebemos o passar do tempo... e o logo se torna outrora. Parece que ainda ontem crianças e jovens, homens e mulheres, quase todos tomavam banho na lagoa... Tudo era mais que lazer. Um enorme prazer, pois o calor muito intenso nos sufocava... Corpo e alma solicitavam momentos agradáveis que podiam ser usufruídos nas águas da Lagoa Maior... No entanto, havia um porém: o insuportável pó-de-mico.

Após o banho ou mergulho, nem tudo era tão refrescante assim. O pó-de-mico, um desprazer. Mal-estar e coceiras sem fim... O jeito era coçar e coçar; resmungar e coçar com álcool e o que mais havia... O que hoje lembramos são passagens vividas ao sabor da infância e juventude felizes... visto que “a memória é um diário que carregamos conosco”.

A lagoa, berço e origem do nome de nossa cidade, é referência que orgulha a identidade cultural da (ex) Caçula de MS. Sempre cantada em prosa e poesia por Dom Aquino Corrêa, Elmano Soares e outros, é de Rosário Congro o belo verso “... o céu inteiro se reflete nela”.

Por algum tempo, a Lagoa Maior perdeu viço e encanto até virar cloaca. Hoje, com bonitas residências a seu redor, é como pedra preciosa, jóia da natureza “plantada” no coração da cidade. Moradores ou não, turistas ou visitantes, a todos encanta por sua beleza e serenidade... Ali está o OT, excelente hotel, com uma vista inteiramente voltada para ela, que é o mais bonito cartão postal da cidade... A Lagoa Maior nasce e renasce a cada dia e a cada olhar...

O pó-de-mico se foi e, em seu lugar, vieram os gansos, patos e garças além das pistas, internas e externas, próprias para esportistas, andarilhos, caminhantes e muito espaço para os amadores da pesca. Modernas quadras esportivas iluminadas. Muito verde pelo chão e tudo bem zelado e muito frequentado. ...Ave Lagoa Maior! Ave!

Na circular da lagoa
um poema circula
brincando de haicai...
e
Águas da lagoa
espelho de luminárias
fluidez na paisagem!



Francisco Palhano

Nasceu em Campina Grande/PB em 1924 e reside em Campo Grande/MS desde 1940. É escritor contista e romancista e articulista do Jornal Correio do Estado. Autor da obra “Do Cariri ao Pantanal. Ocupa a cadeira nº 24 da Academia.



Alimentação condenada

Mais ou menos aí pelos anos sessenta, a imprensa começou a divulgar informações procedentes do exterior, principalmente da Alemanha se bem me lembro, informações “cientificamente comprovadas” de que certos alimentos faziam mal à saúde, muito mal, podendo até levar à morte. Alguns desses alimentos eram portadores de gorduras severamente prejudiciais ao bom andamento do coração, entupindo seus canais vitais e provocando enfartes e outros danos irreversíveis. O pior deles era o ovo, amaldiçoaram o ovo sem dó nem piedade, foi condenado à morte sem direito à defesa, mas devido aos protestos que vieram de toda parte do mundo, sua pena foi comutada e o condenaram “apenas” à prisão perpétua. E lá se foi nosso ovo, quero dizer o ovo de todos nós, favor não tirem conclusões engraçadas, que isto é assunto sério.

Como se pouco fosse, chegou a vez da banha de porco. Quer morrer, – diziam – coma banha de porco, tem mais colesterol em um kilo do que o sal em uma tonelada de água do mar. Detalhe: foi descoberto o bom colesterol e o mau colesterol. O da banha, é lógico, era o mau, e bote mau nisso. Banha, nem pensar! E aí, amigos, nós, vividos e criados com a banha, víamo-nos assim de repente privados dela, mas para

nós, consumidores, tudo bem, agora para a dona de casa foi um terror: com que fritar então? Aí surgiram as mais diversas gorduras, inclusive as célebres margarinas, que são vegetais. Então, meu querido amigo Nico de Vera perguntava – “Quer dizer que vamos comer a que sai da madeira? Não ficaremos todos com cara de pau?”.

As consequências todos conhecemos, nos privaram daquele inesquecível pão quentinho da tarde, onde, com ricas colheradas de saborosa manteiga, fazíamos a delícia do lanche das cinco horas. Muitas vezes, dizia-me outro dia meu amigo Nelson, só me falta chorar quando me lembro daquele pão da tarde, onde depositava um bendito ovo cozido, na banha naturalmente, e me deleitava comendo - vagorosamente - que tudo que é bom deve ser feito bem devagar, para o prazer se prolongar um pouco mais. Acabou, viva, se quiser, da saudade, que ovo nem pensar! E por aí vai, cada dia eles emasculando um novo e fiel companheiro, até onde, meu Deus?

Aí a gente se queda a pensar, me diga uma coisa, quem foi o cientista, ou quem foram os cientistas que fizeram a maldita condenação? Ninguém, ou quase ninguém sabe, porque essas publicações eram feitas em sua maioria por revistas populares, tipo Seleções. O fato é que foram aceitas como fato consumado e o pobre ovo, já no corredor da morte, foi salvo pelo gongo, vivendo em sua prisão perpetua. Mas aí – sempre tem uma reação igual e contrária, não é uma lei da física? – começou a surgir a reação quase universal. Aqui, no nosso mui querido terceiro mundo, nossas avós gritavam a pleno pulmões, “meu pai, minha mãe, meus avós, todos foram criados com a banha e viveram até quase os cem anos, por que parar agora?”. E começou a revolta, qual uma balaiada moderna, acompanhada por tantos quantos desejavam a volta triunfal das gostosas guloseimas. E não é que venceram? Dizia, outro dia, o venerável e profundamente entendido doutor Alfredo, que o ovo é o princípio de uma criação animal, onde só entra o que a mãe natureza deixa entrar, por consequência, só contém coisa boa.

Pois bem, queridos amigos, a mesma imprensa condenadora acaba de entrar com habeas corpus e conseguiu tirar do corredor da morte tanto o ovo como o porco e eu, que não sou besta, já mandei aumentar a

minha pocilga, da qual nunca abri mão, e botar (botar, não por, que sou nordestino) uma porca já velha na engorda para ter banha, muita banha e da boa, e quando a tiver, o que não demora, fazer um bom almoço ao qual, certamente, convidarei não apenas ao nobre doutor, como ao não menos doutor Ruben, para degustarmos uma comida feita ao gosto – bom gosto – de nossas queridas avós. E viva a banha de porco! Porque se vocês querem saber, provem um pão quentinho com um ovo estrelado na banha, do jeito que o Nelson gosta, e depois me digam também: viva o ovo! Às favas com esses “cientistas”, que - agora, ressuscitados nossos queridos alimentos -, eles é que estão com cara de pau...



Traição

Hoje em dia nem sei como chamam mais, as coisas se modificaram tanto que eu confesso a minha mais completa ignorância, mas, no meu tempo, mulher casada que procedesse mal (entende?), ou seja, que acabara de trair o marido, era jogada às feras. Não sei hoje, mas desde os tempos bíblicos, era pedra nela, ou vocês não leram a passagem de Cristo em favor da pecadora? Vou lhes lembrar: “Mulher, onde estão aqueles que te acusaram? Eu também te perdoo, vai e não voltes a pecar”. Simples assim, não era Ele quem falava? Depois não, é pedra nela que é para aprender a respeitar marido. Mas, pensava a pecadora, e os maridos? Bem, os homens são diferentes, eles podem, não era uma gracinha? Talvez fosse, para você que não vivia o terrível problema, para elas não, era o inferno. Dito isto, passemos à história que lhes contarei.

Marlene, melhor dizendo, dona Marlene, que eu tinha se muito, 15 anos, era uma senhora como as outras, respeitada e dona de casa como poucas. Dizer que eu a conheci talvez seja um pouco de exagero, mas eu

sabia quem era ela, muitas vezes cruzei com ela na feira – “como vai sua mãe, Chiquinho?” – e disso não passava. Como, pois, dizer que a conheci? Só depois do acontecido, fato muito comentado que chegava até aos ouvidos dos meninos, como eu. Meu colega de classe, o Vanildo, cuja mãe era dona do melhor hotel da cidade, um dia chegou esbaforido – “rapaz, tu soubeste de dona Marlene?”. Não, não sabia de nada e ele, cêlere me dava detalhes do que ouvira dos adultos que, sem dó nem piedade, estrçalhavam o que restara da dignidade da pobre senhora. Se aos adultos era desconhecido qualquer fato atenuante (como se aquela sociedade atenuasse alguma coisa!), imagine para meninos como nós. Também nunca fiquei sabendo por que cargas d’água algumas pessoas procuravam minimizar o pecado, terrível pecado. Verdade que eram poucas, pouquíssimas, mas uma réstia de luz, fraquíssima réstia, começou a aparecer nas conversas, que, como era lógico, não chegava aos nossos ouvidos, juvenis ouvidos, e, por não chegar, mais aguçava a nossa curiosidade.

Dos nossos colegas de classe e de brinquedos, Geraldo era o mais velho, e, em consequência, o que mais sabia das coisas. Ele nos olhava de soslaio, levantava levemente as sobrancelhas e com riso malicioso nos enchia de curiosidade. Curiosidade e inveja. Mas ninguém segura um segredo daqueles por muito tempo, ainda mais naquela idade. Pois Geraldo tinha uns amigos, alguns até mais velhos do que ele e logo foi, se bem que aos poucos, nos contando detalhes da história, daquela terrível historia. Acontece que dois dos seus mais velhos amigos, aí pelos 17 ou 18 anos, eram “amigos íntimos” do seu Arnaldo, que vinha a ser o esposo de dona Marlene. Naquele tempo, essas coisas não existiam com a frequência de nossos dias, razão pela qual seu Arnaldo não deixou que prosperasse o que diziam de sua mulher, o caso era com ele e de ninguém mais. Ora, se o marido que era quem devia ser a parte ofendida não dava importância ao que comentavam, é claro que logo a coisa caiu no esquecimento, ninguém ficando sabendo quem fazia chantagem em quem. Só sei que as pessoas que estavam já com pedras na mão, aos poucos, como na Bíblia, foram largando suas pedras e deixando a mulher sozinha, sozinha e perdoada, ao que me parecia, e a vida segue.

Crônica de uma lembrança

Para quem, como eu, é nordestino, fica bem mais fácil aquilatar as razões que aquela gente leva a abandonar tudo, juntar seus trapos e aboletarem, ele e seus familiares, numa carroceria de um pau de arara, enfrentando o desconhecido e cujo único incentivo são as histórias que outros contaram sobre o eldorado que é o sul maravilha. Afinal, o que tinham a perder? Foi assim que Justiano deu com os costados numa fazenda (?) na junção dos rios Baeta com Jatobá, que não era realmente uma fazenda; o proprietário, seu Jonas, comprara uma gleba de 1500 hectares onde pretendia fundar uma fazenda, e onde nem sequer havia uma casa. Os colonos, como chamavam então os que trabalhavam na roça, erguiam seus ranchos de pau a pique cobertos com capim sapé. O trabalho era árduo, mas pelo menos tinham o que comer e havia água em abundância naquele rio gostoso, com água que não acabava mais. Nele, seus filhos, ao fim do dia, mergulhavam numa algazarra alegre, esbanjando felicidade, principalmente a Socorro, na verdade, Maria do Socorro, uma moreninha alegre que vivia rindo, era apenas uma menina de seus quatorze anos, mas com corpo de mulher e sua alegria contagiava os homens e dava ciúme às mulheres.

Socorro tinha convicção de sua feminilidade, e sentia prazer com os olhares quase obscenos dos homens. Começou então a caprichar mais ainda na maneira de andar e de rir. Não era mulher? Não usava sutiã, até mesmo porque jamais tivera um, o que ressaltava seu busto, deixando-lhe ainda mais tentadora. Como era de se esperar, os rapazes deram em cima e Socorro não se fez de rogada; era, como dizia o cínico Argemirinho, muito caridosa.

Um dia, seu Jonas estava na frente de seu rancho quando ela passou. Chamou-a e ela achegou-se rindo, como sempre, “pois não seu Jonas, o que o senhor manda?”

“- Socorro, por que você não usa sutiã?”

“- Porque não tenho”.

“- Diga-me qual é o seu número que lhe trarei um.” Foi a deixa. Ela, sem mais aquela, tirou a blusa e respondeu “taí patrão, veja o senhor mesmo qual é o número”. Em pouco tempo ele sabia não apenas o número do sutiã, como de toda sua roupa íntima. O pobre homem, com seus 48 anos, caiu de amores, melhor dizendo, de paixão por aquela menina-mulher de irresistíveis formas físicas e de uma brejeirice carregada de sexo. Logo estava literalmente envolvido com ela, quando então falou com o pai: “Justiniano, estou precisando de uma caseira, que cuide de minhas coisas, que cuide da casa etc. Peço-lhe que deixe a Socorrinho (já se tornara Socorrinho...) fazer isso que lhe pagarei o mesmo salário que lhe pago.”

Ficou assim oficializada aquela ligação. Logo o patrão estava literalmente apaixonado. Socorro, que não tinha ideia do lugar que lhe davam, continuava a mesma, divertindo-se com os olhares em chamas que os rapazes lhe dirigiam - não mensurava o tamanho do problema que estava criando e muito menos de suas consequências. Todos na fazenda sabiam que uma hora a desgraça aconteceria. Talvez nem mesmo o Jonas desse o devido valor ao fato, não estivesse ele literalmente apaixonado, naquilo que parecia apenas mais uma aventura. Era não. Estava absolutamente cego, e foi no auge dessa cegueira que, louco de desejo, veio inesperadamente à fazenda encontrando sua amada, sua pequena-grande mulher, nua, na cama com um peão a seu lado. Ele descarregou toda a carga de seu revólver nela, que, olhando atônita para Jonas, enquanto seu sangue escorria por sobre os peitos, apenas dizia, simplesmente “por que Jonas?”.



GERALDO RAMON PEREIRA



Nasceu em Maracaju (MS), em 1939. Professor universitário (área biomédica). Dedicase também à música regional. Autor de “Poemas Íntimos”, “Estrelas de Sangue”, “Caroço de Manga”, “Álbum de Sonetos”, entre outras obras. Ocupa a cadeira nº 39 da Academia.

Sonetos In Memoriam

(Do livro AURORAS E CREPÚSCULOS - Espectros Poéticos em Sonetos)

I - Dona Eneida

(Para a Prof^a. Henedina Hugo Rodrigues)

Lograste, nesta vida de dilemas,
A vitória que a poucos emoldura:
Transformar todas lutas em poemas,
Plasmar cada energia em sã doçura!

Calíope-mulher, alçaste em lemas
Tua voz pela Arte ou na Cultura...
Provaste que o sonhar traz diademas,
Basta o labor e em Deus a fé mais pura!

Por teu amor de esposa, mãe... teu brilho,
Licença que eu te seja um pouco filho
E, qual irmão, decante esta verdade:

Quando ascendeste aos Céus, santa Henedina,
Nos deixaste o teu riso de menina,
Mas na alma um soluço de saudade!

II - Deusa Adormecida

(Para a Prof^a. Oliva Enciso)

Da nossa História a Hécate inesquecida,
Santa e deusa-mulher do nosso chão...
Estás em nós mais vívida que a vida,
Cujo amor nos plantaste ao coração!

Assim, Oliva Enciso, – quem duvida? –
És-nos da alma o eterno medalhão...
Nunca alguém ficou tanto após a ida,
Nunca a morte acendera um tal brasão!

Foste um ícone raro da existência,
Do amor-fraternidade a pura essência,
Por teus voos de fé, trabalho e luz...

E tanto realizaste pela vida,
Que, na viagem da última partida,
Foste ser secretária de Jesus!



III - Invernadas do Céu

(Para Paulo C. Machado e Eduardo Metello)

Paulo Coelho Machado, tempo atrás,
Voou das invernadas desta vida...
E eis que Eduardo Metello também jaz
Junto dele em vã prosa desprendida.

Na Fazenda dos Céus ambos têm paz...
Mas, em tanta saudade lá sentida,
A do gado nelore é a que mais traz
A dor pela missão aqui tolhida!

E então, pra compensá-los, o Senhor
Mostra-lhes brancos anjos, num verdor
Do etéreo, pastoreados longe, ao léu...

E, num milagre nunca visto antanho,
Transforma os anjos em plantel tamanho,
Que de brancos nelores enche o Céu!

IV - Elegia a Nelly Martins

Com letras e pincéis pintaste a vida,
N'alma plasmaste a essência dos encantos...
Froncosa ipê, de multicolor florida,
Mel-guavira dos campos e recantos!

Tal memória é a que fica na partida
Qual um riso na dor de nossos prantos;
Mas a dor ao vazio por tua ida
Preencherá os Céus em acalantos!

Do adeus tiveste que vestir a toga;
És, Nelly, uma vestal que ao espaço voga,
Acendendo arte e amor entre as estrelas...

E as luzes te serão tão divinais,
Que nossos olhos tristes, de mortais,
Estarão sempre erguidos para vê-las!

V - Frei Gregório, A-Deus! (Para Frei Gregório de Protásio Alves)

Fé, luta, amor – a tríade da glória
Com que pautaste, Frei Gregório, a vida...
Com Letras, sons e risos deste à História
Messes em oração mais comovida!

O amor é mais intenso na memória,
Se é, quem partiu, a flama mais querida...
E eis que minh'alma, em luz tão alva e flórea,
Voa à Igreja de Fátima, sentida.

Busca-te, oh! Frei, no quarto agora triste,
Onde, só, a sanfona toca um hino
De adeus a quem fez tanta caridade...

Na nave, estás em tudo, e tudo assiste
A um milagre da Santa em desatino:
Fátima chora preces de saudade!



VI - Foi-se o Astro Zorrillo... Ficou-nos seu perene Brilho!

(Para Zorrillo de Almeida Sobrinho)

Venceste, na olimpíada da vida,
Uma a uma, as disputas mais ferrenhas...
Medalha de ouro em fogo e luz fundida,
Não há modalidade que não tenhas!

No amor e fé buscaste a paz florida,
Desafios e lutas foram senhas
Para o lar e a família tão querida,
E à Cultura, ao teu ser, então te embrenhas!

Deixaste Souza... Campo Grande cá,
Te esperavam no céu Beethoven, Bach...
Edith Piaf e amigos do Ceará...

Saudade e dor deixaste, oh bom Zorrillo!
Tudo o que deste a morte quis levar...
Mas nada leva o que és – eterno brilho!

VII - Adeus a Otávio Gonçalves Gomes

Foste a vaga cantante de alegria,
O vento sibilante no capim...
Hoje o canto tão triste silencia
Porque a realidade quis assim.

Sei que em pranto deixaste a Academia,
Sobrevoando Rio Pardo até Coxim;
Do chão que amaste a alma despedia,
Na busca tão incerta do Sem-Fim.

Tão muda a reverência, muda a prece,
Tudo em silêncio te acenava adeus...
Mas, em meio ao silêncio, te estremece

Um cântico que eclode da ansiedade:
Eram seriemas te clamando a Deus
Em súplicas precoces de saudade!

VIII - Elegia a Demosthenes Martins

Gigante e secular jequitibá
Tomba e estremece a mata comovida,
Onde vivera e sempre viverá
Como exemplo e modelo para a vida!...

Demosthenes Martins ___ sereno ubá
Singrando a honestidade destemida,
Onde o amor, a fé... tudo aflorará
No encanto da saudade mais dorida!

Tudo passa!... Que linda a convivência
Com teus cabelos brancos, risos teus
Nos alagando em luz a existência...

Tudo foi-se qual tombam coliseus...
Foste, mas nos deixaste a consciência
Do quão bem-vindo terás sido a Deus!

Atemporal

Eu que te conheci menina pura,
Bela, inocente, santa e virginal,
Sonhei amar-te como quem depura
A essência da pureza sem igual!

Sonhei em nossas bocas, com doçura,
Beijos de orvalho e brisa ao roseiral...
Sonhei, enfim, talvez maior ternura,
Que Deus beijando a Virgem no Natal!

Porém, me fui, te foste! Hoje, o destino
Deslumbra a chance do primeiro beijo,
Tão protelado, quanto mais divino...

Pois, se crescera o amor com desatino,
Te abraça um quase velho com desejo,
Mas te beija a ternura de um menino!

Amor incondicional

Quanto sonho a embalar a mocidade!...
Mas quanto fogo de paixão a cega!...
Quanto percalço em nossa vida há de
Turvar o vinho-amor da nossa adega!

Tenta o amor sufocar uma ansiedade
Em cujo âmago o sofrer navega
Em busca da fugaz felicidade,
Que a gente corre atrás... mas nunca pega!

Fato assim nos pregara triste peça:
Ela foi-se, se impondo vil degredo,
Para da mãe pagar uma “promessa”...

Voltou freira – mas não foi seu intento:
Nosso beijo provou, sem mais enredo,
Que só meu coração é o seu Convento!



GUIMARÃES ROCHA

Antônio Alves Guimarães nasceu em Quixeramobim (CE) e reside em Campo Grande (MS) desde 1980. Poeta, professor, e produtor cultural, é major da reserva da PM/MS. Escreveu 20 livros, dois deles inéditos. Está em busca do reconhecimento pelo Guinness Book pelo recorde poético - www.guimaraesrocha.com.br. Recentemente lançou "Coronel Adib - A História". Autor do CD "Encanto". Ocupa a cadeira nº 4 da Academia.



Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense

Abrão Razuk: Um intérprete sutil construindo o Direito

A correta interpretação leva à aplicação segura da Lei. As decisões dão base ao futuro das aplicações no âmbito da Justiça, então o bom intérprete, aquele homem douto, estudioso trabalhador do jurídico, na feição de Abrão Razuk, é prestador de serviço indispensável, construtor da jurisprudência, cientista do Direito porque detentor da sã eloquência associada à intuição e prática sutil do verbo que se estuda, conhece, escreve e associa à realidade.

Abrão Razuk, natural de Campo Grande, é advogado, foi magistrado (MS, turma 1979). Escreveu dois livros: "Enfoques do Direito Processual Civil" e "Da penhora". Ocupa a cadeira 18 da Academia Sul-mato-grossense de Letras, anteriormente ocupada por Mariano Cebalho (em memória), patrono Aguinaldo Trouy. Tem Especialização em Direito Processual Civil, pela PUC (São Paulo), outubro de 1977 e Curso de Especialização em Direito Civil, pela PUC e Faculdade de Direito de CG, em junho de 1975.

Vice-presidente da Academia Sul-mato-grossense de Letras na gestão 2008-2011. Abrão Razuk é colaborador: da Revista Juriscivil, do Supremo Tribunal Federal; dos jornais Correio do Estado e Jornal da Manhã; e do Tribunal de Justiça de São Paulo. Colaborou com dois verbetes para a Enciclopédia Saraiva. Detentor do diploma do mérito comunitário, sócio benemérito da Associação dos Advogados – MS. Doou parte de sua biblioteca particular à Escola Superior da Advocacia (ESA), em julho de 2008.

As contribuições de Abrão Razuk são vastas e disponíveis em um grande número de publicações de todo o Brasil, grande parte veiculada na internet. Sua efetiva participação ao modo de fonte de consulta garante o aperfeiçoamento da cultura jurídica, o que aponta para o equilíbrio social e institucional no País.

Do seu manancial inesgotável retiramos algumas expressões, e aqui inserimos para ilustrá-lo na plataforma que o imortaliza no mundo das letras. “O advogado não deve sustentar absurdo jurídico e, sim, fundamento consistente e com peso doutrinário e jurisprudencial”, informa ao escrever sobre o campo das provas, que considera a parte mais fascinante do direito.

Jogando luzes de ciência jurídica, são respeitáveis seus comentários sobre a lei do inquilinato, ao confirmar que as mudanças trazidas pela Lei 12.112/09, propiciaram segurança jurídica e prestigiaram o direito de propriedade. Aqui lembramos que o aperfeiçoamento das regras é o penhor da cidadania, e a estabilidade do mercado uma excelente oferta à expectativa usufrutuária.

É notável o seu desempenho ao esclarecer a diferença entre a “justiça virtual” e a “justiça judicial”. Alerta sobre os perigos do julgamento virtual que, feito diretamente pela mídia, pode submeter o cidadão a um linchamento moral, desrespeitado o princípio da presunção da inocência. E, para preservar a condição de dignidade humana (*status dignitatis*), lembra a orientação ao condutor do processo, de que se deve acima de tudo considerar o sistema legal vigente (constitucional). “O ideal e correto é o julgamento judicial”, anota Abrão Razuk, estribado em que

será justo “buscar todos os elementos probantes, na busca da verdade real, valendo-se do conjunto probatório e não da prova una, isolada”.

O autor tem a nossa reverência pelo insistente fazer de oásis em terrenos áridos. Por exemplo, ao versar sobre o fornecimento, pelo poder público (União, Estados e Municípios) de medicamentos aos pobres, invoca a Constituição Federal de 1988, segundo a qual a assegurar o direito à saúde é da competência comum de todos os entes da federação. Fazendo assim, apelando para o dever de “conciliar a razão com o coração”, ele singularmente vê a caridade a inspirar a Carta Magna. De novo o princípio da dignidade humana.

Abrão Razuk! Tudo isso e muito mais, robustece o nosso voto de solidariedade às suas lutas, pois a mente brilhante, servindo-lhe à caridade do verbo, ainda e sempre o conduz às máximas: “Sempre que houver conflito entre a letra fria da lei e a justiça – fiquemos com a justiça”; e “A justiça também pode ser sinônimo de amor”.



Um senhor professor multicultural: Arassuay

Só “entender” não basta; tem que estar bem escrito. Talvez uma sentença assim possa ser aplicada interiormente ao estudioso e praticante da língua e da literatura. Muitos se contentam com o seguinte raciocínio, a respeito da fala e da escrita: “Se dá pra entender é o suficiente, não é necessário ir além”. Entretanto, o modo de dizer e de escrever fará diferença para sempre. A palavra escrita foi o primeiro passo humano para organizar a comunicação e, a partir daí, formar a coletividade. O comodismo não anulará a necessidade da correta expressão, e qualquer expressão, por mais elevada e ainda que virtual, para ser bem sucedida terá de se amparar na forma correta de ler e escrever. Por exemplo, aquele que leia erradamente ao tentar a inicialização do entendimento, fatalmente será levado a erro.

Aqui encontramos Arassuay Gomes de Castro (1926 Cuiabá-MT - 2005 Campo Grande-MS) em sua missão e multifunção de professor. Ele defendeu a estética, mas com tranquilidade, sem levantar bandeiras de combates estéreis. Inteligentemente, mostrou e demonstrou a ciência da letra, principalmente a partir do início dos anos 90, com suas vastas contribuições à imprensa local, por meio de colunas e artigos que, junto com livros de sua autoria, ainda hoje nos servem por fontes de consulta.

A boa estética se via também no seu comportamento cotidiano. Arassuay era gentil e simples, como acontece com o talento verdadeiramente bom. É verdade o que escreveu o jornalista de Campo Grande, Fausto Brites, no *Jornal do Brasil Central*, logo após a posse do acadêmico em 28 de junho de 1991, quando enalteceu a “grande inteligência” que se fez presente no dia a dia de uma cidade tão carente de valores e se dedicou a “valorizar o setor artístico-cultural”: “Se existe um fidalgo, este é Arassuay. Com seu jeito calmo é ele que dá explicações sobre coisas que, às vezes, são tão complicadas para os humildes mortais”.

Arassuay Gomes de Castro ocupou na Academia Sul-mato-grossense de Letras (instituição da qual foi presidente), a cadeira 24, atualmente ocupada por Francisco Albuquerque Palhano, patrono Lobivar de Matos. Fora antecedido, nessa Cadeira, por José Maria Barros Vasconcellos. Coursou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Colégio São Joaquim - Lorena, São Paulo, 1944 a 1947. Catedrático professor de Latim, Português e Literatura Luso-brasileira.

Radicado em Campo Grande desde 1951, era agente fiscal dos tributos estaduais e assessor de Gabinete na Assembleia Legislativa de MS. Membro da União Brasileira de Escritores (UBE-MS). Publicou junto com Flaviano Teodoro de Carvalho, em 1975, a obra “Infrações e Penalidades do ICM”. Também escreveu e lançou os livros “A Previdência Social por Perguntas e Respostas” e “Manual dos Concursos Públicos” (1973). Deixou quatro livros técnicos inéditos: “Lições da Língua Vernácula e Literatura”; “Uma Janela sobre o Tempo”; “História dos Tributos”; e “Panorama da Literatura Nacional”.

Recebeu em 1998, título honorífico e benemérito por relevantes serviços prestados à cultura e à memória sul-mato-grossense e brasileira, concedido pela Casa da Memória Arnaldo Estevão de Figueiredo, em Campo Grande-MS.

Colaborador de jornais e revistas. Abordou com propriedade de mestre, todos os assuntos relevantes das áreas maiores do conhecimento humano. Literatura, sua história, gêneros, tipos, estilos, escolas, correntes, manifestações; origens da linguagem humana; origens das invenções e descobertas; religiosidades; folclore; mitologia; profissões; origens dos povos; história do Brasil; regionalismos; vida e obra de poetas e escritores; meio ambiente.

Fomentou discussões sobre os acordos ortográficos nas comunidades de língua portuguesa, inclusive aquele recentemente em vigor, que em junho de 1996 era aprovado por unanimidade pela Academia Brasileira de Letras. Defendeu em artigos, a integridade do Hino Nacional Brasileiro, que sofreu em 1993 ameaças de modificações em sua letra.

Quando aposentado, continuava produzindo artigos, por exemplo, para informativos do Fiscosul e Sindifisca.

Arassuay Gomes de Castro! Que doava aos amigos frutos do pomar de sua casa... Simbolizava isso a sua aspersão de espiritualidade nobre que mesmo agora se refaz em nossa memória. Muitos somos os seus alunos, assim humildes, pelo seu exemplo de afinado professor que, à música refinada dos seus escritos harmoniosos, movia-se com a simplicidade de um sincero aprendiz.



O homem visceral no espelho de Argus Cirino

Cada um de nós é o Homem do Espelho. O espelho é uma figura poético-filosófica maravilhosa, pois ele se transforma instantaneamente

conforme aquele que se lhe antolha. Em seu livro “O Homem do Espelho”, publicado em 1983, Argus Cirino, autor que demonstra viver num mundo interior de intensa e profunda elaboração, nos coloca diante de nós mesmos e se nos apresenta, ao mesmo tempo como um vivo bisturi de questionamento ardente no quadro frágil da saúde geral humana.

Argus Cirino, nascido Benedito Inácio Cirino (Águas das Bicas, PR, 1939 – Mundo Novo, MS, 1997), ocupou a cadeira 35 da Academia Sul-mato-grossense de Letras, hoje ocupada pelo escritor Rubenio Marcelo, patrono Múcio Teixeira. Foi médico que exerceu sua profissão em Mato Grosso do Sul a partir do início da década de 1980. Escreveu também: (1) “O conflito”, 1978, romance; (2) “Elo perdido”, 1979, poemas; (3) “Relicário”, 1980, aforismos; (4) “O primeiro chamado”, 1981, contos; (5) “Este chão que eu amo!”, 1982, crônicas; (6) “As aventuras de um menino de internato” (1984); (7) “Biografia de Múcio Teixeira” (1987); e (8) “Uma razão de viver” (1987).

Dentre as estórias recheadas de história, contadas por Argus Cirino em “O Homem do Espelho”, salta de imediato o item O Homem do Espelho (mesmo nome do livro) – Ou: a Iniciação de Tanatus. Com a referência Tanatus, o autor se refere ao elemento Tânatos, pulsão de morte em oposição a Eros, dito por Sigmund Freud como instinto de vida. Na mitologia grega Tânatos era o deus da morte.

Descrevendo a iniciação de Tanatus, o autor deixa entrever a vastidão interna de uma alma e mostra como se pode escapar do circuito mental conhecido, formalmente explicado, para vasculhar, com relativa liberdade, o cosmo, os mundos paralelos, as diferentes dimensões vibratórias. Aborda como se fosse fácil dizer, a elaboração por uso e força da vontade individual, com manipulação da energia pensamento. Esse poder de intervenção (a elaboração) é atributo do personagem iniciado, que move a vida e a morte conforme suas opções advindas do livre-arbítrio acionado em resultante dos desdobramentos de caráter mental-psíquico.

Argus Cirino é um dos nossos tantos autores que merecem amplos estudos. É mais um dos formidáveis que temos rerepresentado ao mun-

do cultural sul-mato-grossense – uma sociedade que guarda, em seu próprio seio, tesouros tais que, embora quase esquecidos, fazem parte da nossa simples história cotidiana. Foi passando por aqui, entre nós, vivendo e trabalhando nas nossas comunidades, que Argus Cirino, em carne e osso, disse e escreveu sobre a existência das muitas dimensões de realidade.

O escritor em nota explicativa da obra “O Homem do Espelho”, ensina-nos a lê-lo, pois, apesar da forma literária de narração em primeira pessoa, os textos são produtos exclusivos da imaginação. Daí a importância de lhe buscarmos, em primeiro, a riqueza da construção da realidade. Em meio à ficção, derrama o dia a dia da sociedade brasileira de sua época, com ênfase às décadas a partir de 1960. O autor usa todos os elementos reais do mundo objetivo, a exemplo das personagens virtuais e possíveis, citadas com detalhes até mínimos, certamente, muita vez com inspiração de pessoas que viveram de fato, sendo-lhe contemporâneas.

O pensamento do autor revela uma constante abismal, um desânimo e, ao mesmo tempo, uma curiosidade irônica acerca do comportamento humano. Um personagem-autor lidador com a miséria humana, dotado de especial capacidade de visualização com acuidade médica, para além das aparências do humano sofredor.

Tal profundidade de observação habita as entrelinhas das 10 histórias constantes do livro. Por exemplo, o mundo psicológico e as circunstâncias de um assassinato em “Viagem ao Inferno”; a podridão presente na sociedade, em “Decisão Trágica”, narrativa que envolve um procedimento cirúrgico e a correspondente responsabilização médica; investigações da paranormalidade, estudos do “mundo invisível” e a presença de forças ocultas como a de pretensos “magos negros”, na história “O Manuscrito Maldito”.

A metarrealidade e o irrealismo são abrigados em seus subtítulos a exemplo de “A Torre”, “Bloqueio” e “Na Dobra do Tempo”, repletos de fenômenos misteriosos a desafiarem a racionalidade. Em meio a tudo isso a espiritualidade e a finalidade da existência humana são

fundamente tocadas mediante questionamentos velados. Em outras das estórias de “O Homem do Espelho”, como em “A Estranha Saga de Pedro Paulo”, “O Dentista” e “O Cobrador” as personalidades e suas estranhas motivações são estudadas sem moralismo, mas com crítica bem humorada e, às vezes, com uma pitada de paixão.

— Argus Cirino! Olhando para o espelho que você nos apresentou, vi que as aparências do mundo refletem a interioridade das coisas... E nem sempre. Mas falei ao seu Espelho abstrato, concordando em que há muitas inferioridades, falhas, sucessos e belezas humanas em meio ao mistério de tudo que há... Dialoguei com multidões e, ao observar melhor, notei que falava basicamente comigo mesmo.



A literatura mais rica com o teatro de Paulo Corrêa de Oliveira

A arte de representar é um dos instrumentos apropriados à redenção social. Cumprir papéis é a nossa obrigação de cada dia, em nome das funções humanas de solidariedade. A busca do teatro é a mesma da literatura: expressar.

Desde sempre, para nos fazermos entender tivemos que teatralizar. E escrever. Tudo é literatura, tudo é teatro. Tudo é compreensão; e viver é compreender.

Expressar-se é essencial à vida. Então, escrever o expressado é vital para que novas expressões surjam e, portanto, novas compreensões: vida, enfim, sempre de novo. Teatro e literatura são artes irmãs no campo material, são artes que se unificam no mundo imaterial. O dramaturgo escritor Paulo Corrêa de Oliveira é artífice incomum do teatro e da literatura. Sua base é a região a que pertence Aquidauana-MS, cidade onde nasceu. Publicou na década de 1990 uma coletânea

de textos teatrais de escritores do Estado, incluindo três construções de sua autoria, retratando desse modo a expressão teatral regional.

Paulo Corrêa de Oliveira ocupa a cadeira nº 15 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, anteriormente ocupada por Luís Sá Carvalho (em memória), patrono Pandiá Calógeras. Diretor de Teatro. Também Arquiteto e professor universitário. Detém texto e direção das peças teatrais: *A Retirada da Laguna Revivida*; *Os Sete Últimos Dias da História*; *Quem Ouvir – Favor Avisar*, de *Um Povo Heróico – o Brado Kadiuéu*; *Era uma vez... Xerez*; *Um Certo Capitão Silvino Jacques*; *Divina MS Comédia*; *Tempo de Taunay*; *Um Trem Para o Pantanal*; *Fronteiridade*; *Cara e Coragem*; *Dom Quixote - A peça*; *Terras Terena*; *O afeto que se encerra*; *Gran-Circo Centenário*; *Morte Kaiowá*; *Canivete 34-36*; *Mate e Vida Tereré*; *Cine Glória*; e *Alegria*.

Desde a década de 80 as peças teatrais de Paulo Corrêa foram representadas por alunos do Centro de Educação Rural de Aquidauana, e também em Campo Grande e outras cidades de Mato Grosso do Sul, recebendo reconhecimento e aplausos de milhares de espectadores.

O nosso eminente professor escritor historiador Hildebrando Campestrini, cadeira 31 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, registrou o seguinte, nos anais da Casa, sobre o teatrólogo Paulo Corrêa de Oliveira: “A linguagem de suas obras é agradável, leve, trazendo um espetáculo elevado, envolvente; linguagem densa, harmoniosa na relação fala/personagem/ambiente”.

O vocábulo “Teatro” origina-se do grego “ver, enxergar”. Esse ver e enxergar do teatro significa muito mais que a interpretação comum. Aqui, o ver e enxergar constitui experiência total de atenção e percepção: viver, em síntese. Graças à percepção, podemos saber que tudo evolui; e a escrita e a teatralização acompanham a evolução do mundo.

Ainda com Campestrini: As obras de Paulo Corrêa “nascem da história e das tradições da terra sul-mato-grossense, através da recriação e universalização das personagens, dos conflitos e dos ideais”. Vemos, assim, que o dramaturgo trabalha com o fenômeno da atenção nos ditos real e imaginário, para identificar e ajudar a construir uma verdade, a

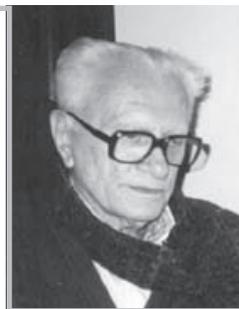
realidade da nossa existência.

Paulo Corrêa de Oliveira! Seu mundo de ilimitados sentimentos e ingentes reflexões é amigo do nosso esforço em nos situar e compreender a respeito de onde estamos e para onde vamos. Isso é garantia de vida. Muito obrigado.



HÉLIO SEREJO

Nasceu em Nioaque (MS), no dia 1º de junho de 1912. E faleceu em Campo Grande (MS) em 08 de outubro de 2007. Escritor, jornalista, poeta e folclorista, deixou cerca de 60 obras publicadas, pertenceu a mais de 22 Academias, Centros Culturais e Sociedades de diversos estados. Ocupou a cadeira n° 30 da nossa Academia.



Trinca-ferro

Tão forte tem o bico que pode, na bicada certa, trincar o ferro. Possui outros nomes, tais como sabiá-pimenta, sabiá-de-campina, garganta-de-ferro, malha-bigorna e segue - campeiro.

O trinca é uma ave saltadora. Não pára um único instante. O caboclo fronteiriço diz que o trinca tem formiga-carpinteira na bunda...

Não se aquieta. Pousa aqui, pousa ali. Sacode as asas. Salta para outro galho. Voa para cima. Voa para baixo. Muda de árvore, num vôo rápido. Chega às vezes, rente ao solo, apanha um coró, um formigão, uma borboleta, uma pequena lagarta e, sem parar o corpo, inicia o repasto. Um comer de poucos segundos, num engasga-engasga tragicômico.

Nem de papo cheio sossegava o pito. Dava início ao mesmo bailado, naquele esvoaçar de incrível rapidez, soltando um canto metálico, parando de repente, como que a ouvir o eco.

Trinca-ferro é cantador, sim, razão pela qual tem os nomes de sabiá-pimenta, por ser ardido no cantar, e sabiá-de-campina, por gostar do campo, de moitas isoladas, de banhados e de charravascal que acompanha cursos d'água, ou estrada boiadeira, onde o açoita-cavalo, o fedegoso gigante, o alecrim e a murta preta tomaram conta. O trinca

insôfrego gosta do homem. Acompanha o viajante, o carreteiro, o cristão sem destino certo, o menino trangedor de vaca de leite, horas e horas, incansavelmente, vivo, saltante, negaceador.

Não é fantasia não. Nem coisa de lenda sertaneja. Enquanto houver galhos de pequenas árvores, ao longo da estrada de muitos destinos, o trinca desassossegado vai acompanhando o viajor, que se delicia com seu canto, seguidamente, de som onomatopaico.

Carreteiro, viajor e vaqueiro gosta do trinca-ferro. Vêem nele um companheiro atento, que nada exige, nem mesmo no pouso. Quando canta forte, martelando o bico, alegra os três. O canto, gritado, fica no ar, como uma saudação de amizade.

São muitas as variedades de trinca, mas o nosso, sulino, o fronteiroço, de cor verde-cinza, é o que possui maior encanto, e graça também, porque canta bonito, sentado, agitando o corpo, sem parar, ou em vôo baixo, retilíneo.

Se vem a noite e, com ela, o pouso, o trinca se acomoda por ali perto, até sentir os primeiros clarões da madrugada. O trinca acorda os companheiros de viagem. Acorda com um trincado forte, duro, como ferreiro bigornando. . .

Quando a jornada prossegue, lá vai ele, pousando de árvore em árvore, irrequieto, balançando o corpo todo, voando alto, voando baixo, catando bichinhos, para encher o papo.

O viandante, orgulhoso, o acompanha e, com isso, sente que a viagem se torna menos cansativa. Na credence da fronteira, carreta não atola nunca, nem boiada estoura, quando o trinca lhes faz companhia.

Mas. . . O homem mau, sem entranhas, mata o trinca; mata-o para tirar o bico. No bico – afirmam – está o grande mistério, o amuleto milagroso que afasta malefícios, doenças, acidentes, proporcionando, somente ao detentor, sucesso, ganho no jogo, conquistas amorosas e riquezas.

Não conseguiram, porém, liquidar a espécie. Ainda vemos o trinca-ferro, ao longo da fronteira, com a mesma graciosidade, seguindo os que, pela velha estrada, vão marchando em direção a paragens diferentes.

O trinca é uma parcela do tradicionalismo. Tem cheiro de chão, de brejo, de várzea, de cerrado. É um pássaro crioulo. Viajor incansável. Amigo dócil do homem. Madrugador barulhento. Enfeitador de paisagem charrua. Não desaparecerá.

Quando se extinguirem as árvores dos caminhos, ele surgirá nas moitas, saltitante, dominador, largando para os ares o seu trincado, o seu comovente canto crioulo. . .



Árvore seca

No topo, triste e solitária, está a velha e porosa árvore desgalhada. Do alto, ela domina a amplidão.

Parece ter vergonha dos irmãos copados e folhudos, cheios de sombra e pássaros esvoaçantes.

Quando muito, o corvo e o pinhé lhe sentam à galharia disforme, seca, retorcida, esbranquiçada...

É o símbolo da desolação essa árvore erguida, espectralmente, no ermo.

Somente o fogo da queimada de agosto lhe faz carícias. Às vezes lhe alcança o tronco ressequido, devorando-o em poucos minutos, para transformá-la num montão de cinzas, logo após...

Dias mais, brotarão ali a urtiga e o joá. Então, aparecerá o lagarto de papo amarelo. Ele gosta de se esquentar ao sol, escarrapachado em monte de cinza nova. A cinza esquentada o papo e o lagarto de papo quente, fica ligeiro e brabo, brigador...

A lenda crioula diz que essa árvore reflete a alma do estancieiro mau.

O sangue do próximo por ele derramado secou a sua seiva. E quando o cristão morre pelos maus tratos, ela também sucumbe.

Na sepultura do morto, dá formiga preta; no cinzeiro dela, urtiga e joá.

O sertanejo acredita na lenda, por isso, passa de longe; não lhe
amarra cavalo no tronco.

Árvore desganhada põe cansada no pingo.

E, conforme a lua, provoca garrotinho dos brabos...



HELIOPHAR DE ALMEIDA SERRA

Nasceu em Corumbá (MS), em 1917. Desembargador aposentado. Reside em Aquidauana (MS). Escreve para jornais do Estado. Autor de "A Fascinante Natureza Humana", "Fragmentos do Cotidiano" e "As Flores que não Morrem". É casado com Dirce Jordão Serra, jornalista e responsável pelo "O Pantaneiro" (de Aquidauana). Ocupa a cadeira nº 3 da Academia.



O conhecimento: bom ou mau?

Diziam os filósofos antigos que, na vida, tudo é relativo. Essa afirmativa atravessou séculos e permanece válida até hoje, em pleno século XX!

Quando estudei em colégio religioso, na Campo Grande de outrora, da poeira e da lama rubras, era empolgado com as façanhas dos Cruzados, na idade média. E pensava com entusiasmo de adolescente: - que extraordinária devoção possuíam os reis, os barões, os senhores feudais católicos, que abandonando o conforto do lar, o aconchego familiar, enfrentaram longas e penosas viagens, palmilhando paragens estranhas, para expulsar da TERRA SANTA os malditos infiéis, que conspurcavam, perseguiram e trucidavam pobres e inocentes cristãos!

A nossa admiração era tanta que nos víamos fantasiados de destemido cavaleiro, cavalgando negro corcel, de espadagão nas mãos, atropelando os malditos infiéis, sem matá-los. Lembrávamos do entusiasmado PEDRO – O EREMITA, magérrimo, macilento, de pés descalços, embrulhado num grosseiro hábito, carregando sua robusta fé além de enorme crucifixo, e pregando, sem cessar, a GUERRA SANTA, nas ruas, nas praças, nas igrejas, em todos os recantos da Europa. A

multidão – fanática o acompanhava, delirando, arrancando – não os cabelos de Pedro – o Eremita, que era calvo, mas os pêlos de sua mula para guardá-los como relíquia...

Através do Papa, a igreja prometia aos Cruzados. A remissão de todos os pecados. De todos, sem exceção: Para a Europa devassa, moralmente malcheirosa, foi a glória!

- “É na verdade (como escreveu IVAN LINS, saudoso mestre da Faculdade Nacional de Direito) nada mais impressionante, - no depoimento dos autores contemporâneos – do que a ralé criminoso que constituía a grande massa dos Cruzados: - salteadores, assassinos, incendiários, laráprios de toda a espécie, adultério, perjures e mulheres de má vida acirraram, aos milhares, ao apelo do Sumo Pontífice, a fim de resgatarem a alma, transferindo, para as nações infiéis, os furores a que habitualmente se entregavam em suas próprias pátrias”.

Naquelas priscas eras, a mais pesada penitência a que se impunha ao Cavaleiro, depois do sacramento da Confissão, era proibi-lo de portas suas aramas e de andar a cavalo. Agora, para a missão de expulsar os infiéis, ele podia carregar suas mortíferas armas e cavalgar sua montaria. Melhor ainda: - podia matar a vontade os infiéis que maculavam o Santo Sepulcro...

Em 1099, quando esses fanáticos retomaram, afinal, a Cidade Santa, depois de quarenta dias de cerco, devorando cadáveres de muçulmanos para saciar a fome, desencadearam, então, as maiores crueldades! Assassinararam, indiscriminavelmente, velhos, mulheres e crianças que se refugiaram, apavorados, no Templo de Salomão. Em seguida, ainda com as mãos sujas de sangue, derramaram copiosas lágrimas de piedade junto ao Santo Sepulcro...

Há anos, diante dessas estarrecedoras revelações, recolhemos a nossa admiração infantil pelos Cruzados, mas, guardando a fé, ficamos indagando de Heliophar para Heliophar:

- Foi bom conhecer a verdade?

Foi ruim?

Foi danoso?

Ou Afonso Raves tem razão:

- “a verdadeira e definitiva redenção está no conhecimento”.

Ou foi maravilhoso para que nos tornássemos mais indulgentes com as misérias e fraquezas humanas?

Respondam, por favor, Leal de Queiroz, José Couto Pontes, o poeta Geraldo Ramon, Maria da Glória Sá Rosa, Raquel Naveira, Rubenio Marcelo, seis dentre outros dos magníficos representantes da Cultura Sul-Mato-Grossense.



Canoa Quebrada

Amanheci hoje embarafustado de inveja dos nossos magníficos poetas. Além de encantarem as pessoas de sensibilidade, suas poesias rendem estupendas homenagens resolvi, então, forçar a cuca, e produzi esta primeira e preciosa “pérola”.

Canoa Quebrada

Canoa quebrada,
Quebrada no coração
Amargas saudades
Na solidão.
“QUAL FOI O MALVADO,
Canoa quebrada
Que te abandonou?
- Foi um lindo barco
Que sempre me amou”

“Não sofras, Canoa Quebrada,
que outros amores virão,

porque a Vida,
sempre a Vida,
não tem coração”.

Perguntei, então, ao amigo Cabeludo: - “Que tal a minha poesia?”
E ele incisivo:

“Macumba, Heliophar! Não é de jogar fora. Com ela você já conquistou, de antemão, uma vaga na ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.”

Achei exagero. Serviu, porém, para apagar a vergonha de haver cometido o 1º poético na minha longa existência...



A Chuva

Sempre ouvimos falar que os ladrões mais inteligentes, mais sagazes do mundo, são os nossos irmãos argentinos. E disso tivemos uma prova inequívoca.

Há uns 10 anos, encontrávamos, em excursão, em Buenos-Aires. Estávamos entreverados numa turma de 3 casais: eu e a Dirce, Ermelindo e Eva, Mario Duarte e Edyr. Uma certa noite, deixamos o hotel e fomos, a pé, jantar num restaurante de luxo, a duas quadras do hotel.

No regresso, caminhávamos despreocupados, quando alguém enfiou, com violência, a mão no bolso esquerdo da minha calça. Ficamos surpresos, e, mais ainda, quando, no mesmo instante, caiu uma chuva de dólares sobre nós. Empolgados e ávidos, desandamos a pegar as notas no ar, ou a catá-las no chão.

Desse episódio, curto e verídico, saíram decepcionados 7 pessoas. Em 1º Lugar, os três casais ao verificar que as notas de dólares eram falsas; em 2º Lugar, o ladrão, que enfiou a mão no bolso errado, no bolso esquerdo, quando todo o nosso dinheiro estava no bolso direito...

...Refeitos do susto e da decepção, desandamos a dar gargalhas. Ao longe, a CASA ROSADA sorriu pela primeira vez! Sorriu de gozação...



Lembranças do passado

Uma constatação banal é que a Vida passa rápida na sucessão dos dias, das semanas, dos anos, e nós, praticamente, não sentimos. E tem mais:- Às vezes, a natureza brinca conosco. De repente, sem mais nem menos, fatos do Passado saltam para o consciente, vivos e palpitantes, deliciando-nos, ou nos perturbando: Eis um deles:-

Lá pelos idos de 1.932, cursávamos o ginásio, no Colégio Dom Bosco, em Campo Grande, MS. Entre os excelentes professores, destacava-se o Pe. Greyner, alto, corpulento, óculos de fundo de garrafa, Inspetor de disciplina e professor de inglês. Professor rigoroso de pouca fala. Certa ocasião, antes de ele ingressar na sala de aula, um dos nossos colegas, para provocá-lo, escreveu no quadro negro, com letras garrafais, a expressão inglesa pay day (dia de pagamento) e que na pronúncia de português soa como palavra feia (peidei). Pe. Greyner, mal se sentou, deu um salto da cadeira ao deparar com aquela expressão do quadro negro. E fulo de raiva, explodiu:

-“Quem escreveu essa asneira?”

Ninguém respondeu. Repetiu a pergunta. Novo e tumular silencioso. Então, o Pe. Greyner detonou sua raiva em lições de moral, e nos deixou presos, como castigo, por duas horas após o término das aulas.

Hoje, decorrido mais de meio século, indagamos: não seria mais adequado que ele nos punisse de outra forma? Mais ou menos assim:

- “Que ótimo! Vejo que vocês estão gostando da matéria. Para ajudá-los, darei, em inglês, várias expressões, e vocês, para fixá-las na memória, deverão escrevê-las 100 vezes cada uma delas. Ei-las:

E sorrindo, enumerava as expressões:

**DIA DAS MÃES / DIA DOS PAIS / DIA DA PÁTRIA / DIA DO
TRABALHADOR / DIA DA CONSCIÊNCIA NACIONAL / DIA DO
GEÓGRAFO.**

Que tal esse castigo?



JORGE ANTÔNIO SIÚFI

Nasceu em Campo Grande (MS), em 1932. Advogado e professor. É co-autor da letra do hino de Mato Grosso do Sul. Cronista. Sua obra principal é “Catiça de Gato”. Recentemente lançou o CD “Jorge Siúfi - Eclético”. Ocupa a cadeira nº 14 da Academia.



Ah, esses lusos...

Joaquim entra na loja e faz seu pedido:

- Oh, menino, me veja aí uns três quilos de naftalina...

- Mas, seu Joaquim, tem tanta barata assim em sua casa, que precise levar três quilos de naftalina?

O velho lusitano cofiou os bigodes, olhou pros lados, achegou-se perto do vendedor e, baixinho, disse-lhe:

- É que com esta idade, minha vista e minha pontaria não andam lá muito boas...

Seu Manoel, outro luso, chamou uma vendedora ao balcão e lascou seu pedido em alto e bom som:

- Me veja aí uns dois quilos de bacalhau, uma lata de azeite do bom e um quilo de azeitonas das pretas!!!

A vendedora riu e perguntou se o Seu Manoel realmente era português mesmo.

- Claro que sou minha filha. E dos puros. Mas, diga-me cá: - percebeste que sou português pelo pedido que fiz?

A moça respondeu:

- Nem por um, nem por outro. É que aqui é farmácia!

Mas, a boa história mesmo e daquele irmão d'além mar que foi atropelado e morto numa esquina de muito movimento. É obvio que o motorista do carro que atropelou deu no pé.

Lá estava um corpo estendido no chão. Os curiosos, como sempre, já se acercavam para ver quem era, como foi que aconteceu, se alguém anotou a placa de veículo e os sussurros normais de “coitado” e outros para estas ocasiões.

Depois de algum tempo chega a Polícia. Isola o local. Faz perguntas. Quase ninguém viu nada. Apenas a cor do carro, que era vermelho, segundo uns e marrom, segundo outros.

Nos bolsos, nenhuma identificação.

Quem seria aquele homem? Ninguém conhecia. Não trazia documentos. Na sua carteira de mão, finalmente, uma luz. Uma agenda de telefones.

- Puxa, graças a Deus, - bradou um policial – pelo menos alguém desta agenda deve conhecê-lo. Basta telefonar e pronto.

Do mais antigo foi a incumbência de folhear a agenda.

Letra A – nada – Letra B – nada. Letra C- nada. E assim por diante, até que chegando à letra “T”, encontraram o seguinte:

Telefone da Maria – 3385-4589

Telefone de José – 3324-3906

Telefone do Joaquim – 9899-9048

Telefone do Manoel – 9877-9210

Telefone meu – 9852-6409

Telefone do gás – 3389-0921



O pó da morte...

São Paulo, 23:30 horas... Aeroporto de Guarulhos, hora do embarque do voo de tarifa econômica para Campo Grande, também conhecido como

“corujão”. Uma mulher bem vestida, bem penteada e maquiada, demonstrando porte de mulher rica e bem educada, aproxima-se de um senhor de meia idade, de seus cinquenta anos, bem trajado, e pergunta-lhe, com voz quase chorosa:

- Meu senhor, por gentileza, o senhor está indo para Campo Grande?

- Sim, minha senhora. – E dito isto, percorreu-lhe todo o belo corpo com um olhar de conquista.

A mulher aliviou-se com a resposta, chegando mesmo suspirar, como se desfizesse de uma tremenda carga.

- O senhor me faria um favor?

E apresentou-lhe um pequeno embrulho, volume pequeno, de um quilo mais ou menos, bem amarrado em papel de presente, com um nome escrito: Lúcia!

- O senhor me entregaria esse pacote a minha irmã Lúcia, que está esperando no aeroporto em Campo Grande? Creia que o senhor estará me fazendo um favor que nem sei como pagar-lhe...

- Ora, minha senhora, não seja por isso, terei o maior prazer em servi-la e até mesmo seria minha boa ação de hoje, não é?

- O senhor não se preocupe, pois ao telefone, já darei as suas características à minha irmã, que, como disse, está à espera do pacote lá no aeroporto de Campo Grande. Muito obrigado, meu senhor...

Quando o avião decolou, o nosso amigo do pacote deitou-se confortavelmente em sua poltrona do lado dos não fumantes e, curiosamente, apanhou um jornal e dirigiu seus olhos para as manchetes da página policial:

“Quadrilha de cocaína presa em São Paulo”.

“Oito quilos do pó da morte apreendidos”.

“Crescem as apreensões da cocaína no Brasil”.

Um frio lhe percorreu a espinha e a indagação não tardou a povoar-lhe a mente: “Será que estou levando cocaína no pacote?”

Num átimo de segundo apurou sua poltrona e, como em filmes de suspense, apanhou o pacote, olhou para todos os lados e não teve dúvidas; foi desmanchando devagarzinho o pacote (para que nem se

percebesse tivesse ele sido aberto) e, quando abriu-se uma pequena brecha, levou seu indicador ao material e constatou que era PÓ.

O frio na espinha aumentou.

Molhou o indicador com a saliva e meteu-o no pacote. A seguir, levou-o à boca. Tinha gosto amargo. Olhou a coloração e percebeu que era cinzenta, quase branca.

- Pode não ser pura – pensou.

Mais uma vez repetiu o gesto. Não conhecia – é bem verdade – O gosto da cocaína, mas já percebeu, na quarta vez que repetiu a façanha, que não era, pois não lhe ocasionara nada.

Fechou o pacote normalmente. Ao desembarcar, já saindo no saguão, Lúcia se aproximou dele e disse:

- Por favor, o senhor é quem trouxe o pacote para mim?

- Sim mais antes de entregá-lo, quero que satisfaça minha curiosidade. Gostaria de saber o que contém neste pacote.

A mulher enrubescou-se toda, num constrangimento inexplicável.

Neste momento, quatro senhores, sérios, parecendo indo ou saindo de um velório, sisudos, acercaram-se e um deles disse:

- O que está havendo aí, maninha? Algum problema?

- Não, não, não está havendo nada – disse Lúcia – e, virando-se para o mensageiro do pacote – que a esta altura pensou que ia levar um tiro ou coisa parecida – falou-lhe calmamente:

- Cavalheiro, queira desculpar nossa afoiteza, mas o que o senhor está trazendo é de suma importância para toda nossa família, pois, afinal, este pacote traz as cinzas de nosso pai, que foi cremado em São Paulo...



JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES



Nasceu em Três Lagoas (MS), em 1933. É juiz de direito aposentado. Foi advogado e professor. É um dos fundadores da Academia de Letras e História de Campo Grande (1971), antecessora da ASL. Foi seu presidente de 1972 a 1982. É autor de “Deste lado do Horizonte”, “Jorge Luis Borges”, “A Erudição e os Espelhos” e “História da Literatura Sul-Mato-Grossense. É contista premiado nacionalmente. Ocupa a cadeira nº 11 da ASL.

Hernâni Donato, Sul-Mato-Grossense de Coração

HERNÂNI DONATO é, inquestionavelmente, uma das mais destacadas figuras da nossa Literatura. Nasceu em Botucatu, mas mora em São Paulo, desde os primórdios de sua juventude, desenvolvendo naquela capital uma fecunda atividade, como conquista, romancista, historiador e crítico literário. Precoce como Dostoiévski, Victor Hugo e Machado de Assis, já aos doze anos publicava seu primeiro livro, intitulado “O Tesouro”, uma novela de piratas, em capítulos, no Diário de São Paulo.

Escreveu notáveis biografias de nossos luminares das letras, como as de José de Alencar, Vicente de Carvalho e Casimiro de Abreu, bem como romances famosos como “Filhos do Destino” e “Chão Bruto”, este levado ao cinema com sucesso.

Para nosso orgulho, foi eleito membro da Academia Sul-mato-grossense de Letras, na década de 80, ocasião em que proferiu substancial oração, lembrando as ligações profundamente históricas de Mato Grosso do Sul, e também do Norte, com São Paulo, desde os tempos coloniais, não se esquecendo da estrada indígena de Peabiru, que do litoral paulista demandava o Oeste Brasileiro, passando por nossa região, bem como do pioneiro Aleixo Garcia.

Em meu livro, “História da Literatura Sul-Mato-Grossense”, não me esqueci de HERNÂNI DONATO, no capítulo “Regionalismo moderno: Hernâni Donato, o drama dos ervais”, fazendo menção ao seu romance “Selva Trágica”, em que focaliza o drama das regiões erva-teiras, lançada a obra muito apreciada pela crítica nacional, em 1976, merecendo uma versão cinematográfica da Embrafilme, e recebendo calorosos elogios de notáveis críticos literários nacionais, como Arthur Neves, Fábio Lucas e Eneida. Além desse vigoroso romance, Hernâni também escreveu contos de alto artesanato literário, como “São Pedro Sapeando Jogo”, conto em que o autor se serve de uma afirmação popular de nossa histórica região da Vacaria, narrativa que Hernâni afirma ser um produto sul-mato-grossense.

Embora não tendo nascido aqui em nosso Estado, como Taunay, Hernâni Donato se integra no panorama literário de nossa região. Admira a nossa História. Representou a majestosa Academia Paulista de Letras, na solenidade de instalação de nosso sodalício, no dia 13 de outubro de 1971, ao lado de Ivan Lins, da Academia Brasileira de Letras, no saguão do Hotel Campo Grande, da família Coelho. Data inesquecível.

O conto é o gênero literário mais difícil. Donato o explora com grande talento: fixa as cenas com maestria; as cenas são vigorosas e incisivas, ausentes o descritivo e a perigosa predominância do enredo sobre o sugestivo e a encarnadura psicológica.

Hernâni Donato já veio duas vezes a Campo Grande. No dia da instalação de nossa Academia, como dito acima, e na solenidade de sua posse na cadeira nº 01, que tem como patrono o talentoso médico, Nicolau Fragelli, formado na França, também incomparável mestre da língua de Victor Hugo, pai de nosso confrade, dinâmico e honrado Governador de Mato Grosso, José Manoel Fontanillas Fragelli, titular da cadeira nº 10, patrono o grande jurista e orador Argemiro de Arruda Fialho.

Quando chegou a Campo Grande, em sua primeira visita e também na data de sua posse no sodalício local, ficou encantado com a beleza da

urbe, o relevo da região, a simpatia de seu povo, de tal modo que, em seu discurso de posse, formulou sinceros parabéns ao nosso estimado amigo e benfeitor da casa, Prefeito Ludio Coelho, presente ao evento.

Seus estudos e pesquisas, em que se acha presente o nosso Estado, não se limitam apenas à estrada do Peabiru, que ia de São Vicente, no Brasil, a Cuzco, no Peru, já existente antes da chegada de Cabral, a primeira grande transcontinental americana, referida, também, por estudiosos como Luis Caldas Tibiriçá, constando que, já em 1770, em Portugal, Pedro de Rates Hanequim dissera que o paraíso terrestre se situava no Brasil, em Mato Grosso do Sul, tendo Hernani acrescentando que, com evidências, na região da serra de Maracaju.

Hernâni examinava essa questão, com dados e interpretações convincentes, no estudo intitulado “No Brasil, o Paraíso”, publicado em janeiro/fevereiro de 2001, em encarte na revista “Problemas Brasileiros”, afirmando, no cabeçalho do estudo: “Foi no interior brasileiro que a serpente ofereceu a Eva um suculento maracujá”.

Falei com Hernâni, recentemente, por ocasião da outorga à grande escritora brasileira Lygia Fagundes Telles do cobiçado Prêmio Juca Pato, em São Paulo. Hernâni disse-me que brevemente virá a Campo Grande. Vamos recebê-lo com a alegria e as homenagens que tão alta personalidade, tão grata aos corações sul-mato-grossenses, realmente merece.



Castro Alves está feliz

Transcorrendo agora, na África, os tão esperados jogos da Copa do Mundo, em que o Brasil é sempre visto como um adversário respeitável, ocasião não há mais oportuna para lembrar a figura de um dos maiores poetas de nossa terra: ANTONIO FREDERICO CASTRO ALVES, nascido na Bahia em 1847 e falecido, na flor da idade, em 1871, com apenas 24

anos, tendo legado à Literatura nacional obras de incontestável valor, elogiadas e estudadas por Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, José Veríssimo, Ronald de Carvalho. Deixando a Bahia, em 1868, rumo para o Rio de Janeiro, em companhia de Fagundes Varela, outro grande poeta e da atriz portuguesa Eugênia Câmara. No Rio, conheceu Machado de Assis e José de Alencar. A obra de Castro Alves foi estudada por grandes ensaístas e críticos literários brasileiros, como, além dos já citados acima, Múcio Teixeira, Agripino Grieco, Otto Maria Carpeaux e Jamil Almsur Haddad. Foi comparado ao grande Victor Hugo.

O que ficou de relevante e grandiosa na obra de Castro Alves, além de seus poemas líricos, românticos, foi indiscutivelmente o que produziu motivado pelo sofrimento dos escravos, sentimento de que nasceram verdadeiras obras primas como “O Navio Negreiro” e “Vozes d’Africa”.

O notável escritor Joaquim Nabuco assim disse, a respeito; “A ideia abolicionista foi a alma de seu melhor poema...”E ainda: “Ele cantou os escravos em um poema especial e em poemas soltos; disse a grande dor africana em estrofes de uma alta inspiração...”.

Inspirado pela desdita dos escravos africanos, Castro Alves nos legou admiráveis versos, como estes:

“Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é locura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! Por que não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros ! Noite! Tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...”

E, ainda, dentre outros tão bem tecidos, os versos seguintes, que não têm nada de pecado ao Pai Celestial, mas um recurso poético, usado

até mesmo pelo atual Papa, quando visitou o campo de extermínio de judeus, há poucos:

“Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrela tu te escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...”

Podemos, nestes tempos, responder ao glorioso vate baiano: não é mais necessário lançar mão dessa inocente imprecação, que, por um misterioso paradoxo, parece elevar ainda mais a nossa fé e confiança no Criador, ao invés de reduzi-la. Com efeito, a África cresceu, ao longo dos tempos. A realização da Copa do Mundo em seu território tem contribuído para a divulgação de seu progresso, do dinamismo de seu povo, de sua cultura, bastando lembrar que o Senegal, na costa ocidental da África, já possui um Prêmio Nobel de Literatura, conquistado pelo escritor Leopoldo Senghor. E nós? Não temos nenhum. Que faz o governo, que não divulga nossas letras, num país que tem notáveis nomes? Que fazem nossos dirigentes nessa área? Nenhuma exposição do livro brasileiro, na Europa e em outras áreas do mundo. Juízo, minha gente! Patriotismo, também!

Hoje, a África tem belas e grandes cidades, um povo dinâmico e ordeiro, livre da colonização estrangeira e da discriminação racial, este câncer. Julgar um homem pela cor? Será que os romanos eram mais dignos que muitos de nossa era? Pois sim. Eles não faziam discriminação religiosa ou racial. Muitos de seus grandes homens, inclusive generais notáveis, eram africanos, muitas vezes salvando a pátria de invasões, sem que nenhum governo ou dirigente pecasse pelo racismo. Eram moralistas.

Necessário se torna acentuar que um dos maiores poetas brasileiros é, sem dúvida, CRUZ E SOUZA, descendente de africanos,

comparado a Dante, colocado ao lado dos maiores vates simbolistas do universo, como Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, Leopardi, e outros, muito lembrado e festejado em sua terra natal, Santa Catarina, sendo seu ilustre nome dado a um Palácio.

Na Argentina, não é possível esquecer a literatura de fundo social, lembrando o nosso Castro Alves, na figura vigorosa do grande poeta Olegário Victor Andrade, autor de “El Nido de Condores”, dotado das elevações, imagens e grandezas de Victor Hugo. Nascido em 1839 e faleceu em 1882, tendo vivido, portanto, mais que o nosso majestoso bardo baiano.

Temos a plena certeza de que onde quer que esteja agora, na eternidade, pela vontade do Criador, nosso querido e inesquecível CASTRO ALVES está, sem dúvida, muito feliz, ao ver que hoje são outras as vozes d’Àfrica. E se aí “no assento etéreo”, como disse Camões, for permitido assistir aos jogos da Copa, que torça bastante em prol da vitória do Brasil.



Nelson Mendes Fontoura, exemplo de dignidade

“ Aqui nestas ilhas (Inglaterra), somos a nação mais respeitada do mundo, porque, nela, os honestos são mais corajosos que os canalhas”.

Arnoldo Toynbee

Bem oportunas as palavras do emitente historiador britânico, epigrafadas, pois nos traz à mente a figura de uma admirável feição de homem honrado, trabalhador, amável, com todos os méritos de um exemplar pai de família, amigo, pacificador, homem público de altos valores morais: Dr. Nelson Mendes Fontoura, que, no dia 13 deste mês, foi convocado pelo Pai Celestial para as galerias da eternidade.

Nelson ostentava a compleição de um apóstolo do Direito, conciliador nos momentos difíceis, seja no âmbito familiar, seja no social e público.

Nascido na histórica Coxim, integrante de tradicional e talentosa família do local, os Fontoura, venceu pelo trabalho e pela dedicação aos estudos, formando-se em Direito, no Rio de Janeiro, então capital da república, numa geração que produziu grandes nomes, como Ramez Tebet, Rui Garcia Dias, Leonardo Nunes da Cunha, Ruben Figueiró de Oliveira, Nelson Trad, Higa Nabukatsu, José Alberto Couto Pontes, para só citar as vocações jurídicas da região sul do então Mato Grosso, perdoando-me pelo olvido de muitos, involuntariamente.

Após a formatura, na década de 60, Nelson retornou a Campo Grande e foi logo escolhido para o cargo de Promotor de Justiça, em Campo Grande, onde só havia dois titulares, sendo o outro o Dr. Carlos Ferreira de Viana Bandeira, que dá nome à sede do Ministério Público local, ao lado do Fórum de Campo Grande, na Rua Barão do Rio Branco. Nesse cargo, desenvolveu uma atividade fecunda e eficiente, na preservação da ordem pública e segurança da coletividade, com sabedoria e imparcialidade.

Com o advento da criação do Estado de Mato Grosso do Sul, com a lei complementar de 1977, sua assinatura, em Brasília, com grandes festividades governamentais e populares, pelo querido Presidente Ernesto Geisel, tão justamente celebrado com seu nome a uma das principais artérias de Campo Grande, o nome de Nelson Mendes Fontoura não foi esquecido, como era de se esperar, assumindo importantes missões, no Ministério Público, como Procurador Geral da Justiça do novo Estado, e, depois, pela avaliação correta e justa de seus méritos, no Poder Judiciário, pela sua escolha para a alta investidura de Desembargador do Egrégio Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul.

Exerceu essa magistratura, com a honradez de sempre, chegando ao máximo da carreira com a nomeação para Presidente de nossa digna e honrada Corte de Justiça, onde se destacou como Pretor excelso, em suas decisões e na administração, em todos os setores daquele poder.

Após a sua aposentadoria, foi várias, vezes lembrado e homenageado.

Poderia eu dizer, como romancista convicto, para usar uma expressão do inesquecível confrade Pe. Ângelo Venturelli, que Nelson Mendes Fontoura era um “varão de Plutarco”. Com efeito, o grande escritor, filósofo e biógrafo acima apontado tornou-se célebre ao escrever e celebrar as vidas dos grandes personagens da Antiguidade Clássica (Grécia e Roma), tendo vivido pouco depois da Ressurreição de nosso divino mestre, Jesus.

Nelson foi Deputado Estadual, ao tempo do Estado uno, desempenhando seu cargo com o costumeiro acerto.

Orgulho-me de ter sido seu amigo e colega no Curso Científico do Colégio Dom Bosco; seu contemporâneo nos estudos universitários, no Rio de Janeiro; também nos cargos de direção da famosa Associação Mato-Grossense de Estudantes (AME), no Rio, onde tínhamos até um jornal, “O Roteiro”, sendo Presidente da entidade o Dr. Ruben Figueiró de Oliveira.

À família de Nelson Mendes Fontoura, os nossos sentimentos cristãos e a certeza deles decorrentes de que “Os justos verão a Deus”. À sua querida e eterna esposa Nice Maria; aos filhos que herdaram as virtudes dos pais: Nelson Mendes Fontoura filho, Jolivete, Alexandre e Alessandra.

Nesta hora de profunda saudade, só podemos mesmo lembrar as palavras de nosso Redentor: “Todo aquele que cumprir os meus ensinamentos, mesmo morto, viverá”.



JOSÉ PEDRO FRAZÃO

Nasceu em Belém (PA), em 1955. Reside em Anastácio (MS) desde 1980. Professor e jornalista, fundou em 1982 o jornal "O Porta-Voz", em Anastácio. Foi secretário de Educação e Cultura de Anastácio. Dentre suas obras, destacam-se: "Nas Águas do Aquidauana eu andei" (romance ecológico) e "Tuiuiú My Brother". Ocupa a cadeira nº 29 da Academia.



Em nome da Arte do Interior

No interior do Mato Grosso do Sul está o município de Anastácio, com seus 25 mil habitantes.

No interior do município está a Colônia Paulista, com algumas dezenas de famílias rurícolas.

No interior da colônia, está uma humilde casa, em cujo interior mora um caboclo roceiro que tem no seu interior alguma coisa de fenomenal que ele, de forma rude, exterioriza para mexer com o interior da gente.

Esse artista do interior é Juvenal dos Santos, trabalhador quarentão, humilde, autodidata, criativo e observador. É um artista do mato que pinta a mata pra quase ninguém ver. Tímido e tão calado quanto o seu pincel de rabo de cavalo, pinta quadros telúricos, retratando a vida e a paisagem do lugar onde mora. Seu mundo se resume no morro, no mato, no rancho, na cerca, no cavalo, na vaca leiteira, na carroça, no cachorro e na velha estrada vicinal onde ele próprio dirige sua trabalhadeira e preguiçosa carroça.

É feliz, porque tem a natureza aos seus pés, às suas mãos e aos olhos de sua imaginação, longe das roças de pedras que endurecem e prendem as pessoas nas cidades. Mas não sabe que é um gênio imortal pelo dom que possui e pela arte que usa só pra passar tempo.

Aqui no Portal do Pantanal a arte não tem o reconhecimento que merece. São muitos anônimos fazendo artes de todos os matizes, na pintura, na música, no artesanato, na prosa e no verso. Porque no interior de Mato Grosso do Sul a arte se faz em silêncio e fica escondida, borbulhando no interior de artistas naturais como o Sr. Juvenal.



Uma tesoura que já dura meio século

Os tempos modernos transformaram antigas barbearias em salões de cabeleireiros, com o requinte da moda que anda pelas cabeças do novo tempo. Cremes e cortes radicais ou simples, para todos os gostos, mãos e máquinas habilidosas, secadores e aparatos modernos parecem esquecer no passado o velho trio tesoura, pente e navalha desfiando brilhantina.

O mais antigo barbeiro de Aquidauana, em atividade, Jarbas Saravi, 80 anos, está completando 51 de profissão ininterrupta neste ano de 2010 e mantém como outrora a sua tradicional “Barbearia Copacabana”, que foi inaugurada em 1958, no Bar Cabeça Chata (de Elídio Teles de Oliveira – fundador da Rádio Difusora de Aquidauana) e há 28 anos funciona à Rua Marechal Mallet, 326, próximo aos Correios e Telégrafos.

Naquele tempo, Jarbas dividia o salão com Neném, Floriano e Pedro, cujas tesouras falavam e ouviam, entre perfumes e espelhos, sobre a vida da “Princesa do Sul”, principalmente da política dos coronéis.

Mas o veterano ainda resiste, compensando a modernidade com a experiência. E sob sua cadeira giratória, cabelos brancos e negros se misturam para confabular histórias de ontem e de hoje, no fio da tesoura que há meio século continua na cabeça de muita gente.

Noite infinita

Mais uma vez acordei com o sol bronzeando a nossa pele:

– Obrigado, amigo, pelos teus raios que douram o mundo e o nosso corpo.

Logo, minhas mãos protegeram os olhos:

– Obrigado, mãos queridas, pelo bem que têm feito a mim e aos outros. Quanto orgulho eu sinto por serem limpas, puras e amáveis.

Deparei-me com os meus pés buscando o chão firme:

– Obrigado, pés queridos, por terem me levado a tantos bons caminhos.

Ainda no banho, observei todos os membros do meu corpo, cada um cumprindo perfeitamente o seu papel, felizes por mais uma noite colorida. Então sorri ao espelho e, ali, frente a frente comigo, atendi os meus olhos, que, radiantes, também me cobravam uma palavra:

– Obrigado, luzes da minha vida, janelas da minha alma.

Quando, ofegante de ciúmes, o meu nariz embaçou o espelho, acudi-lhe, igualmente, com um merecido elogio:

– Obrigado, mestre dos aromas, pelo sopro que alimenta o meu coração.

Minhas mãos limpavam o espelho, e os meus lábios se abriram num sorriso maior:

– Obrigado, lábios meus, pela doçura de tuas palavras e por terem sido o porto seguro da minha felicidade.

O espelho nem se livrara ainda do creme de barbear, quando esse diálogo fantástico foi carinhosamente interrompido por uma voz de musa, que chegou suave numa nuvem de alfazemas, com a cumplicidade febril de todos os membros do meu corpo, para transformar a banheira na extensão da noite.



Mandala

Chegou partindo pro meu lado-inteiro
Feito um anjo sem que vendo-visse,
Murmurando coisas disse-que-não-disse,
Com um olhar-cego puro-interesseiro.

Abraçou-me forte sem querer-carente
E naquele abraço solto-apertado
O meu corpo todo se soltou-colado
Na sua pele suave morna-fria-quente.

E um beijo seco-úmido-molhado
Sugou-me a alma calma-agitada,
E sem saber sabendo que sabia nada
Coração parou batendo-apanhado.

Foi momento eterno que achei perdido
Na sua boca-porto do meu mar de brisa
Como um verso torto-certo-à deriva
Singrei vero-sonho pra rimar perigo.



Virgem de Xaraés

Conta a lenda regional
Que tudo aqui foi um mar,
E hoje virou pantanal
Para o mundo contemplar.
É o Mar de Xaraés,

Dos peixes, dos jacarés,
Dos bichos, dos menestréis,
Que devemos preservar.

Paraíso pantaneiro,
Beleza pura tu és;
E Deus sendo brasileiro
Colocou-te aos nossos pés.
Junto à Santa que nos ama,
Conceição de Aquidauana,
Do pantanal grande Dama,
Rainha de Xaraés.

Viva ao rico santuário
Viva ao homem pantaneiro
Viva ao natural aquário,
Pantanal dos brasileiros.
Que o poeta do universo,
Deus, autor de todo verso,
Rimou com muito sucesso
No seu poema primeiro.



A Mentira

Filhote do Desdém e Covardia,
Cruel irmã da Calúnia e da Maldade,
Nasceu a vil Mentira em triste dia
No catre da nociva Falsidade.

Discórdia era o prenome da parteira
Que na Dor abortara o vil rebento,
Sob o Medo que abafa a choradeira
Na vã masmorra podre de excremento.

Mesmo sendo da Infâmia algoz gerado,
O Embuste fiel engodo se proclama
A deter d'alva Fama a Boa Sorte...

Mas na Insídia a Verdade audaz se inflama
E prova sob a luz do véu Sagrado
Que a Mentira é o atalho para a Morte!



Maria da Glória Sá Rosa



Nasceu em Mombaça (CE). Radicou-se em Campo Grande, onde exerceu o magistério, transformando-se em excepcional agente cultural nas segunda metade do século passado: criou o Teatro Universitário de Campo Grande, organizou inúmeros festivais de música e de teatro. Seu nome está ligado a todas as iniciativas culturais a partir de 1960. Seu livro mais recente é "Música em Mato Grosso do Sul" (2009) em parceria com Idara Duncan. Ocupa a cadeira nº 19 da ASL.

A cidade contém o passado como as linhas das mãos

"A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata".

Italo Calvino

Cheguei aqui aos sete anos, numa manhã em que o frio, congelava até os pensamentos. Vim no ritmo do trem, que até hoje me embala nas noites de insônia, enquanto fagulhas cruzam a escuridão. Quando me lembro da cidade daquele tempo de ruas tranquilas, sem asfalto, com carroças e cavalos circulando por elas, sem outras diversões a não ser as conversas nas calçadas, as sessões de cinema, os passeios no jardim público, custa-me crer que a Campo Grande que vejo diante de mim seja a mesma de tantas décadas atrás.

Segundo os que gostam de viver do passado, a cidade se alarga na memória de seus habitantes. No entanto, sua história está presente nos arranhões e entalhes dos edifícios, nos troncos das árvores centenárias, no deslizar silencioso das águas dos córregos, no ressoar dos sinos das igrejas, nas velhas fotos perdidas em álbuns, ou museus.

Retirei de um livro de histórias de vida lembranças de uma Campo Grande onde a calma era signo distintivo.

Velhos professores fazem referência à cidade que persiste nas dobras da memória.

Luís Alexandre de Oliveira fala de uma terra de faroeste, habitada por gente interessada apenas em dinheiro. Ayd Camargo César descreve as escolas de rígida disciplina, nas quais as classes das meninas eram separadas das dos meninos. Múcio Teixeira Júnior refere-se ao medo do comunismo, que dominou a década de quarenta, e relata a decepção com a derrubada de prédios históricos, como o Grupo Escolar Joaquim Murtinho e os cines Alhambra e Santa Helena. Luísa Widal reproduz com os olhos da saudade os desfiles escolares e o prazer com que eram cantados os hinos patrióticos na entrada das aulas. Como num vídeo-tape, revê-se nos bailes familiares em que aconteciam namoros e casamentos. Dona Constança fala do medo de viver num lugar onde aconteciam assassinatos na rua principal, em plena luz do dia, enquanto conserva na memória o matagal onde os maus elementos costumavam se esconder. A prof^a Adélia Krawiec relembra a influência política nas nomeações e enfatiza o preconceito que sofreu no magistério por ser negra.

Tudo isso que hoje parece ridículo e absurdo faz parte da construção de Campo Grande. uma metrópole dinâmica, em dia com os mais modernos recursos da tecnologia, inserida na globalização. Aqui, a arte, antes ignorada, transformou-se em metáfora do desenvolvimento. Da ousadia de cabeças brilhantes brotaram arranha-céus, universidades, shoppings, computadores, que funcionam em espaços abertos à liberdade de ser, de criar, de pensar.

A cidade é resultado da onda que reflui das recordações e se dilata, como a adolescência, que se desprende da infância e prolonga-se na maturidade. Cada monumento, cada rua, são páginas escritas, há muito tempo que, depois de transformar-se em símbolos de vida, despontam em direção ao futuro. Alguns dos erros do passado, como a frieza nos relacionamentos, a violência, o egoísmo, persistem como raízes, que precisam ser exterminadas, a fim de que as possi-

bilidades mais autênticas do campo-grandense possam realizar-se num cenário em que a cultura não seja uma palavra vã mas a única alternativa de salvação.

Da esponja do passado escorre o óleo criador.



Uma visita à ACP, corajosa ilha no passado educacional campo-grandense

*“Vivemos entre esquecimento e memória
Esse instante é uma ilha combatida
Pelo tempo incessante”.*

Octavio Paz

Convidada a prestar um depoimento, penetrei no prédio moderno da rua 7 de setembro, 693, sem conseguir reter as lembranças, que afluíam como ondas no grande mar da memória. Encontrava-me na Associação Campo-grandense de Professores, símbolo das lutas de nossos professores contra a ignorância, o descaso dos poderosos e principalmente contra os salários humilhantes, que costumam receber os que fazem da arte de ensinar uma opção de vida.

A ACP, através da competência, comprada a duros prazos e juros amargos, conquistou seu crédito no mercado curricular da Educação, transformando-se num sindicato dos mais atuantes a que recorrem os associados na busca de respostas alentadoras.

A sede dispõe hoje de modernos espaços funcionais para a realização de cursos, aulas de artesanato, clube de campo com atividades para os idosos, auditório, salas de aula e de conferências.

Mas as coisas nem sempre foram assim. Se voltarmos os olhos a 1952, quando surgiu a ACP, a situação dos professores deixava muito a desejar. Além da falta de planos, que orientassem a educação, as no-

meações faziam-se segundo critérios políticos, dando margem a que demissões acontecessem sem possibilidade de defesa. Planos de saúde não existiam, o que obrigava o professor a comparecer á escola, mesmo estando doente. Deveres de modo geral se sobrepunham a direitos.

Antenada com as novas reivindicações políticas e sociais, de uma sociedade em permanente mudança, consciente da importância do passado na construção do presente, a atual diretoria pretende fazer um levantamento da história da entidade, que sobreviveu a 58 anos de batalha pelos direitos dos construtores do panorama educacional do Estado. Provavelmente será lançado um livro de registro e um DVD dos acontecimentos marcantes.

Então, como emissora de fatos que a memória reconstrói com a força das emoções, que os ventos do tempo não destroem, lembrei-me do professor Alinor Bastos, rara figura humana, sempre de bem com a vida, que foi o primeiro presidente da entidade. A seu lado, Ernesto Garcia de Araújo, Maria de Lourdes Teixeira, Maria Constança de Barros Machado, Ana Luíza Prado Bastos, José Pereira Lins e outros arregimentaram a classe, preocuparam-se com a elaboração dos estatutos, ergueram as bases de um edifício repleto do sol, que ilumina vidas repletas de ideais.

Relatei as campanhas em que me envolvi na qualidade de terceira presidente da entidade para a compra de um terreno onde deveria situar-se a sede da ACP. Recordei o entusiasmo de professores e alunos que participaram de barraquinhas, bingos, desfiles de moda para coletar fundos.

A memória involuntária transportou-me ao Rádio Clube Cidade onde foi coroada Maria de Lourdes Buainain Teixeira como Rainha dos Estudantes de Campo Grande numa campanha que conseguiu arrecadar o dinheiro necessário à aquisição da Casa situada na rua 7 de setembro, onde funciona hoje a ACP.

O rio negro do tempo prosseguiu rumo à eternidade, levando muitos dos valorosos companheiros, que reformaram a casa e dotaram-na dos confortos necessários à sua manutenção. Em meu depoimento

ressaltei quão importante foi o trabalho de todos os que construíram uma entidade que trabalha unida visando à formação da matéria mais preciosa da natureza: o ser humano:

Respirei feliz por ter dedicado toda a minha vida a uma profissão que é símbolo da resistência ao atraso, que promove mudança de mentalidades, visando ao bem da infância e da juventude. Dediquei especial homenagem aos que unidos contra o preconceito, o atraso, o egoísmo se juntam numa entidade aberta ao sonho, ao ideal de caminhar de braços dados, como queria o poeta Dummond, em favor dos direitos de um magistério livre e corajoso. Cinquenta e oito anos (58) anos após sua criação, a ACP continua dinâmica, quebrando lanças a favor da verdade e da justiça numa sociedade carente de mudanças que só a Educação é capaz de realizar.guardo com ansiedade o livro ou o DVD de sua história.



Minhas lembranças de Aracy Balabanian

*“A prisão é a segurança, as barras o apoio para as mãos.
Então reconheço que a liberdade é para muito poucos.”*

Clarice Lispector

Em 1993, Aracy Balabanian esteve em Campo Grande para participar de um debate com os jovens sobre os problemas de uma arte que é o princípio e o fim de sua longa carreira nos domínios do cinema, da TV e do teatro. Aqui, ao chegar, para apresentar também a peça Fulaninha e Dona Coisa no Glaucete Rocha, uma grande decepção a esperava. Seu nome fora retirado da entrada do teatro, que leva seu nome, e que por sinal se encontrava em péssimas condições. Revoltada, pediu-me que a acompanhasse a uma audiência com o então governador Pedro Pedrossian a quem iria exigir pessoalmente que o signo Aracy Balaba-

nian voltasse a figurar no alto do Centro Cultural José Octavio Guizzo. Decidiu também não sair da audiência sem obter dele a promessa de que o teatro sofreria as reformas necessárias ao seu funcionamento.

Furiosa disse-me ela:

“Vim a Campo Grande representar e falar de teatro e estou sendo obrigada a dar bronca, depois que vi meu nome no chão. Ora, todo o artista sonha com seu nome na porta do teatro e não quero o meu escondido, como o de Glauce Rocha que só foi homenageada depois de morta e não pôde chiar pelo desprezo que lhe deram, quando seu teatro ficou mais de seis anos fechado. Estou disposta até a ajudar na limpeza, a varrer o chão, mas exijo respeito aos meus anos de trabalho árduo a favor da arte no Brasil.

Diante da raiva, que a transformava numa nova Gemma, papel que desempenha na novela *Passione* e que tem muito de sua autenticidade e coragem de derrubar barreiras de hipocrisia, temi pelo resultado da reunião. Mas para minha surpresa no final riam, e a descendência armênia de ambos falou mais alto e um longo abraço selou o resultado do encontro. Aracy obteve de Pedrossian todas as garantias necessárias à reforma e ao funcionamento do teatro e saiu dali feliz para estimular nos jovens o gosto pela arte, que mais toca a fragilidade humana e que por isso exige trabalho conjunto, mobilização, união de ideias e propósitos.

No debate com os jovens, Aracy enfatizou sua determinação de nunca ater-se a ideias feitas. Ser atriz era única coisa que sempre a motivou e de que nunca desistiu apesar de o pai, o armênio Rafael Balabanian ser contra.

Capaz de desempenhar os mais distintos e diferentes papéis em peças de autores que vão de Brecht a Shakespeare, de Sófocles a Ademar Guerra e Sílvio de Abreu, Aracy modela na máscara facial as mais diversas percepções do mundo enche de doçura os olhos da gente, como a definia o poeta Carlos Drummond.

Alegre, comunicativa, feliz de encontrar-se em Campo Grande, andou comigo pela cidade em que nasceu e onde decorreu parte de nossa conversa, que se prolongou depois por telefone, quando voltou para o

Rio. Em diversos momentos, senti-me tomada pelo entusiasmo de uma carreira que naquela época ultrapassava 33 anos e que foi construída na consciência da escolha, na força do talento e da coragem. Pensei em Carlitos, seu herói preferido, o genial vagabundo que costumava banhar o heroísmo em ironia e compreendi que o humor é a força maior que sustenta a luta de Aracy.

Hoje ao revê-la em Passione, sorrindo, gritando, resmungando num italiano arrevesado, retiro da memória pedaços de nosso encontro e bendigo a opção pela liberdade que permitiu a Campo Grande e ao Brasil tê-la nos mais diversos palcos da arte reinterpretando a vida.



RAQUEL NAVEIRA

Nasceu em Campo Grande (MS). Professora universitária. Formada em Direito. Autora de numerosas obras (quase todas de poesia), dentre as quais: Via Sacra, Fiandeira, Guerra entre irmãos, Abadia, Samaritana, Maria Madalena, Casa de Tecla, Senhora, Casa e Castelo. É membro do PEN Clube do Brasil. Ocupa a cadeira n. 8 da ASL



Fel

Despeja o fel de tua ânfora
Sobre meus cabelos de escrava,
Sobre minha veste de grega
Úmida e dourada
Despeja o fel de tua boca
Sobre as formas do meu corpo,
Sobre meu poema em latim
Amargo e arcaico.
Despeja o fel de tua alma
Sobre meus sonhos mitológicos
Em que és anjo no escuro
E eu, mulher,
Entregue ao vento nas cortinas.
Despeja o fel de tua ânfora
Que posso comportá-lo em conteúdo.
Despeja o fel de tua boca
Que posso apará-lo nas folhas da minha poesia.
Despeja o fel da tua alma
Que sou mulher e é minha sina.

Boiadeiro – pantaneiro

O boi tem olhos ingênuos,
Caminha sereno pelos pastos da morte
Ou pelos campos sagrados da Índia.
O boiadeiro marca seu pelo com brasa,
Levanta o arame farpado,
Atrela o arado
E a abre a terra,
Abre fundo,
Até sangrar poeira,
Arrebentar sulcos e estrias.
O rio tem olhos de índio,
Flui por entre as tribos
E as fogueiras dos forasteiros,
O pantaneiro aguarda o limo,
Joga as sementes no musgo
E vê a sementeira explodir pelas margens.
A tarde tem olhos de garça,
Traz nas plumagens das nuvens
A tinta rósea do pôr do sol.
O boiadeiro-pantaneiro
Deixa o coração de fora,
Sulcado de limo e lágrimas
Na sementeira de um amor sofrido.
A noite tem olhos de jacaré,
Brilham vaga-lumes na água
Como submersas lâmpadas acesas.
O pantaneiro-boiadeiro
Sente a espessura do mato,
A textura dos cheiros e das crenças
Na fibra escura da natureza.
Olhos de bois,
De índios,
De garças,

De jacarés
Espreitam o homem,
Que é boiadeiro,
Que é pantaneiro.

Amor mitológico

Sou uma ninfa menina,
Dessas que habitam o oco das árvores
E enfeitam os cabelos com boninas,
Sou simples e delicada,
Quase não falo,
Prefiro tocar flauta
E sentir paz quando me calo,
Mas qual não foi minha sina,
Apaixonar-me por um centauro
Que corria disparado na ravina!
Era linda a sua crina dourada,
O seu torso de homem claro
E seu faro logo me descobriu
Como se eu fosse uma égua na baia,
Por mais que eu deseje que esta paixão saia,
Ela me domina:
Fogo que veio no vento,
No sopro de suas narinas;
Quando eu o quero manso e angélico,
Ele é bruto
E me bate com os cascos;
Quando eu o quero viril e bélico,
Ele larga o arco
E me afaga com palavras doces
E desde então
Vivo vagando pela campina
Com o corpo doído

E a alma machucada,
Pois nunca pensei que fosse tão difícil
Amar ou ser amada.

São Jorge

São Jorge,
Grande mártir,
Guerreiro,
Lutador.
De soldado terreno
A soldado de Cristo,
Valente, Arrojado,
Terminou jogado na prisão
Com uma pedra no peito,
Enterrado em cal viva,
Decapitado.
São Jorge,
Cavaleiro medieval,
Cingido com a couraça da fé,
Na mão a espada da justiça
Que fere o dragão do mal.
Ó São Jorge,
Santo oriental,
O demônio assalta,
Ruge,
Quer devorar,
Ajude-nos a combater
Tamanha força infernal!



REGINALDO ALVES DE ARAÚJO



Natural de Itabaiana (PB), nasceu em 1946. Professor e presidente da Associação dos Novos Escritores de MS e fundador do Jornal Arauto. Dentre suas obras destacam-se: “Saga Pantaneira”, “Futebol - Uma Fantástica Paixão”, “Futebol Campo-Grandense”, “O Paladino do Pantanal” e “Águas do Povo”. Ocupa a cadeira nº 21 da Academia, da qual é o atual presidente.

Edson Tognini Médico que fez história no Operário F. C.

Nascido na cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do sul, no dia 18 de maio de 1932, EDSON TOGNINI, um dos mais dedicados e afamados médicos anestesistas que os sul-mato-grossenses conhecem, destacou-se na década de 70 como médico da equipe de futebol do Operário Futebol Clube, time de maior torcida do Estado.

Iniciou seus estudos numa escolinha de Dona Galega, situada na Avenida Afonso Pena, nas proximidades do Obelisco, onde fez o curso primário. Transferiu-se para o Ginásio Estadual de Campo Grande, hoje Escola Estadual Joaquim Murtinho. Concluindo o ginásio rumou para a Cidade Maravilhosa, estudou e concluiu o 2º grau no concorrido colégio ANDREWS do Rio de Janeiro. Após passar no disputado vestibular da Universidade Federal, matriculou-se e cursou a Faculdade de Medicina, com aplausos, recebendo o diploma da Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 1957.

Com a saudade rugindo no peito, EDSON TOGNINI, agora médico, retorna para Campo Grande no ano de 1958 e, sem perda de tempo,

inaugura o consultório de médico anestesista para servir a população que tanto ama.

Dois anos depois, apaixonou-se perdidamente pela linda bela-vis-tense Azir Mercedes Pedra, casando-se no final de 1960. Do festejado casório nasceram três filhos: Maurício (engenheiro), Marcelo (médico) e Mônica (médica).

No ano de 1972 o futebol da cidade de Campo Grande profissionalizou-se. Os dois primeiros clubes que pularam do amadorismo para o profissionalismo foram Esporte Clube Comercial e Operário Futebol Clube. Ambos necessitavam de médicos para cumprirem o regulamento da Federação de Futebol do Estado. O Operário Futebol Clube acionou o ortopedista Aluizio Macedo que, por sua vez, convidou o nosso herói para ficar responsável pelo setor de anestesia do clube. Foi desta forma, estendendo o braço amigo da amizade, que o Dr. EDSON TOGNINI, cumprindo religiosamente a missão de anestesista no esporte, transformou-se num dos médicos mais queridos e aplaudidos do futebol sul-mato-grossense.

Ele se orgulha de ter trabalhado com técnicos de futebol de renome nacional, dentre eles Muca, Diede Lameiro e o inesquecível, detentor de muitos títulos de campeão, Carlos Castilho, de quem desfrutava de uma rica e sólida amizade.

Como médico do Operário Futebol Clube de 1972 a 1979, felicíssimo, se ufana de ter conquistado cinco títulos de campeão pelo famoso “Galo da Avenida Bandeirantes” e que ainda ama e torce, na quietude de sua aposentadoria, por dias melhores.

No ano de 1964, para distração, passou a jogar no PLEC, time criado pelos profissionais liberais para a prática do futebol. Segundo ele, era um razoável quarto zagueiro que não decepcionava.

Atualmente o médico EDSON TOGNINI, também professor da cadeira de Anesteriologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, goza de sua merecida aposentadoria desde 1993 e fica prazeroso quando lembra de sua luminosa trajetória no futebol sul-mato-grossense.

Sivuca – maestro da sanfona

Dona Santina morava entre árvores, à margem direita do rio Paraíba, no início do pequeno distrito de Campo Grande, numa casa cheia de janelas. Tinha a cara e as mãos todas franzinas e os olhos sempre esbanjando bondade. Quando faminto ia visitá-la e ela me dava cocada e tapioca de coco. Penso com saudade daquelas cocadas, daquelas tapiocas, e da cara e das mãos de Dona Santina.

Numa tarde de sol morno ela me recebeu na varanda com a felicidade borbulhando nos olhos. Contou que recebera na parte da manhã a visita do prefeito Josué de Oliveira e, este, para um evento na feira de Itabaiana, lhe encomendara dezenas de cocadas, tapiocas e bejus. A empolgação dela chegou ao auge quando mencionou que o prefeito estava acompanhado do irmão Severino de Oliveira, o SIVUCA, o sanfoneiro que a cidade se orgulha.

- Ele até tocou uma moda na sua sanfona prateada, em minha homenagem – disse sorrindo, enquanto entregava-me um exemplar do Diário de Pernambuco deixado pelo prefeito.

- Ele é branco – ela continuou falando – mas tão branco que mais parece bolha de sabão, é o que chamam de albino...

Correu para a cozinha largando o jornal em meu colo que, ansioso, abri e logo na segunda página estava a reportagem completa da fantástica carreira musical de SIVUCA, indicando-o como um dos maiores artistas do século XX, responsável por revelar a amplitude e a diversidade da sanfona nordestina no cenário mundial da música, tido como multi-instrumentalista, maestro, arranjador, compositor, orquestrador e cantor.

Interrompi a leitura para saborear as guloseimas trazidas da cozinha. Dona Santina, bondosa e generosa, notando meu agudo interesse demonstrado na leitura, não se fez de rogada e ordenou:

- Gostou do jornal? É seu, leve para sua casa.

Naquela noite, sem deixar escapar uma só palavra do jornal, aprendi que SIVUCA nasceu no dia 26 de maio de 1930, em Itabaiana, Estado da Paraíba e como sanfoneiro estava contribuindo para o enriquecimento

da música brasileira, ao revelar a universalidade da música nordestina e a nordestinidade da música universal. Estava sendo reconhecido mundialmente por seu trabalho, incluindo, entre suas composições, dentre outros ritmos, choros, frevos, forrós, baião, música clássica, blues, jazz, entre muitos outros. Havia ganhado a sanfona do pai em 13 de junho de 1939, num dia de Santo Antônio, aos nove anos. A partir daí, a inseparável companheira o levaria para mundos desconhecidos. Aos 15 anos, ingressou na Rádio Clube de Pernambuco, em Recife. Em 1948, já era apontado como o maior sanfoneiro do nordeste.

Segundo o jornal, SIVUCA gravou o seu primeiro LP em 78 rotações, pela Continental, em 1951, com “Carioquinha do Flamengo” (Valdir Azevedo, Bonifácio de Oliveira e Zequinha de Abreu). Nesse mesmo ano, lança o primeiro sucesso nacional, em parceria com Humberto Teixeira, “Adeus, Maria Fulô”. Transferiu-se, em 1955, para o Rio de Janeiro e, no ano seguinte apresentou-se, com estrondoso sucesso, na Europa (Portugal, Espanha e França), sendo, em 1959, considerado o melhor instrumentista do momento pela imprensa parisiense. Residiu em Nova Iorque onde fez arranjos para músicas notáveis de cantores americanos, excursionando pelo mundo abrilhantando eventos e divulgando, no mais alto estilo, a já aplaudida música brasileira.

Compôs trilhas para os filmes “Os Trapalhões na Serra Pelada” e “Os Vagabundos Trapalhões”. As composições sinfônicas de Sivuca são absolutamente singulares na música erudita brasileira, porque o artista inseriu a sanfona como instrumento principal de sua obra. Um dos discos mais emblemáticos de sua carreira é o “Sivuca Sinfônico”, em que ele toca ao lado da Orquestra Sinfônica de Recife sete arranjos orquestrais de sua autoria, um registro inédito, único e completo de sua obra erudita. Também “Sivuca – O Poeta do Som”, que contou com a participação de 160 músicos convidados. Foram gravadas 13 faixas, além de suas reproduzidas em parceria com a Orquestra Sinfônica da Paraíba.

A reportagem finaliza dizendo que uma das músicas gravadas por Sivuca que traz por título “Feira de Mangaio”, estilo forró, é a mais dançada, ovacionada e tocada nas rádios dos estados nordestinos.

Até hoje guardo aquela luminosa reportagem.

Obs: Sivuca faleceu em 14 de dezembro de 2006, em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba.



Deslumbrante Ipê Amarelo

Findava-se o mês de agosto de 2009. O intenso movimento de flores e árvores ornamentais no encanto desabrochar sinalizava a tão esperada estação multicolorida da primavera. Exatamente nessa data recebi um convite irrecusável do Dr. Wilson Barbosa Martins, grande amigo, ex-governador do Estado e autor do livro “MEMÓRIA – JANELA DA HISTÓRIA”.

- Quer passar um dia diferente na minha fazenda? Estou indo sábado, às sete da manhã, que tal?

- Aceito com prazer - respondi com uma alegria, imedível. Ele, exalando ligeira satisfação, esboçou um leve sorriso.

A manhã daquele sábado mostrava-se de uma claridade espantosa onde, divinamente, o sol esbanjava fulgor inimitável. Juntos, no seu carro, rumamos para a fazenda São João, no município de Rochedo, distante 110 quilômetros de Campo Grande.

Quando deixamos o asfalto e mergulhamos no estradão de terra batida vislumbramos entre descidas e subidas, vales lindíssimos osculados por verdolengas árvores, campos floridos, regatos, fazendo-nos regozijar com as cores, cheiros, sons e toques da indelével natureza.

Chegamos. Descemos do carro defronte ao casarão da fazenda. Passei o olhar em derredor. Tudo era belo. O azul do céu, o verde da terra, o brilho do sol na correnteza que abastecia a rota d'água que tinha como finalidade distribuir o líquido precioso para as invernadas, o cheiro do leite, das frutas, do mel, da relva, das flores e o mero toque

da brisa matinal inebriavam-me de satisfação.

Saudado efusivamente pelo capataz, peões e amigos, o Dr. Wilson recebeu, em detalhes, as informações pertinentes ao andamento das tarefas dos trabalhadores contratados pela fazenda. De sorriso aberto manifestou, polidamente, sua aprovação. Ingerimos alguns goles de café. Delicadamente pousou sua mão direita em meu ombro.

- Vamos ao curral, os veterinários já estão iniciando a castração de cavalos...

Rumamos para lá. Os cavalos, ainda jovens, eram laçados em pleno carreirão por talentosos peões laçadores, conduzidos para o roliço mourão no centro do curral, arrojados ao solo, tendo as patas imobilizadas e, então, dava-se a extração dos testículos. Posicionamos-nos, vendo tudo, a uma distância de 10 metros.

Momento inesperado foi quando um fogoso e inquieto cavalo desvencilhou-se das mãos dos veterinários e, numa velocidade alucinante, veio para o nosso lado. Assombrado, pulei para trás do meu amigo tomando-o como escudo. Ele, sereno e afeito àquela lida, ergueu os longos braços, berrou uma palavra que não entendi, fazendo com que o animal tomasse outra direção. Sem graça postei-me ao seu lado. Sua ética não permitiu qualquer comentário, porém, seu silencioso sorriso dizia: que cara medroso! Eu imaginei.

- Estes animais, após a castração, são dóceis, tranquilos, próprios para prestarem bons serviços a nossa fazenda - disse ele, sóbrio, levando-me para o largo pátio do casarão.

- Agora vou lhe apresentar um amigo de 54 anos... - Apontou para o fundo do pátio - plantei-o com minhas próprias mãos, em agosto de 1955. Ganhei de Antonio Albuquerque, diretor do Horto Florestal de Campo Grande.

Aproximei-me o quanto pude do belíssimo pé de ipê que projetava no solo um sombreado espetacular, no viço da floração com suas folhas digitadas e flores grandes, com coroas de um amarelo esplendoroso. Indiscutivelmente o mais lindo de todos os ipês que meus olhos viram.

Já no almoço, de comida farta e saborosa, fui surpreendido com uma rede em meu colo entregue pelo Dr. Wilson. Armamos nossas

redes uma ao lado da outra. Caímos numa gostosa soneca. Acordei, meu amigo de 93 anos roncava. levantei sem ruído, de mansinho rumei para o pé de ipê. A beleza é a forma que o amor dá às coisas. Ali estava uma paisagem doce de olhar. No céu há de ter, no mínimo, um pé de ipê amarelo. Árvore que botou prazer no meu corpo, abriu um sorriso na minha alma, me benzeu, por dentro e por fora, numa carícia longa. Ali a ternura unia-se a quietude onde a luz do sol, entre ramos e flores, misturava-se com os cantos dos pássaros. Uma lição de amor.

Não abraço o animismo de Edward Tylor, que injeta a teoria da existência de uma alma na natureza, entretanto, diante de um pé de ipê belo e singular, sentia ligeiro frêmito de puro prazer, de pé, imóvel e silencioso, num ato contemplativo, tinha a impressão que ele era consciente de minha presença e me observava reconhecendo a devoção que lhe dedicava. É como se eu tivesse certeza que suas flores gozam o ar que respiram.

Dia magnífico aquele. Na despedida, tomando acento no carro, sorri para o florido Ipê exclamando em pensamento: Que bom te sentir nos olhos e no coração. Bendito sejas...



Indiscritível Charlie Chaplin

No finzinho de 1959 os itabaianenses estavam eufóricos com a inauguração do Cine Ideal, cinema moderno, confortável, o melhor e mais concorrido da região agreste paraibana, fadado a receber, em seu palco, as maiores estrelas da música nordestina como Luis Gonzaga, Marinê e sua gente, Jackson do Pandeiro e Genival Lacerda. Às terças-feiras eram exibidos filmes de bang bang e aos domingos os clássicos e nacionais. A cidade nunca esteve tão alegre.

Nos primeiros dias de 1960 chegaram os filmes de Charlie Chaplin. O pátio do cinema, naquele domingo, apanhava uma multidão.

Entrei na enorme fila para comprar o ingresso e quando dei por mim estava na frente do professor Almeida, diretor do Ginásio de Itabaiana, numa conversa que versava sobre a literatura francesa com a professora de francês, senhora Selma Monteiro. Curioso recuei o mais que pude para ouvi-los.

- Gosto muito da prosa francesa do século XVI – disse o estudioso diretor.

A docente ergueu os olhos para o movimento da bilheteria, coçou delicadamente os cílios com o polegar direito e, enquanto a fila andava, informou que dominaram a prosa francesa do século XVI dois dos mais originais e deleitosos pensadores de todas as literaturas, Rabelais e Montaigne. Diferentes de temperamento. Rabelais jocoso e bom camarada - Montaigne, a ponderação que sorri de leve. Juntos criaram a prosa francesa. Exerceram grande influência sobre os ensaístas e satiristas ingleses. Seus escritos e a tradição a que deram origem floresceu em esplêndidos escritores franceses como os modernos Anatole France e Victor Hugo. Rabelais com sua prosa faz o leitor arrepiar-se com o seu humor trágico, nele não há rir alto e, quando menos se espera é um gargalhador tremendo. Rabelais, que havia sido frade e depois médico, não tinha nenhum respeito por batinas, becas ou graus. Ele possui um vocabulário prodigioso, em parte por ele inventado, e empilhava imagens e analogias em massa. Já Montaigne comunga quietamente com a sua própria natureza e os livros. O “ensaio” é a única literatura cuja paternidade e data natalícia conhecemos com certeza. O “ensaio” tem pai e certidão de nascimento. Quando em março de 1571 Montaigne se retirou duma sociedade rumorosa para a torre do seu castelo afim de conversar consigo mesmo, o “ensaio” estava a gestar-se. E Montaigne, o primeiro ensaísta, manteve-se o maior de todos. A primeira edição dos ENSAIOS, de sua lavra, data do ano de 1580. O ensaísta supremo, o verdadeiro pai, está admitido que seja aquele homem que se encerrava na torre para conversar consigo mesmo.

Chegamos a bilheteria e a aula de literatura francesa morreu ali. Corremos todos para um encontro inesquecível, na tela do cinema, com

o fantástico Charlie Chaplin. Cinema mudo, não nos incomodou, os movimentos e a gesticulação do fabuloso ator ‘falavam’ claramente o sentido real das cenas.

Charlie Chaplin nos contou os desígnios do transparente CARLITOS, a vida do vagabundo CARLITOS, estado a que chegou, na Terra, um anjo caído ao Céu. Um conto sem palavras.

CARLITOS. Inocente. Triste. Fazia rir com a sua inocência e sua tristeza. Carregava as coisas mais belas do mundo. Poesia. Lembro-me dos olhos dele e do sorriso que nunca pode sorrir. Corpo de CARLITOS era um bailado de folhas mortas. Música. Lembro-me aos passos, dos gestos dele. Sim, um anjo no exílio. Disfarçado nas calças sem fim, no fraque cada vez mais roído, em cima dos sapatos enormes, o coco dançando na cabeça, a bengalinha entre os dedos. Não tinha idade. Sempre igual. Orfeo sem lira, Hamlet na rua, Dom Quixote a pé. Orfeo, Hamlet, Dom Quixote, mais ou menos sozinhos, falaram. CARLITOS não falou.

CARLITOS pobres dos pobres, imigrante, pastor de almas, vidraceiro, artista de circo. Sofreu em busca de ouro, sofreu na guerra, sofreu na cadeia. Barbeiro tímido do Gueto, o confundiram com o mais arrogante dos ditadores. Doce irmão das estrelas e das esquinas. Um espantalho. Mas em CARLITOS os pássaros vinham pousar, cantando. Tão puro! Tão amoroso! Tão repellido! Não sabia distinguir o bem e o mal. Tudo para CARLITOS era o mesmo espanto encantado, a mesma ternura esparsa nas coisas e nos seres.

O indescritível Charlie Chaplin, vivenciando CARLITOS, é simplesmente inesquecível.



RUBENIO MARCELO

*Poeta, compositor e revisor, é autor de oito livros publicados e dois CDs musicais. Pertence à Academia Maçônica de Letras de MS (Cadeira n° 13), é Conselheiro Estadual de Cultura de MS. Participou - como convidado - da **I Bienal Internacional de Poesia** - Brasília, reunindo os grandes nomes da poesia nacional e do exterior. Ocupa a Cadeira n° 35 da ASL, da qual é o atual secretário-geral.*



Fecundidarte

A sensatez do verso em correnteza
gestada pela força mais completa
da inspiração ativa do poeta
desabrocha os estames da beleza...

Traz essências da paz, mostra a proeza
do transcendente grito que projeta
o semblante da vida e traça a meta
dos sonhos da palavra em sã nudeza...

Desvenda a tessitura do intocável
e – num impulso arcano, assaz notável –
penetra na aridez e a desalgema.

Há mil mistérios nas sendas dos versos
que timbram horizontes abstersos
na tez fecunda e casta do poema!

Festa da Farinha de Anastácio – A Festa!

[Ou: Meu festivo tributo-acróstico]

Festa tem que ser festa boa
E repleta de atrações,
Selando a paz que escoa,
Timbrando o eflúvio que acalma,
Alçando a luz que revoa
da tez das sublimações
até o céu da nossa alma...
Festa tem que ser encontros,
Amores... risos leais,
Repentes transcendentais,
Inesquecíveis encantos,
Núcleo de mil acalantos,
Harmoniosos fanais...
A festa tem que ter graça
dourando as faces, pra ser
enlevo da grande massa!
A festa pra ser “a Festa”,
Necessita ter carisma,
Alegrias e prazer,
Surpresas, descontrações...
Tudo isto (a tempo e à hora),
Ágil, Anastácio esplendor
Com a Festa da Farinha:
Imagens que, em tabelinha,
Ornem nossos corações!...

A palavra

a palavra não conhece
o efêmero porto dos estios
ela busca o destino das pedras
é rocha, desafia o tempo
é tatuagem rupestre
a palavra
acalenta as pálpebras do eterno
desconhece a magia
dos bumerangues
e pode ser bastão letal
é pluma e é montanha
é seta que prende
as poitas do porvir
e vem alheia aos jingles
do esquecimento
a palavra
é plenitude brotando
de fecundas romãs douradas
é fogo que modela
as flautas de bambu
que conduzem o dia
mas pode ser a serpente sem encanto
que se perdeu na noite...
ah... a palavra.



Maria da Glória Sá Rosa

[Ou: Singelo Tributo à Professora Glorinha]

Maria, o teu semblante iluminado
Ostenta a perenal similitude
Com a flor mais perfumada que, no prado,
Deixa todo universo em completude.

Na tez do teu ofício abençoado,
Fecundas a essência da virtude.
E assim de ti nos vem lume encantado,
Pois és da sã palavra a plenitude.

És dádiva imortal do Criador,
Que, envolto em teu carisma e resplendor,
Também fez a estrela que seduz...

Tens Glória e a formosura de uma Rosa;
O teu ser é enlevo em verso e prosa...
Professora Glorinha, és nossa luz!

Elegia a Saramago

Tranquilo, ele partiu
levando “*os apontamentos*”
“*Deste mundo e do outro*” ...
Qual indômito viajor,
certamente, nem se preocupou
com detalhes fúteis
nem levou lembranças
da “*Terra do pecado*”.

“*Levantado do chão*”,
partiu feliz e sóbrio,
contemplando sóis incólumes,
transcendendo “*la balsa de piedra*”
e deixando lúcidos ensaios
e “*pequenas memórias*”
em seu “*Caderno*”.
Serenos em sua rebeldia,
ele partiu
sem nem se despedir
das cegueiras desta existência
e do âmago amargo do cotidiano.
Partiu. Viverá...
Sempre.

(18/06/2010)

Avenida Afonso Pena

Ó meiga e majestática Avenida,
Orgulho da Morena Capital...
Das nossas volições és acolhida;
De Campo Grande és um cartão-postal.

Teu canteiro central preserva a vida
Que se esparge em visão escultural...
Cenário arborizado, paz florida,
Colóquios em canção dominical.

A flora centenária, que te adorna,
Encanta a afável noite e a tarde morna
Com semblante virente e tez amena...

És patrimônio histórico de um povo,
Paisagem de beleza e de renovo,
Oh! ímpar Avenida Afonso Pena!

Minha Ode a Campo Grande

Ser estame da flor deste cerrado
Em perfeito e justíssimo prazer...
Partilhar deste encanto abençoado
Que sublima a cerviz do nosso ser.

Seduzir-se perante este eldorado
No fluir natural de um benquerer...
Chamar-se chamamé, mate gelado,
Ou guavira em eterno florescer...

Ter a morena cor deste lugar;
Ser qual trigo fecundo e respirar
Toda beleza inata que se expande...

Verdejar horizontes e sementes
Em segredos e prosas transcendentais...
E ser feliz assim em Campo Grande!

Corumbá

I.
alçar voo com a natureza,
aos olhos ardentes da branca estação,
embarcar na primazia
e singrar o rio Paraguai...

velejar a floração da paz
refletida nas messes
das águas e céus azuis
em harmônica meditação
com aves e camalotes...

II.

passar... conjugando sagas
entre paisagens e alamedas...
reviver símbolos vitais em lúcidas evocações,
contemplan templos e monumentos...
aquecer-se... fecundando os graais da essência.

III.

ao lume de invictos fanais,
desvendar arcanos horizontes
e percorrer as sendas
que abraçam o semblante do porto...
definir os segredos de inesquecíveis imagens
e imaginar quanta história
está resguardada naqueles casarios...

IV.

nas telas naturais da beleza,
reinventar o enlevo, flertar com os madrigais
que apascentam o sonho...
ser assim encanto e acalanto,
qual fauna e flora do Pantanal...
ser luz e transcendência,
como o verso de Lobivar
e o traço de Jorapimo.
viver... viajar... ser feliz
em Corumbá!

Rondel de um ser proscrito

Ó pégaso de prata, traz meu sonho
que se foi numa estrela pro infinito...
Preciso contemplar o sol risonho
que iluminou meu dia e se fez mito.

Não quero esta rotina em tom medonho
a condenar-me a ser um ser proscrito.
Ó pégaso de prata, traz meu sonho
que se foi numa estrela pro infinito...

Em quânticos graais, eu decomponho
essências calcinadas do meu grito...
Assim... Pra que eu não seja um ser tristonho
nem seja para sempre um ente aflito,
Ó pégaso de prata, traz meu sonho!

Pecados

Preso ao pecado que trago latente
em minha mente, vou rumo ao penedo
onde eu esmago o meu corpo dolente
que se ressent de um ditoso enredo...

Às vezes sonho livre da corrente,
na senda ardente que eu sempre enveredo...
Porém cansado, ante o cruel tridente,
eu sigo em frente neste meu degredo.

Carrego em mim a marca da peçonha
que não conhece a minha alma risonha
e vai traçando um destino infecundo...

Tecendo a herança deste meu pecado,
assim me encontro para sempre atado
ao tal pecado que eu herdei do mundo.

Tua presença

Se estás comigo, eu sinto que preciso
da tal presença tua. E, nesta crença,
eu busco mais e mais tua presença,
qual náufrago buscando o paraíso...

Se estás presente em mim, largo sorriso
adorna o meu semblante em renascença...
Entanto a tua falta é qual sentença
que me aflige e me faz ser interciso.

A paz, por um instante, faz-se ausente
quando o meu senso crítico presente
que tu causaste em mim tal dependência...

Mas logo a paz retorna plenamente:
eu retorno a viver teu ser presente,
sem nem imaginar a tua ausência!



Sua excelência, o voto

Mostrar que é hora de o Brasil ser o Brasil
Do povo honesto, brioso, trabalhador.
Dizer um não ao ladino, ao sorriso vil
Que mimetiza o semblante do impostor.

Não ser bovino que, amordaçado ao canzil,
Sofre e nem sabe o motivo da sua dor...
Agir consciente, com gesto nobre e sutil,
Buscando as sendas de um sol de real fulgor.

Fazer valer instrumento espetacular.
Dar basta aos bandos, às fraudes, à corrupção
E às desordens que tisnam esta nação.

Clamar justiça, igualdade, paz, retidão;
Bramir que é hora de este país melhorar.
Deixar tudo isto patente... Saber votar!

RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS



Academia
Sul-Mato-Grossense
de Letras

(Patronos e Titulares)





CADEIRAS

- N° 01 | Patrono: Nicolau Frageli
Titular: **Hernani Donato**
- N° 02 | Patrono: D. Francisco de Aquino Correia
Titular: **Padre Afonso de Castro**
- N° 03 | Patrono: Ulisses Serra
Titular: **Heliophar de Almeida Serra**
- N° 04 | Patrono: Joaquim Duarte Murtinho
Titular: **Guimarães Rocha**
- N° 05 | Patrono: José Ribeiro de Sá Carvalho
Titular: **Enilda Mougnot Pires**
- N° 06 | Patrono: Arnaldo Estevão de Figueiredo
Titular: **Thereza Hilcar**
- N° 07 | Patrono: José de Mesquita
Titular: **Américo Calheiros**
- N° 08 | Patrono: Itúrbides Almeida Serra
Titular: **Raquel Naveira**
- N° 09 | Patrono: Mal. Mascarenhas de Morais
Titular: vaga

- N° 10 | Patrono: Argemiro de Arruda Fialho
Titular: vaga
- N° 11 | Patrono: José V. Couto de Magalhães
Titular: **José Couto Vieira Pontes**
- N° 12 | Patrono: Mal. Cândido M. da S. Rondon
Titular: **Orlando Antunes Batista**
- N° 13 | Patrono: Patrono: Estevão de Mendonça
Titular: vaga
- N° 14 | Patrono: Patrono: Severino Ramos de Queirós
Titular: **Jorge Antônio Siúfi**
- N° 15 | Patrono: Patrono: Pandiá Calógeras
Titular: **Paulo Corrêa de Oliveira**
- N° 16 | Patrono: Patrono: Rosário Congro
Titular: **Paulo Tadeu Haendchen**
- N° 17 | Patrono: Patrono: Eduardo Olímpio Machado
Titular: **Valmir Batista Corrêa**
- N° 18 | Patrono: Patrono: Aguinaldo Trouy
Titular: **Abrão Razuk**
- N° 19 | Patrono: Patrono: João Guimarães Rosa
Titular: **Maria da Glória Sá Rosa**
- N° 20 | Patrono: Patrono: Visconde de Taunay
Titular: **Paulo Sérgio Nolasco dos Santos**

- N° 21 | Patrono: Arlindo de Andrade Gomes
Titular: **Reginaldo Alves de Araújo**
- N° 22 | Patrono: Vespasiano Martins
Titular: **Rêmollo Letteriello**
- N° 23 | Patrono: Sabino José da Costa
Titular: **Rui Garcia Dias**
- N° 24 | Patrono: Lobivar de Matos
Titular: **Francisco de Albuquerque Palhano**
- N° 25 | Patrono: Arnaldo Serra
Titular: vaga
- N° 26 | Patrono: Pedro Medeiros
Titular: **Adair José de Aguiar**
- N° 27 | Patrono: Antônio João Ribeiro
Titular: **Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro**
- N° 28 | Patrono: Raul Machado
Titular: **Augusto César Proença**
- N° 29 | Patrono: Elmano Soares
Titular: **José Pedro Frazão**
- N° 30 | Patrono: Otávio Cunha Cavalcanti
Titular: vaga
- N° 31 | Patrono: Henrique Cirilo Correia
Titular: **Hildebrando Campestrini**

- N° 32 | Patrono: Weimar Torres
Titular: **Abílio Leite de Barros**
- N° 33 | Patrono: Ovídeo Correia
Titular: **Flora Egídio Thomé**
- N° 34 | Patrono: Tertuliano Meireles
Titular: **Altevir Soares Alencar**
- N° 35 | Patrono: Múcio Teixeira
Titular: **Rubenio Marcelo**
- N° 36 | Patrono: Franklin Cassiano da Silva
Titular: **Lucilene Machado Garcia Arf**
- N° 37 | Patrono: Padre José Valentim
Titular: **Francisco Leal de Queiroz**
- N° 38 | Patrono: Enzo Ciantelli
Titular: vaga
- N° 39 | Patrono: João Tessitori Júnior
Titular: **Geraldo Ramon Pereira**
- N° 40 | Patrono: Lima Figueiredo
Titular: vaga

Esta obra foi composta em Georgia,
impressa pela Gráfica Viena em papel offset
para a Life Editora em setembro de 2010.

